REVISTA DA SEMANA

4 de Julho de 1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

VARIOS MILHÕES DE CRUZEIROS EM PREJUIZOS TEVE A NAÇÃO ★ 18 SINDICATOS ADERIRAM AO MOVIMENTO INICIADO PELOS OFICIAIS DE NÁUTICA ★ TRANSTORNADA A VIDA DE TODO O PAÍS ★ A MARINHA DE GUERRA NOS NAVIOS MERCANTES ★ AS NEGOCIAÇÕES FORAM INTERROMPIDAS PORQUE UM LÍDER GREVISTA FÔRA PRÊSO NO RECIFE ★ INTERVÉM NO LITÍGIO O MINISTRO DO TRABALHO E O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Texto de **JOSÉ MARIA NEVES**

Fotos de **ADIR VIEIRA e JOSÉ MARIA NEVES**

1 azul 35cm.

GREVE

A MAIOR GREVE DEFLAGRADA NO BRASIL

A MAIOR GREVE DEFLAGRADA NO BRASIL

A zero hora do dia 16 do mês passado, o país foi surpreendido pela maior greve já deflagrada em nossos meios. Cêrca de 100 mil trabalhadores do mar, compreendendo desde os comandantes, pilotos, oficiais de máquinas, taifeiros, enfermeiros, operários navais e outros, todos com atividade em navios, rebocadores e outras embarcações do Lóide Brasileiro, Companhia de Navegação Costeira e emprêsas particulares, cruzaram os braços. De início ninguém acreditava que o movimento tivesse o efeito almejado pelos grevistas, que era exatamente a paralisação das atividades nos meios náuticos. Todavia, dado o grito de ordem pelo Sindicato dos Oficiais de Náutica, o primeiro a iniciar a parede, os demais aderiram. Dia a dia manifestavam-se as adesões dos diversos sindicatos que congregam o pessoal do mar, até que 48 horas após a decretação do grande movimento, a totalidade dos órgãos classistas já se achava em greve.

PREOCUPOU-SE O GOVÊRNO

Em agitada assembléia, os oficiais de náutica decidiram pela decretação da greve. Compareceram cêrca de 150 associados e 75 votaram a favor do movimento paredista, enquanto 17 pronunciaram-se contra. Um voto em branco, apenas, foi computado na ata dos trabalhos. Anunciada a decisão da maioria, o acontecimento foi comemorado estrepitosamente. A notícia correu célere e nessa mesma noite (a sessão terminou às 23 horas), mais três sindicatos solidarizavam-se com os comandantes e pilotos. De sorte que, já a zero hora, ou melhor dizendo, aos primeiros minutos do dia 16, as unidades navais começaram a ser abandonadas pelas respectivas tripulações.

Sentindo a gravidade da situação, o ministro do Trabalho, Sr. João Goulart, mandou às pressas um representante seu ao sindicato dos náuticos, a fim de conseguir persuadir os grevistas de seu intento. De nada valeram os argumentos do Sr. Osmar da Silva, delegado do IPASE no Distrito Federal. O govêrno fôra vencido em suas pretensões de evitar a deflagração do movimento. Logo após o discurso do representante do ministro do Trabalho, vários oradores associados da entidade de classe, usaram da palavra atacando veementemente o govêrno do Sr. Getúlio Vargas, responsabilizando-o, inclusive, pelo mal-estar da classe.

— Por que não nos atenderam em tempo, quando fomos, por várias vêzes, ao Palácio do Catete? Agora, nada mais adianta — eram as frases inflamadas dos grevistas, que, eram frenèticamente aplaudidos.

— Não temos compromissos políticos com quem quer que seja. O que nos interessa é não deixar as nossas famílias morrerem à fome. — Diziam outros oradores, que, como os demais, tinham as últimas frases abafadas por estrondosas salvas de palmas.

AS REIVINDICAÇÕES DOS MARÍTIMOS

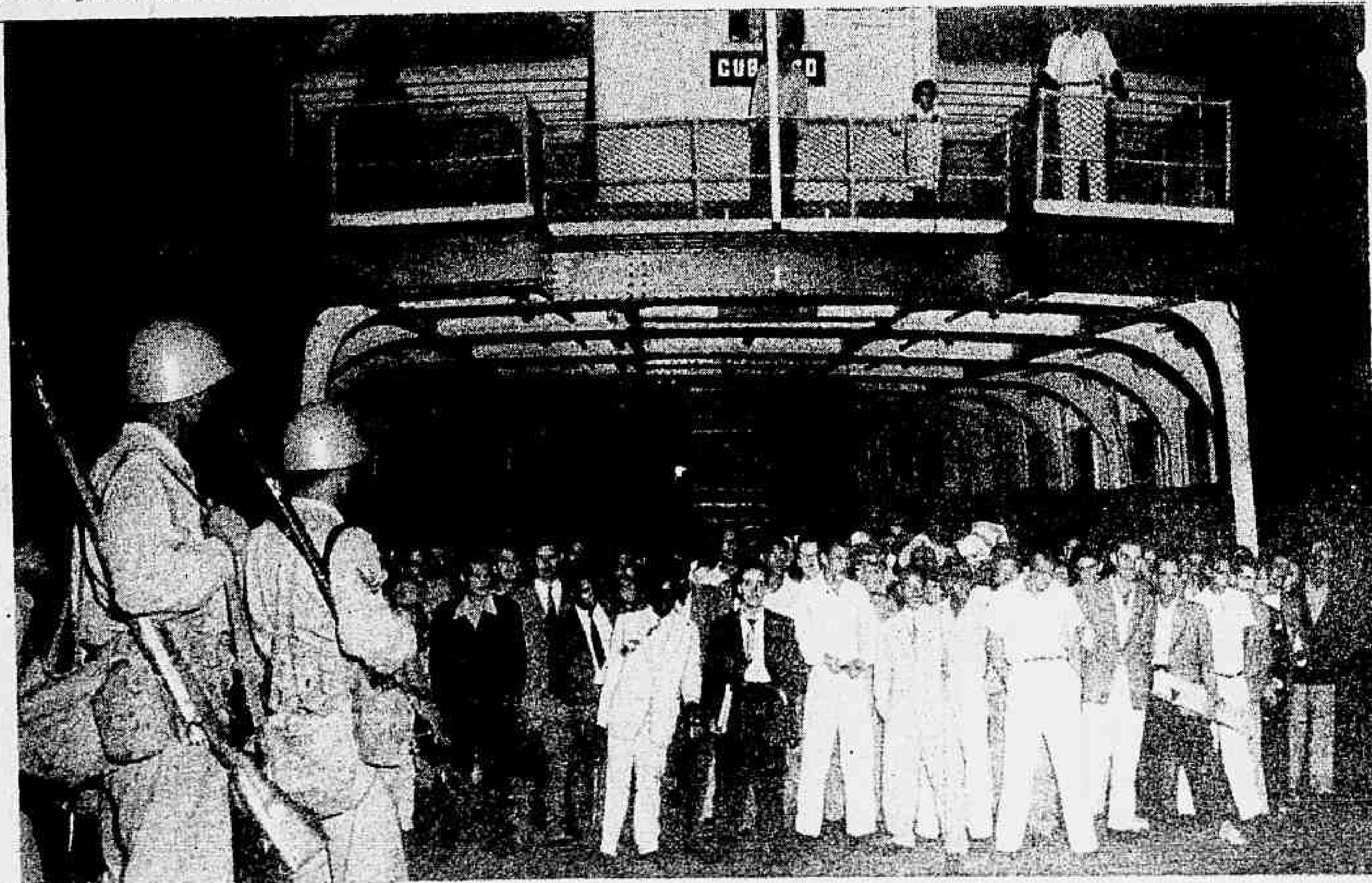
Por que foram à greve os marítimos? Porque reivindicam direitos que consideram líquidos e certos. Primeiramente defendem a questão dos qüinqüênios, para os oficiais e rádio-telegrafistas, questão que, muito embora haja sido ganha na Justiça do Trabalho, que ordenou à União o imediato cumprimento da medida, até então não havia sido satisfeita. Defendem, ainda, os marítimos, o direito de melhor alimentação a bordo dos navios, como também o abono de emergência, abono de família, férias de 30 dias e repouso semanal remunerado.



A greve dos marítimos começou assim: acaloradas discussões na grande assembléia, que decidiu pela decretação do movimento paredista. 79 votaram a favor e apenas 17 contra a greve. A assembléia prolongou-se por 6 horas. Nesse mesmo dia deflagrou o movimento grevista em todo o Brasil.



Para que não paralisasse o tráfego de barcas e lanchas entre o Rio e Niterói, o Govêrno Fe-



A população de Niterói começou a sentir os efeitos da greve desde o início. Milhares de pessoas tiveram que permanecer horas a fio nas intermináveis filas, à espera das lanchas, controladas pela Marinha de Guerra. Esta é a barca «Cubango», a única da Cantareira que estêve em tráfego.



Com a greve dos marítimos, embora não fôsse interrompida a comunicação com as ilhas e

TRANSTÔRNO NO TRANSPORTE DE PASSAGEIROS PARA NITERÓI

O primeiro transtôrno que a greve dos marítimos causou, no Rio e em Niterói, foi no transporte de passageiros e carga entre as duas capitais. Até zero hora as barcas zarparam normalmente, para daí em diante serem abandonadas pelas respectivas tripulações. Imediatamente a Marinha de Guerra, como fôra prèviamente anunciado pelo ministro Renato Guilhobel, tomaram militarmente tôdas as instalações navais em pontos estratégicos. A Praça 15 de Novembro, de um momento para outro, transformou-se em verdadeira praça de guerra. Fuzileiros Navais, armados de metralhadoras e oficiais com pesadas pistolas calibre 45 milímetros, ofereceram um espetáculo bélico que dava a impressão que havia irrompido uma revolução armada. Um aparato bélico, afinal de contas, ridículo e incompreensível, porquanto os líderes do movimento grevista já haviam anunciado a sua intenção pacífica e completa isenção de ânimos, com repudio às agitações e aos elementos reconhecidamente aproveitadores de ocasiões como essas para sublevarem as massas. No caso, os extremistas estiveram sempre vigiados pelos grevistas, que se organizaram de tal modo que não permitiam a aproximação de estranhos. Todos os líderes e participantes diretos do movimento achavam-se



...eral providenciou o auxílio de fôrça armada, destacando fuzileiros navais para a tripulação.



Niterói, houve sensível diminuição de lanchas e barcas. Havia filas colossais, como aqui se vê.

O Cais do Pôrto do Rio de Janeiro, no 2º dia de greve. Tudo parado, guindastes cruzados e navios ao largo. Os prejuízos para a Nação são incalculáveis. Alguns milhões de cruzeiros deixaram de ser arrecadados por dia. As populações ficaram ameaçadas de falta de gêneros alimentícios.

com credenciais rubricadas e carimbadas pelo «Comando Geral de Greve», que se instalou no Sindicato dos Taifeiros.

IRRADIAÇÃO DO MOVIMENTO POR TODO O PAÍS

Enquanto o ministro da Marinha e as demais autoridades davam entrevistas aos jornais e estações de rádio, procurando fazer crer à população da Capital da República que o movimento paredista estava circunscrito ao Distrito Federal, notícias vindas dos Estados davam conta de que ali também a greve era uma realidade. A cada hora aumentava o número de adesões e os efeitos logo se fizeram sentir 24 horas após.

PARADOS OS NAVIOS NO CAIS DO PÔRTO

As tripulações dos navios mercantes e pequenas embarcações de cabotagem que se achavam atracados no Cais do Pôrto, ou ao largo da baía de Guanabara, já às primeiras horas da manhã abandonavam as unidades. Até as operações de carga e descarga foram interrompidas por falta de pessoal a bordo dos navios. Aí começou a intervenção da Marinha de Guerra, nesse setor. Os barcos foram sendo, aos poucos, levados para o largo do cais enquanto se providenciava o adestramento do pessoal militar para trabalhar nas unidades da Marinha Mercante.

PREOCUPADO O COMÉRCIO

O alto comércio de gêneros alimentícios do Rio de Janeiro e Niterói preocupou-se sèriamente com o fato de que o abastecimento das duas grandes capitais poderia ser prejudicado. Com a greve, os navios que traziam carregamentos de gêneros para o comércio das duas cidades ficaram parados nos primeiros portos da escala. Sentindo a gravidade da situação, o govêrno procurou tranqüilizar os comerciantes anunciando, primeiramente, que seriam convocadas como reserva da Marinha de Guerra as tripulações dos navios mercantes. Entretanto, a notícia causou veementes protestos por parte dos marujos, que, assim, se sentiam logrados em seu intento de levar avante a greve. Houve comícios à frente da Câmara dos Deputados, tendo vários parlamentares criticado acerbamente a atitude do govêrno que, afinal, acabou por desistir da idéia, depois de ter o Sr. Gustavo Capanema, líder da maioria, conferenciado com o Presidente da República.

A população de Niterói, entretanto, teve que sofrer nas longas e intermináveis filas que se formaram nas estações das barcas, no Rio e na vizinha cidade fluminense, principalmente nas horas mais movimentadas, ou seja, na parte da manhã e à noite. É que nem tôdas as embarcações da Frota Carioca e da Cantareira estiveram em tráfego. Sem o adestramento necessário, as tripulações que faziam funcionar as lanchas, compostas de oficiais e praças da Marinha de Guerra, se desempenhavam da tarefa com todo o cuidado a fim de evitar acidentes. Por isso, navegaram sempre fora de horário, com acentuados atrasos.





Armadores e grevistas reuniram-se no Ministério do Trabalho, sob a presidência do sr. Hugo Faria.

Valdemiro Moreira Dias, por causa de quem a greve se prolongou por mais 24 horas. Êle fôra prêso pela Polícia de Pernambuco, para onde foi, a fim de organizar a parede no Nordeste.

ALIMENTAÇÃO, A PRINCIPAL REIVINDICAÇÃO

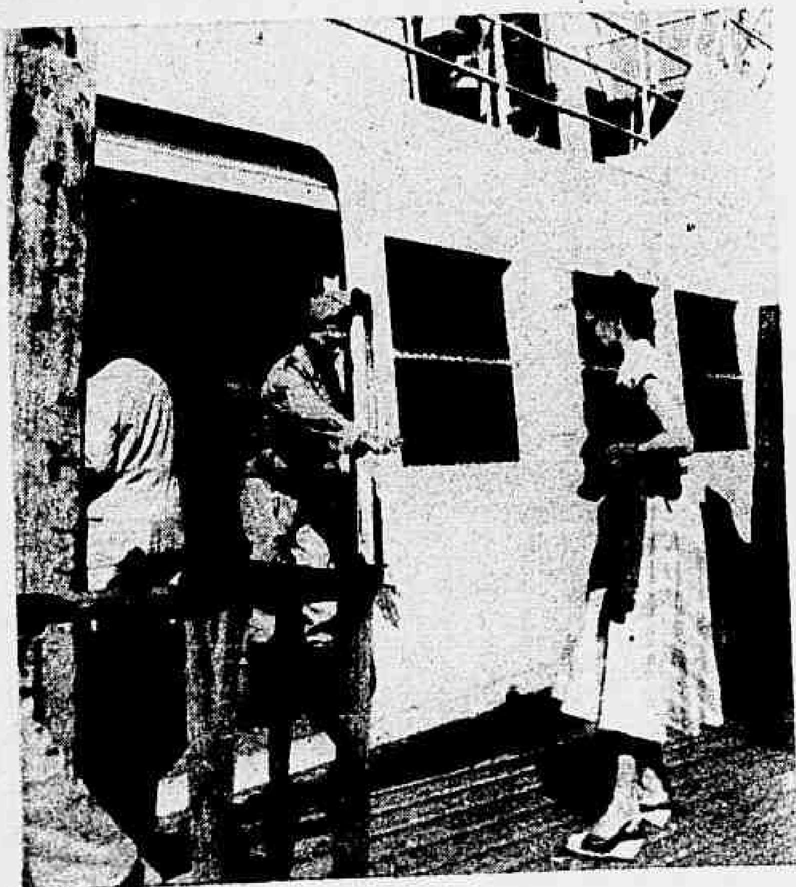
São ao todo 25 as reivindicações apresentadas pelos marítimos em greve. A principal, entretanto, é a questão da alimentação. Queixam-se os comandantes, pilotos, contra-mestres e taifeiros que a alimentação que lhes é servida a bordo não satisfaz. Nem qualitativa nem quantitativamente. Asseguram, mesmo, que passam fome milhares de companheiros em determinadas emprêsas de navegação. E pedem apenas que as refeições sejam servidas como a bordo dos navios petroleiros. As autoridades aceitaram as ponderações dos marítimos, reconhecendo que realmente havia descaso das emprêsas na questão da alimentação das tripulações.

INTERROMPIDAS AS NEGOCIAÇÕES

Assim que tomou posse, na pasta do Trabalho, o Sr. João Goulart entrou em contacto com os marítimos em greve. No mesmo dia de sua investidura manteve longa conferência com os grevistas, em seu apartamento de Copacabana, prolongando-se a reunião até às 5 horas da madrugada. No dia imediato, o Sr. João Goulart ouviu as classes patronais, inclusive o representante do Lóide Brasileiro e presidente da Comissão de Marinha Mercante, almirante Lemos Basto. Estiveram presentes à reunião, também, os representantes das emprêsas particulares, na pessoa do Sr. Paulo Ferraz. Nessa ocasião, os armadores expuseram ao ministro do Trabalho a verdadeira situação das emprêsas, sendo de ressaltar a parte que cabe ao Lóide e à Costeira, que são emprêsas deficitárias. Essas não poderão atender às reivindicações dos marítimos se o govêrno não lhes distribuir os meios necessários. As demais, só poderão arcar com a despesa com um aumento nas tarifas. Calcula-se que a majoração, considerada inevitável, será de 2 1/2 por cento.

O primeiro contacto dos grevistas com os armadores, sob a presidência do Sr. João Goulart, deu-se na tarde de 20 do mês passado. Tudo ia muito bem, já haviam sido discutidos 8 dos 25 itens das reivindicações, quando uma notícia procedente de Recife dava

(Cont. na pág. 46)







Os fuzileiros navais foram muito gentis. Não praticaram violências. O povo soube compreender a interferência dos marujos no movimento.

Em nossa foto-seqüência vemos um naval auxiliando uma passageira que, com o seu pesado embrulho, podia cumprir a sua obrigação.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 27 ★ 4-7-53

SUMÁRIO

Deflagrada a maior greve do Brasil 3/ 6
Curiosidades da coroação de Elizabeth II 11/15
Sai de tanga da Prefeitura de S. Paulo 19/22
O baile da morte 28/34
O mistério do túnel sem fim 43/46
Os Rosenbergs na cadeira elétrica 52/57

Um cravo na lapela 7
Flor de tabuleiro 23
A Bem Amada 29/30
A semana literária 27
As grandes amorosas da História (A Fornarina) 38/39
O monumento de D. João VI 51

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 9
Janela sôbre o mundo 16/17
Arabelle 47
De Rádio 48
De Cinema 49
A saúde do bebé 50
Último flash 58

A luz da psicanálise 18
O nosso inverno 36/37
Sugestões para o lar 40
Um pouco de beleza 41
Week-end na cozinha 42

CAPA: Ann Sheridan (Universal-International)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J.M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Este número tem 60 páginas

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: J. Gomes Bastos, Rua Barão de Itapetininga n. 224, 6º andar, Sala 60.

Um cravo na lapela



ACABO de saber que para comemorar o cinqüentenário do aparecimento do primeiro livro de versos de Belmiro Braga, a municipalidade de Juiz de Fora, terra do poeta, resolveu mandar editar-lhe as obras completas, cujos direitos foram cedidos pela família do trovador mineiro. A respeito de Belmiro Braga, a lembrança mais antiga e mais viva que me ficou foi a de um homem elegante. Mesmo naquela Juiz de Fora do princípio do século, Belmiro teve um grande cuidado em se vestir bem. Lembro-o dêsse tempo, sempre muito bem pôsto e sempre com um cravo à lapela. Ainda recentemente, conversando com pessoas de sua família, tivemos a confirmação dêsse cuidado que êle punha em trajar-se — o que contradiz a simplicidade que fêz questão de ostentar na sua conduta e nos seus versos. Muito curioso o fato de ter êle, em seu livro de memórias, «Dias idos e vividos», falado, por várias vêzes, sôbre êsse pormenor da apresentação que o preocupou desde a infância, quando sofria pela pobreza das roupas, em comparação com seus colegas do ginásio, filhos de pais abastados e sempre bem vestidos.

● Êle gostava de vestir-se, sem querer ser um «dandy», como outros homens ilustres, como o grande Francisco de Castro, por exemplo, que afirmava a necessidade de bem vestir como uma condição do homem superior. No poeta das rosas, essa elegância era natural e sóbria. Todos os seus retratos conservam a lembrança do homem bem pôsto que êle foi, dos dias da juventude até seus últimos dias. Sempre com uma flor na lapela, a completar o apuro do traje, sempre na moda, em tons discretos, bem talhado, completando-se com suas belas gravatas e a revôlta cabeleira, que, nos últimos anos, grisalha, lhe compunha uma perfeita cabeça de artista.

● Estamos recordando a elegância de Belmiro Braga, para acrescentar esta minúcia à sua legenda. Belmiro, para os leitores menos a[illegible]dos, poderá dar a impressão de um roceiro mal aprumado. Êle se comprazia em recordar com ternura o ambiente em que formou seu espírito, gostava das coisas simples e naturais. Falou, muitas vêzes, no seu paletó de brim, êsse paletó que talvez nunca tenha vestido. Por isso, poderá deixar a impressão de um homem simples, de um poeta mal trajado. A verdade é, entretanto, que, de nossos escritores, o poeta mineiro, o trovador de Vargem Grande — como a si mesmo se batizou — foi um dos mais elegantes. A qualquer hora em que o encontrássemos, podíamos estar certos de que estaria de barba feita, trajado com discrição e elegância. Sempre que o recordamos, lembrando-o da rua Halfeld ou, aqui no Rio, da rua do Ouvidor e da Avenida, assim estava êle. Punha muito cuidado em estar sempre bem e, no geral, com um cravo na lapela. Essa flor que trazia à botoeira, marcava o traço final do carinho em vestir-se, desde o tempo em que os poetas ainda conservavam as marcas do romantismo no desalinho das roupas e das atitudes. E êsse pormenor, que poderia parecer fútil, num homem que abominava a futilidade — foi mais um traço marcante dêsse espírito harmonioso, contra o qual nada pôde, nem o ambiente agreste, nem o meio provinciano.

Edmundo Lys

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, **usando Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à **noite.**

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é **purgante**

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

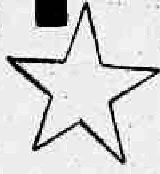
CICLISTAS!

JA' CHEGOU O
AFAMADO FREIO
CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY


DUAS ESTRELAS


O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

a REVISTA há 50 anos

5 de julho de 1903

CHRONICA

A nota mais interessante da semana foi a chegada e estréa do eminente actor Antoine e da sua companhia. Não se falla em outra cousa e, ainda hoje, oito dias passados, é assumpto obrigado entre os que nesta terra amam a verdade e a belleza. E assim deve ser pois a adolescencia desse homem, as suas lutas, os seus combates pela boa causa representam uma affirmação soberana e fecunda da vontade, sem exemplo, eloquente de quanto pode a energia humana quando perseverante e intemerata.

● nesse espelho conviria que se mirassem os descrentes, os desilludidos, os que a sorte nunca protegeu, os desvalidos da fortuna e da felicidade. A sorte! Eis um dos grandes obstaculos ao progresso do Brasil, ao adiantamento dessa terra. Fizemos dessa deusa mysteriosa uma especie de autoridade tutellar, dictatorial, invencivel e desde que nos recusa os seus sorrisos, logo cruzamos os braços, desalentados, como se a nossa existencia, subitamente esphacelada, houvesse perdido toda a esperança. «Não se luta contra o Destino»; é a phrase consagrada e, ao pronuncial-a, ha em todo o nosso aspecto um dobrar de chorão, um pendor de salgueiro sôbre sepultura rasa. «Acabou-se!» segredam os olhos com as suas pupillas embaciadas; as faces onde as lagrimas traçaram dous regos profundos; a fronte riscada pela dôr. É um desabar de creatura, um desmoronar de carcassa, uma renuncia absoluta á luta, ao conflicto á resistencia. No intimo, é uma villesa moral e ahi estão para attestal-o Antoine e os seus camaradas. Destino e Sorte são dous fantasmas contra os quaes Deus armou o homem com um gladio invencivel: o Trabalho!

JACQUES BONHOMME

LENDA CHINEZA

DIZEM que ao pôr do sol, na China, quando as nuvens poentes feridas pelos ultimos raios apollineos se fecham em um crepusculo côr de sangue — Thong-Fu — um passaro do tamanho de um besouro — pousa na corolla dourada do Ing-Ywan — uma flor mimosa e pequenina — gorgeiando uma cavatina de amor. Ligados, assim, pelo extasis voluptuoso e quente de uma paixão ouriçada de ternura e candidez, elles dão a perspectiva de um só corpo, de uma só alma, não deixando ao viandante que passa o discernimento de saber, si quem embalsama os ares seja o Passaro ou si quem tão maviosamente canta seja a Flor. Ambos têm o mesmo tamanho delicado e bello e ambos são igualmente louros, como as douradas areias de Pactolo, ou como a franzina floração dos Alpes.

> **Entre mãe e filha:**
> **— Já te não disse, que te cales quando eu estiver fallando?**
> **— Assim eu passaria a vida inteira de bocca fechada.**
>
> ●
>
> **Como somos idiotas!**
> **— Porque não falas no singular?**
> **— Pois seja: como és idiota!...**

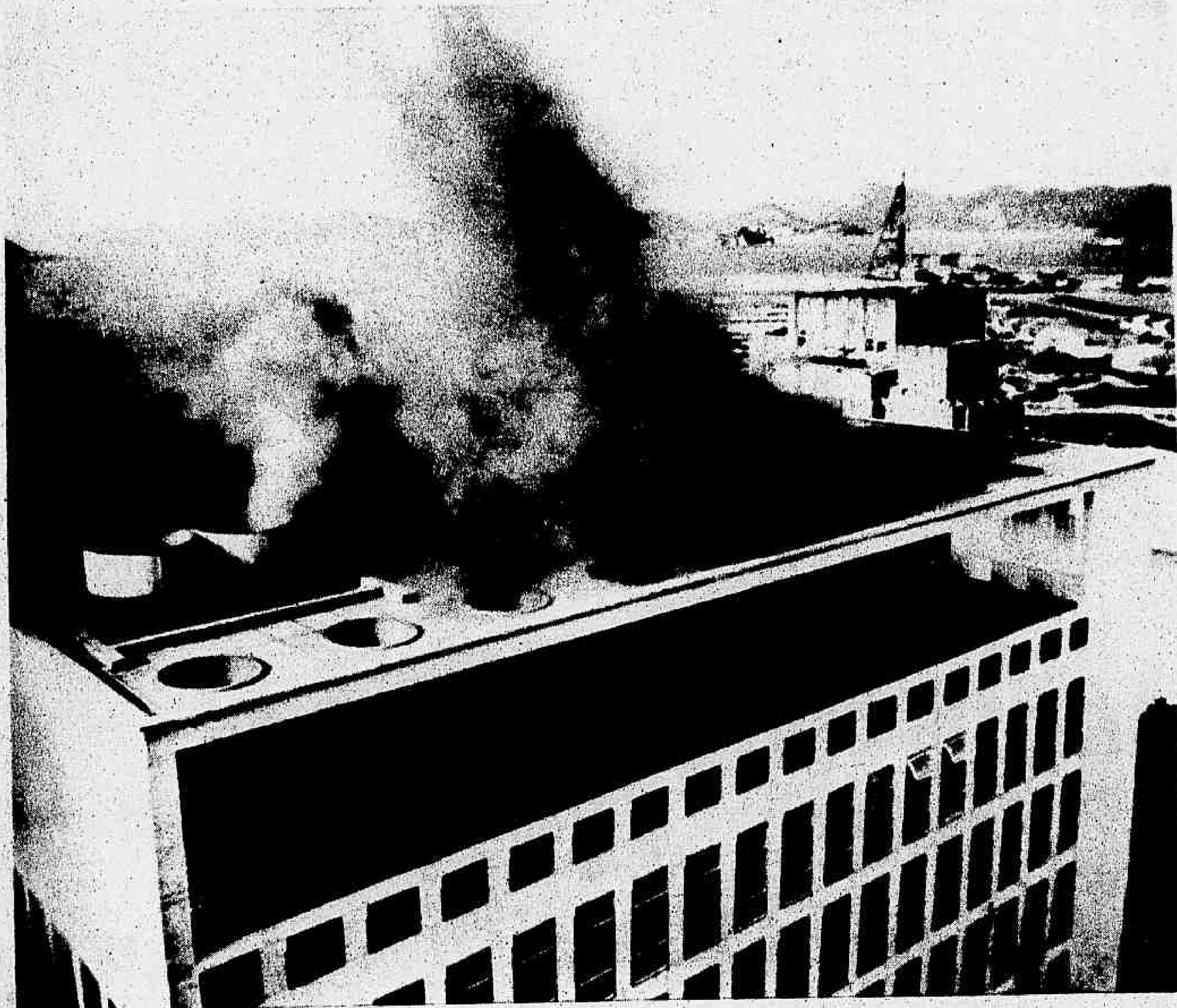
Uma paixão violenta, como os ciumes de Juno ou approxima, um amor intenso como os queixumes de Venus os attrahe irresistivelmente.

● Essa idyllica electrividade amorosa tem, entretanto, uma curta duração; porque juntinhos ao romper da Aurora, Thong-Fu o passarito louro e Ing-Ywan — a dourada flor — morrem porque nasceram para amar e morrem pelo amor.

Um sonho poetico marca essa existencia em louras transparencias de uma felicidade pura sem o empanamento ligeiro de uma nuvem sombria e invejosa!

Assim, quantos amantes, que vehementemente se amam com toda a grandeza e lyrismo de uma paixão sincera e angelical, não desejam perder o ultimo alento de vida, exhalar o ultimo suspiro, entoando a epopéa sublime do derradeiro beijo de amor?!

TANCREDO DE FLORAC



A SEMANA em REVISTA

FOGO NA EMBAIXADA — «Está pegando fogo a Embaixada norte-americana!», foi o grito que se ouviu nos últimos dias da semana passada, atraindo para as imediações daquele edifício, recentemente inaugurado, grande massa popular. Mas, realmente, apesar das nuvens de densa fumarada que escapavam do teto, não houve, pròpriamente, um incêndio. O caso se limitou à queima de material de combustão fácil, mais sem que tudo se convertesse em labaredas. Os bombeiros intervieram incontinenti, evitando, dessa maneira, que o fogo, oriundo de um curto-circuito nas instalações de refrigeração, tomasse maiores proporções.

A PERSONAGEM DA SEMANA



NAO SE PODE compreender por que motivo levantou o Senado tão fortes barreiras contra a indicação pelo Presidente da República, do nome do Sr. Olegário Mariano, para embaixador do Brasil em Portugal. Argumentaram os opositores dessa indicação, que o conhecido homem de letras não era diplomata de carreira, não possuindo, portanto, a necessaria experiência e traquejo das sutilezas internacionais para o desempenho de suas funções em tão importante cargo. Não queremos entrar na análise dêsses meandros; mas, seria uma injustiça, sòmente agora, para o caso Olegário Mariano, lembrarem-se os legisladores, que um embaixador deve sair da carreira do Itamarati. É evidente a má vontade a obstruir aquêle nome, que, se não é de carreira diplomática, não é o primeiro sob tal aspecto. É incontestável que o critério ora sustentado no Senado é o certo, o mais natural; mas a nomeação do Sr. Olegário Mariano não é uma exceção, uma novidade surpreendente, uma escolha sensacional. O que se fêz com êle, é hábito no país, e, nem sempre os nomeados fora da carreira diplomática, possuem as credenciais de cultura, de conhecimentos gerais do mundo e das coisas, como sucede com o combatido membro de nossa Academia de Letras. O risco que haveria no caso, seria a vitória da ortografia de 1945, apoiada pelo poeta; mas isso também depende do Congresso Nacional. O ideal seria que não se fizessem nomeações dessa natureza fora dos quadros diplomáticos. Nesse sentido qualquer campanha no Senado seria aplaudida.



GENERAL AFONSO DE CARVALHO — Acaba o Brasil de perder um dos seus mais ilustres filhos, o general Afonso de Carvalho, nascido na Fortaleza de São João, Rio, a 18-10-1897. Embora militar, possuía acentuada vocação para as letras. Escreveu para o teatro, fundou jornais e dirigiu esta revista em certa época. Deixou vários livros em prosa e verso. Em 1932 é nomeado interventor em Alagoas. Voltando ao Rio, entrega-se à faina literária, publicando romances e um estudo nacionalista. Ùltimamente se dedicava à biografia, do que nos deixou «Caxias» e «Bilac». Era deputado pelo P.S.D. do Estado de Alagoas à Câmara Federal.



CASARAM-SE — Na primeira quinzena do mês de junho, uniram-se **ad eternum**, segundo as leis do país, o conhecido realizador de «O Cangaceiro», sr. Lima Barreto, e a srta. Araçari de Oliveira, também dedicada às coisas da arte representativa em São Paulo. O enlace do aplaudido casal se realizou na redação do vespertino «Última Hora», desta capital, tendo atraído grande número de pessoas. O produtor Lima Barreto, que ocupa hoje lugar de destaque entre os nossos maiores cineastas, não quis deixar passar o momento sem que desse aos presentes a lição de um beijo cinematográfico.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

DELÍCIAS CARIOCAS

7 — Apartamentos na zona sul





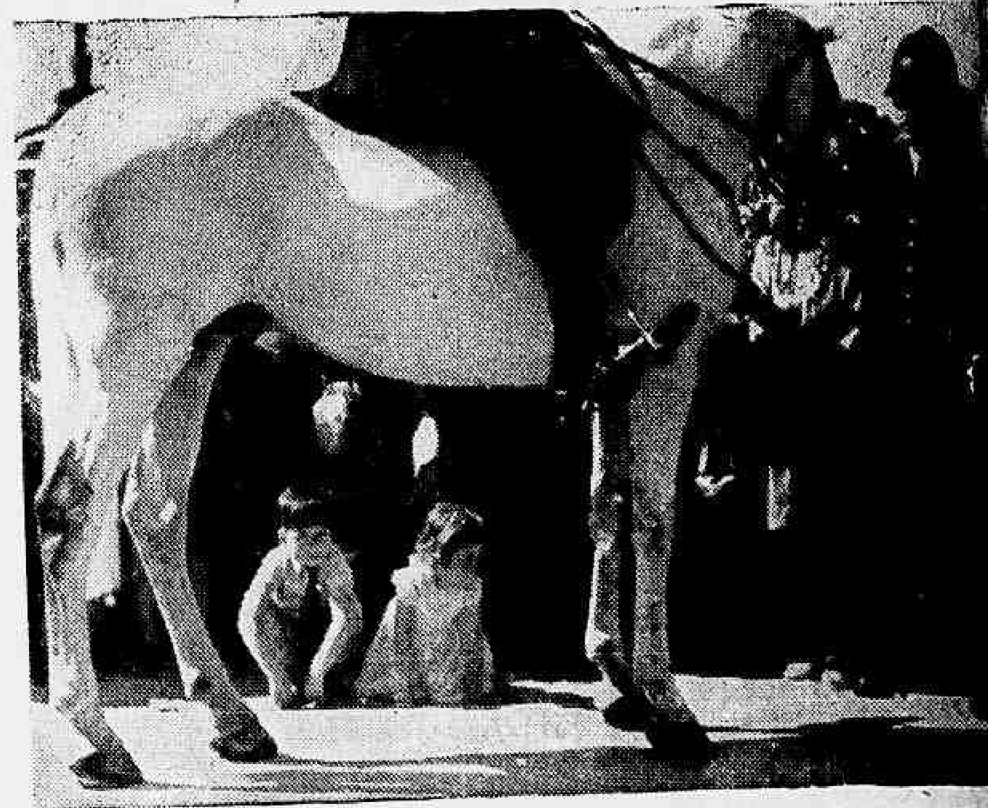
Quando a Rainha Elizabeth e seu espôso, o Duque de Edinburgo, no dia 4 de junho, chegaram a certo ponto do noroeste de Londres, foram surpreendidos pela recepção calorosa que lhe dedicou «Queen Bess» e tôda a sua côrte, que se apresentou em seus trajes característicos.

CURIOSIDADES DA

COROAÇÃO DE ELIZABETH II

A SOBERANA DOS INGLÊSES NÃO PARECIA FATIGADA APÓS TANTAS FESTAS, RECEPÇÕES E VISITAS ★ AS CRIANÇAS DERAM A NOTA DE ALACRIDADE NAS EXCURSÕES DA RAINHA (Fotos KEYSTONE)

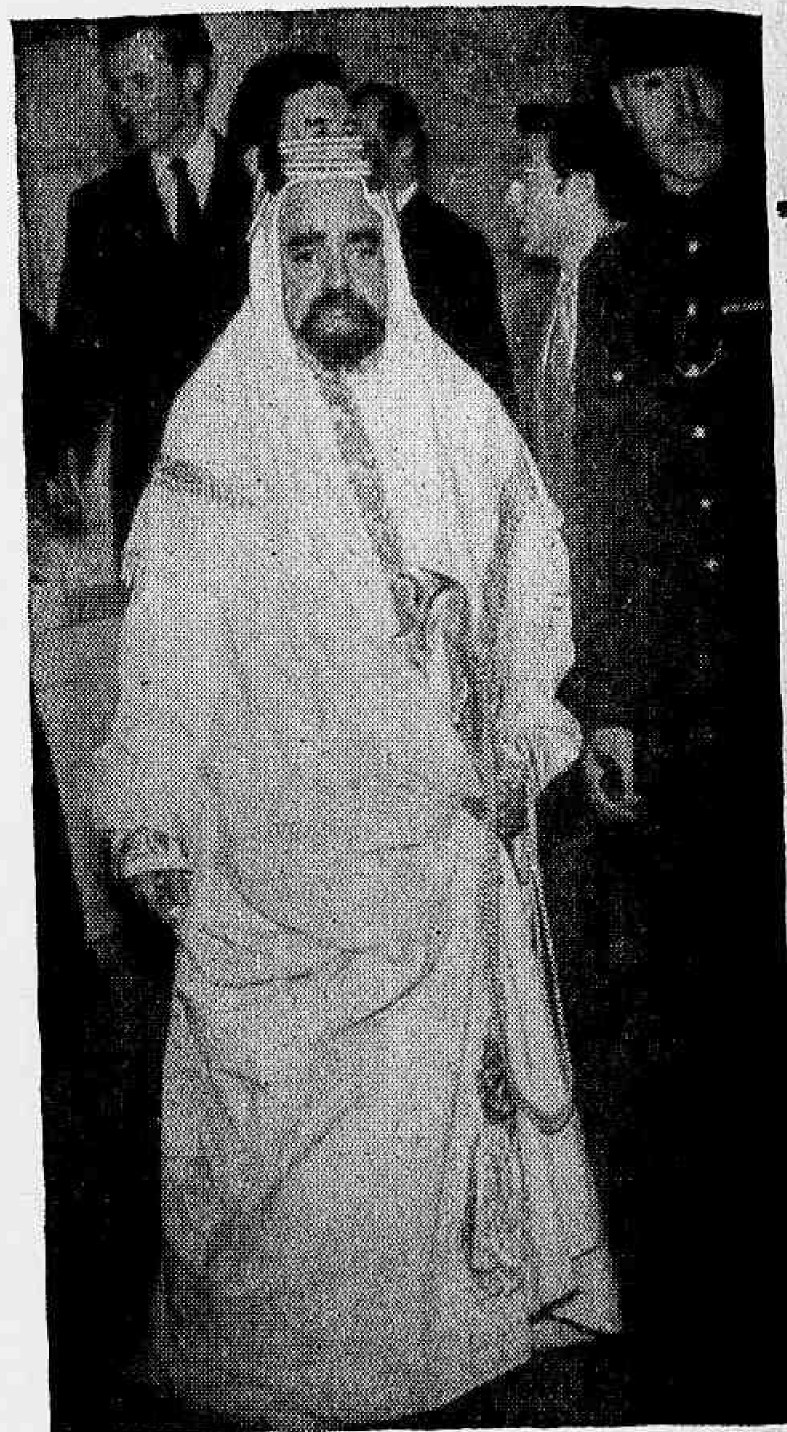
NUNCA se imaginou que a tradição de um povo pudesse manter-se tão integral como a dos inglêses. O ritual da coroação da rainha Elizabeth II, se visto pelos contemporâneos de Guilherme, o Conquistador, lhes pareceria coisa dos primeiros séculos da vida nacional britânica. O espetáculo de pompa e magnificências do dia 2 de junho, com todo aquêle cerimonial, mais pareceu, aos que o presenciaram, coisa de conto de fadas, milagre de histórias fantásticas de duendes. Depois do dia da coroação, não pensem os leitores que a rainha descansou. Ela prosseguiu a cumprir estritamente o programa traçado pelos responsáveis pelo cerimonial, sem fatigar-se, dando recepções, visitando bairros da capital, comparecendo a ofícios religiosos, sempre sorridente, jovial, popular. E isso tudo só terminará no dia 24 do corrente, com a cerimônia de condecorações.



Êstes garotinhos não se incomodaram com o cavalo. De cócoras, viram a chegada ao palácio.



A 28 de maio já era grande a atividade de tropas, guardas, gente, para que as festas corressem bem. Vemos soldados do Ceilão e da Guarda Real e uma jovem pedindo informações.



O Sheikh Sulman Bin Hamed Al-Khalifah, de nacionalidade árabe, chega a capital londrina.



Na manhã do dia 29 de maio, foram colocadas, no exterior da Abadia, as chamadas «Queen's Beasts», ou seja, «Os animais (ou feras) da rainha». Isso, também, fazia parte do ritual.

★



O Otolorin da Nigéria, quando de sua chegada a Londres, é reverenciado pelos seus súditos no aeroporto de Londres, a 28 de maio. O Otolorin sorri encantado para uma nigeriana.



Figuras de prestígio das ilhas de Fidgi, também se fizeram presentes a coroação da rainha.





«Good Queen Bess» sorri para a Rainha Elizabeth. Uma lady, para evitar a lama... Uma que armou o leito na rua e os garotos que ganharam prêmios de fantasia







No dia nove de junho, durante a visita da Rainha Elizabeth e do Duque de Edinburgo, o povo saiu à rua no Este e fêz este Carnaval...

Representações coloniais de Tonga, Zanzibar, Johore e outras, presentes às cerimônias da coroação, depositam coroas no Cenotáfio.





Sally, fantasiada de «Beefeater» por seu proprietário, Arthur Ambrosa, de 5 anos de idade, ganha belo prêmio no dia 8, em Londres.

Fôrças do Paquistão, com sua banda de gaitas, deixa o Palácio de Buckingham, após a transmissão da respectiva guarda.



A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo, entre 4 e 10 de julho de 1953

(Hemistério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do :

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Isole-se quanto puder, evitando, mesmo, os elementos da sua **entourage.** O período que vai ser iniciado, só lhe proporcionará más companhias.

TOURO (21/10 — 20/11) — Não alimente ilusões quanto às proteções que deseja conseguir. O ambiente, no seu caso, será demasiado hostil e contrário também, às iniciativas que tiver de tomar. O melhor é aguardar outra oportunidade.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os astros continuarão em favorabilidade, dando-lhe margem a proveitosos negócios. Haverá paz no ambiente doméstico e bom entendimento nas relações de amizade.

CANCER (23/12 — 20/1) — Suas chances estarão atenuadas na próxima semana, especialmente nos dias 5 e 8. O terreno escorregadio, não lhe permitirá a manutenção do desejado equilíbrio. A receita será inferior às despesas.

LEAO (21/1 — 20/2) — A situação será modificada e uma boa oportunidade lhe será oferecida para a efetivação dos seus planos quanto à aquisição de uma casa própria. Encontrará tôdas as facilidades em tal sentido.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não se exceda. Não é preciso correr. As coisas lhe virão às mãos sem grandes esforços. O período será de chance, notadamente nos dias 4 e 9.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Tenha muito cuidado com a saúde, pois vai entrar numa fase perigosa para o equilíbrio físico. As desfavorabilidades astrais também se farão sentir no campo dos negócios.

ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Sua posição vai ser grandemente melhorada, inaugurando-se uma fase de intensa recuperação nos negócios profissionais. Não solicite pareceres. Atue de acôrdo com as suas próprias inspirações.

SAGITARIO (21/5 — 23/6) — A posição do leitor ainda não se recomenda, em face do influxo do Céu. Sua situação é de convalescência, recomendando-se, por isso, tôda prudência, a fim de evitar uma perigosa recaída.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O novo período lhe será menos favorável às iniciativas e aos negócios. Contudo, haverá uma boa disposição de sua parte, mantendo-se inalterada a vida doméstica.

AQUARIO (23/7 — 21/8) — Haverá acentuada melhoria na sua posição. O astro que o domina, a partir do dia 5, receberá bons aspectos, refletindo-se os mesmos, sôbre sua vida profissional e particular, possibilitando-lhe realizações proveitosas.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Não altere os seus procedimentos. Siga a mesma linha mantida na semana finda, pois será a mesma a atuação dos astros, no seu caso. Reflita no que fizer e será bem sucedido.

OS NOMES DA SEMANA

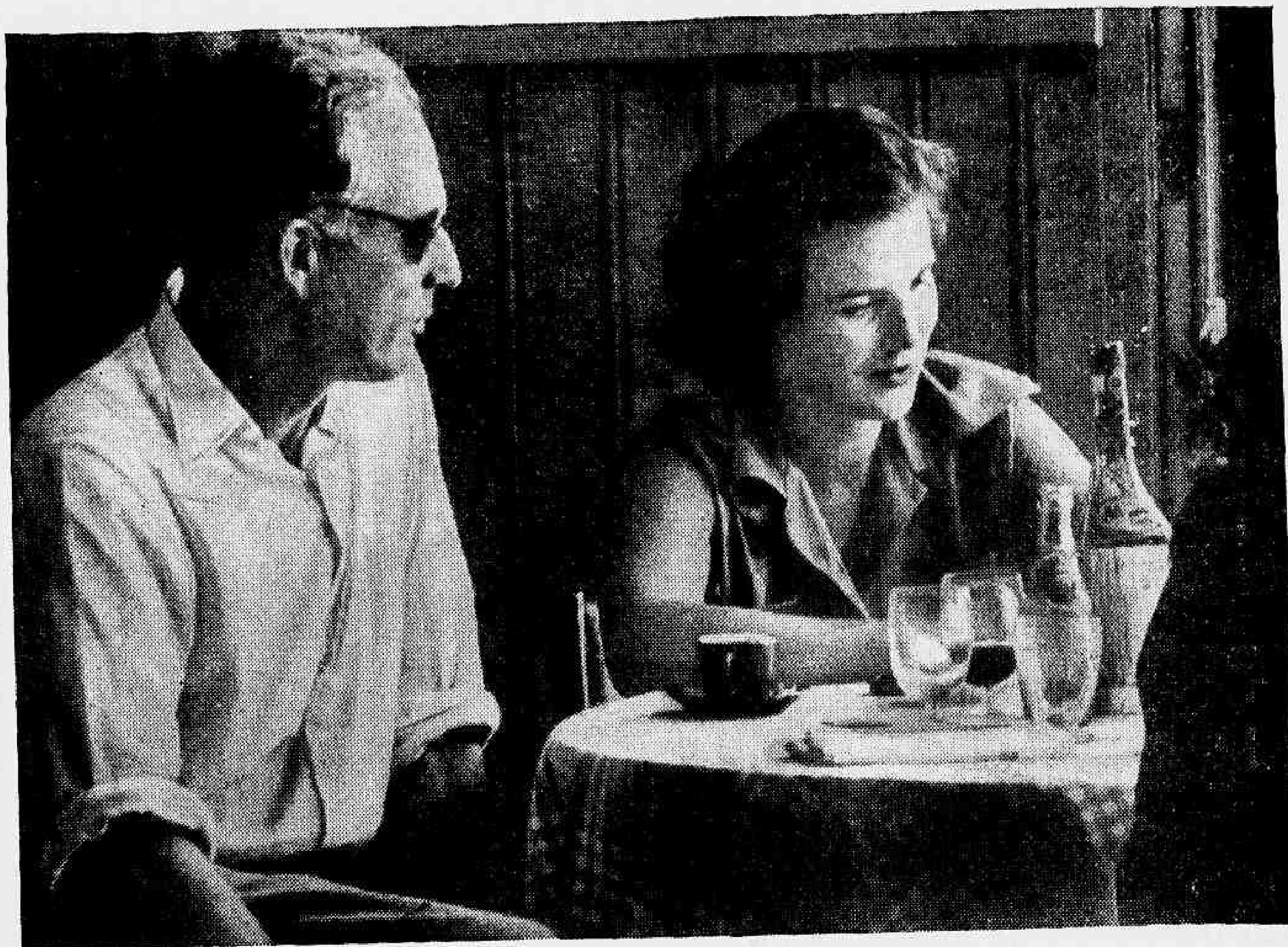
Julho	4	— Amintas	— Aurea
,,	5	— Juvenal	— Jovita
,,	6	— Alexandre	— Célia
,,	7	— Lucas	— Zenaide
,,	8	— Ermiro	— Rita
,,	9	— Demócrito	— Aspásia
,,	10	— l ábio	— Dionísia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e po ição do Sol ao meio-dia de Greenwich)

Julho	4	12º 11' 43"	(Signo de Câncer)
,,	5	13º 8' 56"	(,, ,, ,,)
,,	6	14º 6' 9"	(,, ,, ,,)
,,	7	15º 3' 22"	(,, ,, ,,)
,,	8	16º 00' 35"	(,, ,, ,,)
,,	9	16º 57' 59"	(,, ,, ,,)
,,	10	17º 55' 3"	(,, ,, ,,)

JANELA SOBRE...



LEOPOLDO III, que foi rei dos belgas, enviuvou em 1935, ao perder a espôsa, rainha Astrid, num desastre de automóvel em Kussnacht, Suíça. Em 1941, realizou casamento morganático com a bela e jovem Liliana Baels, quando a Bélgica estava ocupada pelos exércitos alemães. Leopoldo III lhe concedeu o título de Princesa de Réthy, embora isso não desse melhor situação ao seu casamento com a filha do ex-governador da província de Gand. O rei dos belgas, pressionado pelos adversários políticos, renunciou ao trono, deixando-o ao filho, Baudoin. E Leopoldo, acusado de «colaboração» com os nazistas, passou então a viver tranqüilamente com Liliana.

● Segundo dados oficiais publicados pelo Departamento da Defesa, os Estados Unidos dispenderam, durante os três últimos anos, para fazer face à guerra da Coréia e rearmamento geral, um total de cento e um bilhões e setecentos e quarenta milhões de dólares.

● A emissora do govêrno egípcio divulgou uma declaração feita na cidade de Alexandria, pelo cel. Gamal Abdel Nasser, segundo a qual o povo do Egito está-se preparando militarmente para a luta armada contra os inglêses, o que causou grande sensação.

● Os meios diplomáticos internacionais com interêsses no Oriente Próximo, estão com suas vistas fixadas na visita do primeiro ministro da Índia, ao Egito, viagem essa que foi antecipada de três dias. Não se pode ocultar a importância de tal acontecimento.

● Os pilotos da Air France fizeram uma greve de 24 horas, no dia 15 de junho, como protesto contra a decisão da emprêsa nacionalizada, que pretende reduzir as tripulações dos aparelhos da mesma organização. Não se sabe ainda, se tal atitude foi coroada de êxito.

● O presidente Eisenhower, em discurso na Universidade de Dermouth, atacou, violentamente, os políticos que desejam vencer o comunismo queimando livros doutrinários, em lugar de apresentarem sistema social superior. As palavras de Ike foram diretas a McCarthy.

● O rei do Cambodge, Norodon Sihanouk, chegou à capital siamesa, em viagem para a França, onde deverá entrar em conferência com aquêle govêrno, a fim de negociar a independência completa do seu país. A atitude de Sihanouk causou verdadeira estupefação na França.

● O Departamento de Estado dos EE. UU. anunciou que a Tchecoeslováquia e a Polônia aceitaram oficialmente os convites para integrarem a comissão neutra que vai encarregar-se dos prisioneiros de guerra na Coréia. Era êste um dos pontos difíceis para o armistício.

● A 15 de junho, quando faltavam três dias para a execução do casal Rosenberg, prêso como implicado em espionagem atômica nos Estados Unidos, foi anunciado que o Juiz da Côrte Suprema, sr. William O. Douglas, decidira aceitar a petição dos advogados, sôbre adiamento.

● O submarino inglês "Nadrew", acaba de realizar, pela primeira vez na história, a travessia do Atlântico, sem vir uma só vez à superfície. Partindo das Bermudas, navegou êle 29 mil e 500 milhas marítimas inteiramente submerso, o que se faz pela primeira vez no mundo.

● Durante os cinco primeiros meses de 1953, o Brasil conseguiu reduzir em 67% suas compras nos Estados Unidos, de acôrdo com o seu plano de reerguimento da balança comercial. Essa notícia procede de Nova Iorque e trazem o cunho oficial do Departamento Comercial Brasileiro ali.

QUEM DISSE ISSO?

1 — O casamento é uma prisão na qual as mulheres solteiras querem entrar, mas as que lá estão querem sair.

2 — O amor é forte como a morte; o ciúme é cruel como a sepultura.

3 — Para adquirir o coração de outrem, será preciso dar-lhe o nosso.

4 — A verdadeira coragem consiste em escolher um ofício e desempenhá-lo bem, seja êle qual fôr.

5 — O criminoso, no instante em que comete o delito, é sempre um doente.

(Respostas na página 49)

...RE O MUNDO

100 MIL TONELADAS

O deputado paulista sr. Herbert Levy, recém-chegado da Espanha, aonde fôra a fim de participar do Primeiro Congresso Íbero-Americano de Cooperação Econômica, realizado em Madrid, falando à imprensa do Rio, declarou que aquêle país propusera comprar-nos cem mil toneladas de algodão, pagando-nos em dólares. Mas ninguém fechou o negócio. O deputado, ao saber disso na Espanha, ficou perplexo. Como seria possível, quando não sabemos o que fazer com o algodão da presente safra, e não temos um centavo de saldo em dólares? Por isso, vai o legislador provocar barulho na Câmara.

● Em face das crescentes dificuldades para a reorganização do gabinete, com a recusa de vários nomes convidados, o presidente Auriol fêz sentir que, se não obtiver êxito, chegará ao extremo de denunciar a presidência da República. A crise ministerial já dura 5 semanas.

● A imprensa argentina faz acerbos comentários contra o ex-ministro do Exterior do Brasil, sr. João Neves da Fontoura, chamando-lhe "cônsul dos Estados Unidos" e "inimigo da amizade argentino-brasileira".

● Inaugurou-se a Convenção Nacional da Indústria do Chile, em Vila del Mar, participando da mesma setecentos delegados de todo o país. O presidente da República e o ministro da Economia compareceram.

● Foi divulgado que um grupo de elementos sediciosos da Bolívia tentou apoderar-se de uma das bases aéreas de La Paz, sendo detidos. Anuncia-se que se prepara um levante no país, de caráter político-militar.

● O general Mark Clark, comandante dos exércitos da ONU na Coréia, declarou que está autorizado a assinar o armistício com os sino-coreanos sem a aprovação do presidente Singhman Rhee, da Coréia do Sul.

● O vapor britânico "Wing Sang" ao passar entre a ilha Formosa e o continente, foi alvejado por artilharia montada num junco motorizado, recebendo disparos durante 27 minutos. Não foi identificado o agressor.

VIVER DAS LETRAS

Todos dizemos que, no Brasil, ninguém pode viver das letras, especialmente da poesia. Pois estão errados os que assim pensam. Há nesta cidade um cidadão poeta, que vive das musas e muito bem. Trata-se de um poeta popular, que vende seus poemas nas barcas e lanchas entre Rio e Niterói. Na tarde de domingo, 21 de junho, num abrir e fechar de olhos, vendeu dezoito exemplares, a Cr$ 3,00. Quantos passará por dia? Seus versos são folclóricos, sem arte, mas muito engraçados. Primeiro, êle declama, em tom de camelô; depois, vai levando... vai levando... e os passageiros caindo com as pratas...

COISAS DE DEFUNTOS

A lei municipal nº 716, de 6 de agosto de [illegible] concede à Santa Casa do Rio a guarda e administração dos cemitérios de São João Batista e São Francisco Xavier; mas a Constituição Federal proíbe a qualquer poder legislar a tal respeito, no art. 36, e no art. 141, décimo parágrafo, se lê: «Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal». O novo contrato com a Santa Casa, que devia ter sido assinado a 4 de setembro de 1952, ainda não o foi, o que está levantando protestos na Câmara de Vereadores. Será que nem defunto pode estar em paz, gente!

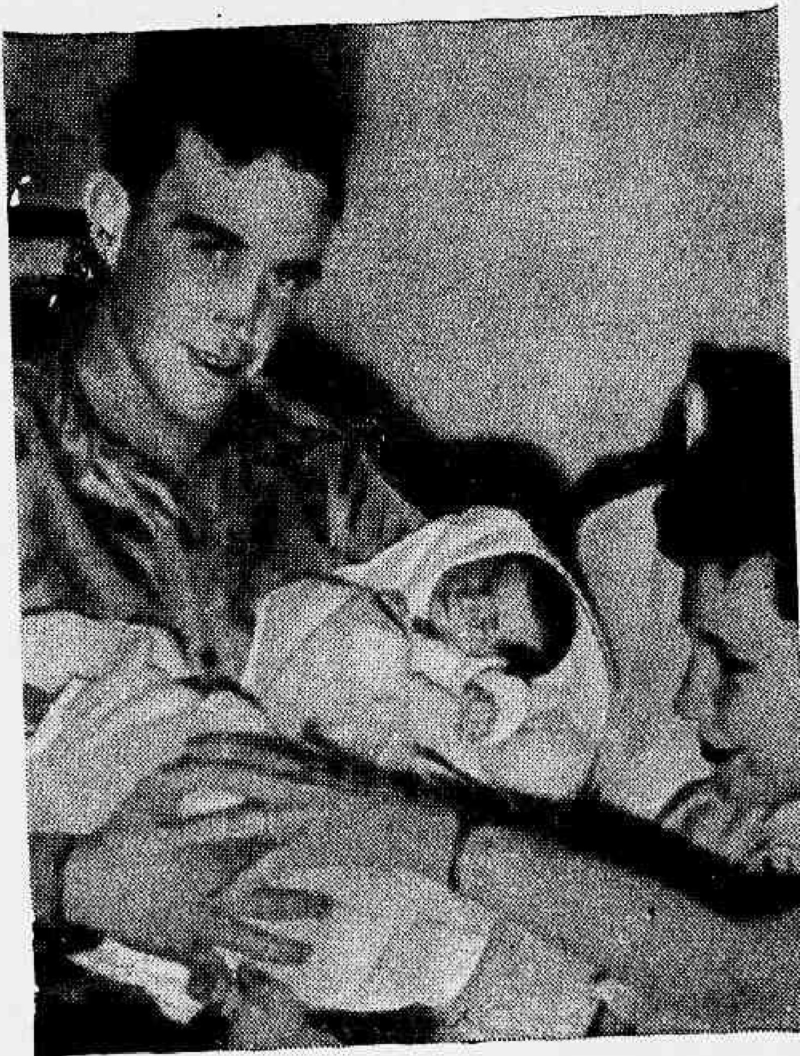
● O rei do Cambodge continua a lutar tenazmente pela independência de sua pátria, pelos meios pacíficos. Entretanto, se acha que isso não é possível, e que o govêrno francês jamais toleraria êsse fato.

● Mais de trinta mil pessoas desfilaram diante dos ataúdes do casal Rosenberg, eletrocutados em Sing-Sing. O Govêrno Federal terá que pagar 150 mil dólares ao Estado de Nova York, pelo custo da execução.

● Foi fuzilado pelo govêrno soviético de Berlim Oriental o operário berlinense Willi Goeting, prêso como um dos cabeças da rebelião popular que recentemente lavrou no setor russo da dividida Alemanha.

● O presidente da Coréia do Sul, Singhman Rhee, continua dizendo que as fugas de prisioneiros sino-coreanos não comunistas foram autorizadas por êle, pessoalmente, do que assume total e plena responsabilidade.





CHAMA-SE ORAZIO DAVIS, êste cidadão. É artista popular, tem 51 janeiros bem vividos, e se julga incumbido pela Providência Divina, de reformar o povo inglês, induzindo-o a viver como se vivia na Idade Média. Mr. Davis, para dar o bom exemplo, trajou-se como Ricardo Coração de Leão, com a cruz de S. Jorge e o bastão em punho, em lugar de espada. Para conseguir êxito, fundou uma associação nacional, que já possui filiados em algumas cidades. Os membros da sociedade vestem-se como os cavaleiros Templários e têm como insígnia a «Espada de Prata». Diz Orazio, só assim se salvará a Inglaterra.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 De que país são os automóveis que trazem o símbolo NL, internacionalmente registrado:
— Holanda?
— Nova Zelândia?
— Albânia?

2 Em qual destas cidades nasceu o poeta Casimiro de Abreu?
— São João da Barra?
— Campos?
— Barra de São João?

3 Em que país da América o dinheiro tem o nome de Colon:
— Cuba?
— São Domingos?
— Costa Rica?

4 Qual dêstes países produz mais mandioca:
— Brasil?
— Indonésia?
— Congo?

5 A 31 de dezembro de 1952 o número de automóveis em circulação no Brasil era de:
— Exatamente 500 mil?
— 299.625?
— Ou 487.963?

6 A propósito de veículos em circulação no Brasil, que há mais:
— Automóveis?
— Caminhões?
— Ônibus?

7 Qual o primeiro nome dado a Minas Gerais:
— Província da Fartura?
— Terra de Esmeraldas?
— Minas Gerais de Cataguá?

8 Por que se tornou famoso Gabriel de Lara:
— Por ter fundado Curitiba?
— Pelo seu heroísmo na Guerra do Paraguai?
— Por ter sido grande inventor?

9 Em que país da América se executou a primeira obra tipográfica:
— No Peru?
— No Brasil?
— No México?

10 Qual a ave que tem o nome científico de «Struhio Camelus»:
— O papagaio?
— O avestruz?
— O peru?

11 Qual a tradução do nome indígena «Ipirangá»:
— Rio estreito?
— Agua vermelha?
— Terra bonita?

12 Qual o nome real do Marquês de Maricá:
— Luís de Lima e Silva?
— Honório Hermeto Carneiro Leão?
— Mariano José Pereira da Fonseca?

13 Que quer dizer «arquipélago»:
— Pessoa muito rica?
— Muitas ilhas em grupo?
— Lugar perigoso no mar?

14 Qual o número atual de edifícios existentes em Pôrto Alegre:
— 38.000?
— 74.870?
— 50.000?

15 De quem é a música do Hino à Bandeira:
— Francisco Braga?
— Pereira Passos?
— Carlos Gomes?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na pág. 49)

GOAL ESPETACULAR
O ANUÁRIO
do ESPORTE Ilustrado
de 1953



CR.$ 15,00

BREVEMENTE EM
TÔDAS AS BANCAS

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● MORENA (Rio)

SONHO — Via-me numa casa de fazenda abandonada, com um dos meus filhos pequenos. Ao procurar, num cêsto, dois ovos para preparar-lhe a refeição, vi que ali estava uma cobra, que saiu rastejando pela casa. Chamei uma mulher, que me ajudou a matá-la; mas, ao olhar para fora, vi, no telhado de uma construção mais baixa, outra enorme serpente; assustei-me, mas a mesma mulher me disse que não havia motivo para isso, pois era apenas um cachorro. Depois, não sei como, me encontrei na beira de um rio, em companhia de uma de minhas cunhadas; as águas estavam cheias de peixes, que nadavam com a cabeça de fora e a bôca aberta.

INTERPRETAÇÃO — Sonho cheio de símbolos os mais variados e que me mostram claramente seu estado de espírito. Você deve viver uma vida isolada (fazenda abandonada) e se julgar fora da época, ou, mesmo, tem um estranho modo de pensar, em que suas idéias, mais amadurecidas do que as do comum das criaturas, façam de você uma incompreendida. Para Freud e os adeptos da escola da libido, como única representante dos símbolos oníricos, a cobra e o ôvo representam simplesmente desejos íntimos insatisfeitos. Elevando-nos, porém, acima das sensações de gôsto e prazer, podemos dizer ser a cobra um símbolo de alto valor espiritual, pelo fato de representar o domínio dos sentidos e suas miragens, deixando sobrepor-se à vontade que exige, o autocontrôle, que sublima e reeduca. O ôvo — germe da vida — por si só nos diz um mundo de coisas. Sendo a representação do embrião, isto é, do desconhecido, nos faz pensar em futuros promissores e esperançosos. Os antigos alquimistas e filósofos, muito se preocupavam com o ôvo e o estudaram sob vários aspectos. Diz o povo na sua singular sabedoria que, sonhar que se mata uma cobra é sinal absoluto de vitória; assim também o julgo, pois, quando mais não seja, há no seu sonho um indício de que algo em nós foi vencido, o que suponho haja acontecido com você, Moreno (cobra que se transforma em cachorro). Depois dêstes dois grandes símbolos, há em seu sonho dois outros que me revelam em seu **eu interno** e muito íntimo uma espécie de fixação ou complexo de inferioridade em relação aos seus familiares (rio — cunhada) e, também, a esperança de conseguir, você ou seu marido, uma situação financeira mais vantajosa e maior estabilidade em sua vida (peixes). O signo **Piscis** é sexual por excelência, motivo por que vejo em todo o conjunto de símbolos do fenômeno certas particularidades que dizem respeito à sua vida íntima, algo submissa e defectiva...

● **TRISTE (Rio)**

SONHO — Via, recortados no céu, três cavalos, fortes e eretos como estátuas de bronze e dispostos em planos, como se estivessem nos degraus de invisível escada. Pareciam-me nuvens e eu queria que outros os vissem, antes que se desfizessem. Disseram-me, entretanto, que o primeiro era apenas uma rocha; os outros talvez fôssem o seu reflexo, talvez nuvens.

INTERPRETAÇÃO — Na sinonimia da nomenclatura do ritual da Umbanda, **cavalo** significa **o aparelho receptor dos fluidos** e centelhas astrais, correspondentes às **entidades** chamadas a um **terreiro, sessão,** ou ambiente propício ao culto. O **cavalo** é, pois, a figura que exterioriza a própria criatura e é claro que você se julga **bastante forte,** capaz de enfrentar com denodo e valentia os embates da vida. Mas... há sempre um «mas» em tôda a história... lá vem um dia em que, cheia de desalento, você se compara à nuvem que foge na curva do horizonte e apenas deixa uma pequena lembrança de sua passagem (...talvez fôssem nuvens...). Acredito, também, que você precisa de alguém que estimule e revigore seu ânimo, às vêzes abatido (...talvez reflexo do primeiro cavalo), ou seja necessário fazer voltar seu pensamento para o passado, evocando os hercúleos esforços que dispendeu para vencer (degraus da escada). Você deve fazer um treino de sua vontade, por meio da auto-sugestão consciente, pois parece-me que tem a mente bastante plástica para se impressionar com as imagens positivas que você lhe oferecer.

● **Mme. RABICÓ — (Rio)**

SONHO: — Via meu filhinho, já falecido, fardado com o uniforme do Pedro II, sentado nas costas de um banco, assistindo a uma partida esportiva. O campo, à sua frente, era maltratado e se viam manchas esparsas de grama muito verde. Ao vê-lo e reconhecê-lo, fui tomada de grande espanto. Aproximei-me dêle; estava lindo, risonho e muito corado, mas, ao chegar mais perto, vi que êle tinha o rosto e os punhos envoltos em algodão e esparadrapo e pincelados de mercúrio cromo. Eu o chamava insistentemente: — Meu filho! Meu filho! Sua fisionomia voltou à primeira expressão, bela e risonha, deixando ver os dentes fortes e bonitos, para daí a pouco, apresentar-se desfigurada...

INTERPRETAÇÃO: — Foi com o maior prazer que recebi sua carta. Você nunca se esquece desta seção, o que muito me comove. Quanto ao seu sonho, é um misto de reminiscências da curta passagem do seu filhinho por êste mundo e um encontro com êle no Astral. Está por demais provado que, enquanto dormimos, nosso espírito se ausenta do corpo e deambula pelas regiões Astrais, em busca dos entes queridos que nos precederam na grande viagem... Há uma perfeita transferência de cenas no fenômeno onírico (transformações que se operavam na fisionomia do seu filho;) ora se apresenta com sua farda de colégio, belo como era; ora se transforma naquilo que, em geral sabemos do «post-mortem» do corpo (esparadrapo, algodão, etc.) Se me refiro à morte do corpo, faço-o baseada na grande verdade emitida por São Paulo: — a morte não existe e é o último inimigo a ser conquistado. — A saudade que você tem do seu filho, a dúvida de que ainda possa vê-lo, motivaram o seu espanto ao encontrá-lo, embora em sonho. Mas, creia-me, você ainda o verá; mas, para isso é necessário um estado preparatório, pois nem sempre existe perfeita sintonia entre os que deixam o mundo em épocas diferentes. Console-se, minha amiga, e esteja certa: a mamãe saudosa e o filhinho querido ainda se encontrarão.

PAULO LAURO em desabafo



«Sei que muita gente não gosta do meu chapéu de abas largas, quebrado sôbre o ôlho direito. Não será para agradar os meus inimigos que irei mudá-lo. Ademais, sou mulato do Descalvado... Só não tenho o clássico dente de ouro, coisa, aliás, que considero imperdoável.

SAI DE TANGA DA PREFEITURA DE SÃO PAULO!

Fotos de ADIR VIEIRA

Reportagem de EDMAR MOREL

OS dois milhões e quinhentos mil habitantes da captail paulista, há cinco anos,
só escutam isto:
O próprio Jânio Quadros, cuja vitória espetacular foi um nocaute no chamado
populismo, aproveitou o «slogan»: «Um tostão contra um milhão», visando, prin-
cipalmente, ao propalado desbaratamento de dinheiro de Paulo Lauro. Acusam-no,
ainda, de falsificar o balanço de 1947 da Municipalidade, subordinando ao grupo
«Realizável» as contas representativas de Títulos a Emitir ou Títulos a Colocar, no
valor de 300 milhões de cruzeiros. O general da campanha, nesse setor, foi o
antigo vereador Pedro Pedreschi. Acontece que há outra batalha e outro cabo
de guerra. É o caso do contrato de estudos para o «sub-way», sem concorrência
pública, e que custou sete milhões de cruzeiros. O general é o ex-prefeito
Prestes Maia, líder da U.D.N. Há ainda uma terceira frente: a aprovação das
contas do período de 1948, no momento, em discussão no plenário.

Agora, Paulo Lauro é, apenas, um dos deputados federais mais votados de
São Paulo e secretário geral nacional do Partido Social Progressista, sem dúvida
a quarta fôrça política eleitoral do país.



O POVO ESCOLHE: O GUARDIÃO DO ERÁRIO OU O LADRÃO DA PREFEITURA? ★ SISTEMA DE CONTABILIDADE COM DOIS GUMES ★ DE ADVOGADO DE PORTA DE XADREZ A DEPUTADO FEDERAL ★ PRESTES MAIA E O CASO DO "SUB-WAY" DA CAPITAL PAULISTA ★ RACISMO "VERSUS" MULATISMO

A maneira de vestir do parlamentar bandeirante é estranha. Usa um imenso chapéu de massa cinzenta quebrado sôbre o ôlho direito, tipo perfeito do banqueiro do jôgo de bicho, uma pasta debaixo do braço, roupa sem grandes preocupações do alfaiate, sapato de camurça berrante e, por cima de tudo, fuma cigarro em piteira. Mas o secretário geral do P.S.P. foi logo dizendo:

— Não se esqueça de que sou mulato do Descalvado... Êsse jeitão de andar assim é da raça. Não uso dente de ouro por descuido. Antes de entrar na política, em 1932, formado pela Escola Normal, lecionei em diversos colégios particulares, ganhando a vida com dureza.

Como as acusações que pairam sôbre o ex-prefeito são de números, em milhões de cruzeiros, o jornalista indagou:

— Você lecionava matemática?...

O deputado federal pegou a malícia e retrucou:

— O meu mal é não ser forte em matemática... Fui professor de português, história e psicologia. Em 1932 concluí o curso de Direito, comecei a advogar no crime e passei a militar na política. Foi por isto que um meu inimigo declarou: «O prefeito Paulo Lauro entrou na política pela porta do crime!». Você se lembra do famoso caso do Restaurante Chinês? — perguntou, com ênfase, ao jornalista. — Arias de Oliveira confessou três vêzes a autoria de quatro mortes. O júri durou dois dias e uma noite, quando ouvi do juiz: «O Conselho de Sentença absolveu o réu». Foi a minha primeira grande vitória como causídico e não recebi um só centavo. Aí os meus detratores passaram a me chamar de advogado de porta de xadrez. Mas acabei no Palácio Tiradentes, pela vontade do povo. Acontece que a minha banca de advocacia rendia, em média, de 50 a 60 mil cruzeiros por mês, quando fui convidado para prefeito de São Paulo, para ganhar dezoito mil. O que salvava era uma economia que dispunha, inclusive a casa onde moro, à avenida Brigadeiro Luís Antônio, 4.910, que comprei por 120 mil cruzeiros, pagando mil e duzentos por mês. Tinha uma pequena herança deixada por meu pai, cujo inventário fôra concluído na época, na 4ª Vara de Família. Fiquei com partes de prédios à rua Augusta, na Abolição, etc. Nos bancos o meu saldo era de 800 mil cruzeiros, ganhos com suor, lecionando dia e noite e advogando na capital e no interior. Feita a minha declaração de bens, ao assumir o cargo de prefeito, em 29 de agôsto de 1947, procurei conhecer a situação financeira da Municipalidade. A rica e opulenta Prefeitura, cujo orçamento é superior ao de inúmeros Estados da União, apresentava um saldo de Cr$ 17.210.061,30.

BODE EXPIATÓRIO

Depois que o jornalista se acostuma com o berrante chapéu de massa do deputado, já espetado no cabide, e com as baforadas do seu inseparável cigarro, a conversa já é mais íntima. Paulo Lauro, apontando para um retrato colorido do sr. Ademar de Barros, disse:

— Tudo isto não passa de um jôgo de bilhar. A tacada é em mim, mas o

«Saí liso da Prefeitura de São Paulo. Perdi minhas economias, minha banca de advogado. Fiquei de tanga e ainda sou acusado de dilapidador dos dinheiros públicos».



«Comigo não tem bandeira. Sou gente do povo e fui eleito pelo povo. O resto é falatório de comadres descontentes e ignorantes».



«A questão é puramente pessoal. Ficaram com lero-lero e resolvi mover uma ação cominatória. Comigo é assim, no duro, na batata».



«Já implicaram até com a minha piteira. Implicam com tudo. É com o cigarro, o chapéu, a pasta, o sapato e até com o meu andar».



«O negócio é esperar sentado, enquanto o Tribunal decide a ação por mim intentada. Nas horas de folga sou, simplesmente, da sombra e água fresca. Durante o dia estou sempre dando duro. Compareço ao plenário, não abandono as Comissões e vou ao Partido diàriamente».

alvo é aquêle, meu chefe até debaixo d'água.

Prosseguiu:

— Na impugnação da prestação de contas do exercício de 1947, rejeitaram, também, as contas dos outros prefeitos, de janeiro a agôsto: drs. Abrahão Ribeiro e Cristiano Stokler das Neves. O negócio é puramente pessoal. A principal acusação é de ter eu incluído, no Ativo Financeiro, subordinadas ao grupo Realizável, as contas representativas de Títulos a Emitir ou Títulos a Colocar, correspondentes ao valor de emissões autorizadas por lei, como lastro financeiro de créditos especiais, destinados à realização de obras, melhoramentos de serviços públicos. Note-se que o dinheiro entrou, posteriormente, e serviu, inclusive, para pagar os subsídios dos vereadores.

Acontece que esta contabilidade não foi inventada por mim. Esta forma contábil vem de 1941 até hoje e tôdas as administrações tiveram as suas contas aprovadas, inclusive o período exercido pelo sr. Prestes Maia, em 1941, o qual, diga-se de passagem, é o pai da criança, isto é, o inventor daquele sistema de contabilidade, através do seu secretário da Fazenda, sr. Frederico Hermann Júnior. Depois que saí da Prefeitura, em 1948, o coronel Asdrubal da Cunha organizou o seu balanço nos mesmos moldes e teve tudo aprovado pela Câmara Municipal. Como são decorridos cinco anos e ninguém resolveu tomar a iniciativa de um processo, acabo de requerer em juízo a prestação de contas do período de 1947, iniciando uma ação cominatória. Não fiz o mesmo com o balanço de 1948, ùnicamente porque êle está em discussão no plenário.

Paulo Lauro, em desabafo, diz:

— Trabalhava 16 horas por dia. Queiram ou não os meus inimigos, encontrei a solução do angustiante e quase centenário problema das porteiras do Braz, o pesadelo do trânsito em São Paulo. Pavimentei 141 ruas, numa área de mais de 448 mil metros quadrados. Inaugurei 8 grandes mercados, regularizei 878 ruas, numa área superior a 3.600.000 m2. Estendi 18 quilômetros de rêde aérea e subterrânea para fornecimento de energia elétrica. Concluí as obras dos viadutos 9 de Julho e Dona Paulina, enfim, trabalhei como um burro. Saí de tanga da Prefeitura e ainda sou acusado de dilapidador dos dinheiros públicos, de falsário, de ladrão! Perdi as minhas economias e a banca de advocacia, sem favor uma das melhores do Estado. A Prefeitura foi um espêto na minha vida! Um abacaxi!...

O POVO ESCOLHE

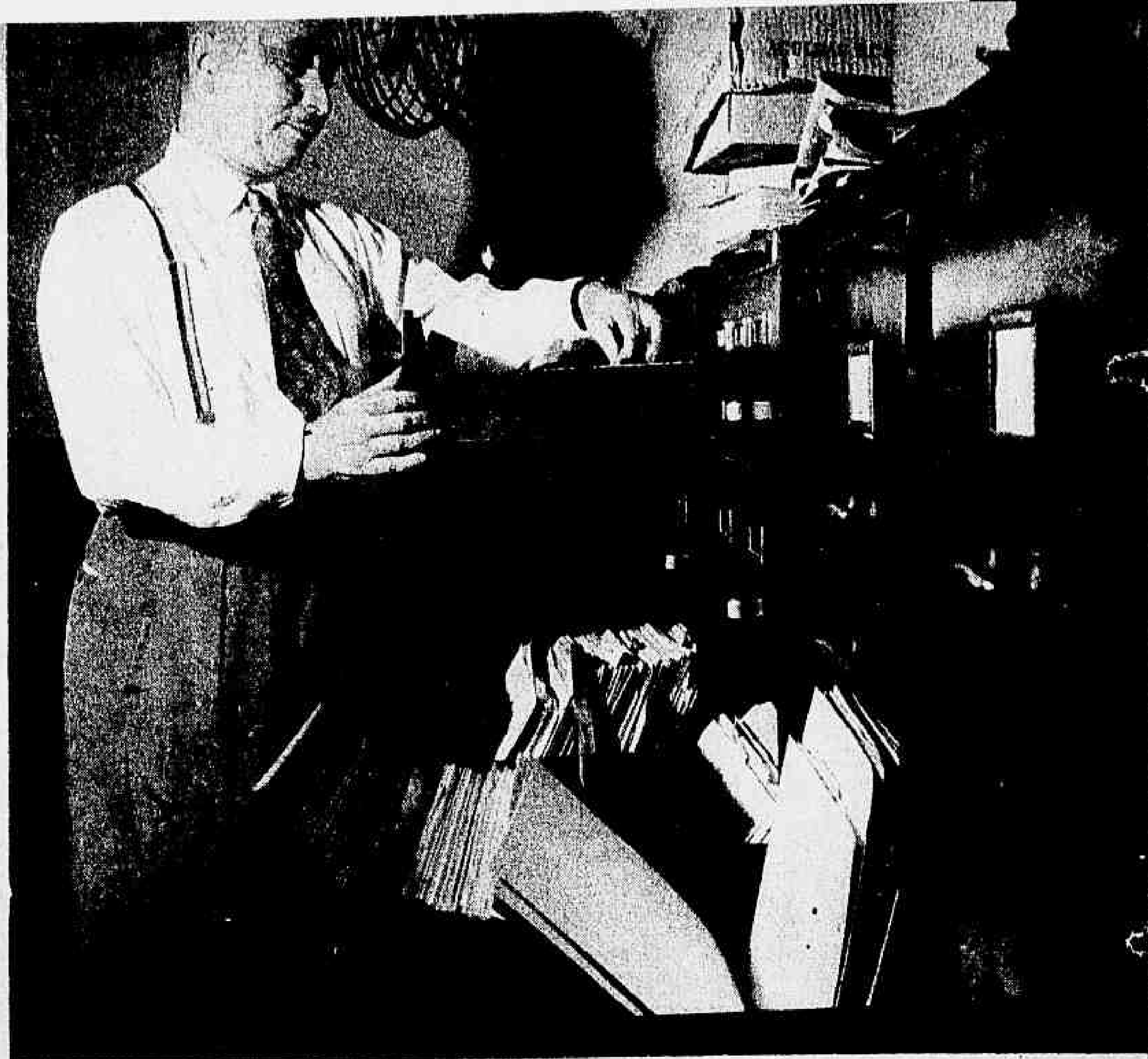
Paulo Lauro, dramático, explode:

— Nunca um homem público foi tão atacado em São Paulo como eu, aravés de uma campanha de despeito, ùnicamente porque trabalhei pelo povo e acabei com êste negócio de paulista de 400 anos dentro da Prefeitura. Todo mundo ficou de manga de camisa, dando duro. Vieram as eleições de 1950 e a campanha de difamação, em pleno apogeu, foi a melhor arma usada contra mim. O «general» fracassado da batalha era o ex-vereador Pedro Pedreschi, o qual se candidatou à Assembléia Legislativa com êste «slogan»: «O guardião do Erário!».

Mas o povo de São Paulo, o meu povo, deu uma lição nos abutres da honra alheia. O sr. Pedro Pedreschi, na capital, teve 1.100 esmirrados votos, votos da família, de alguns amigos e de incautos, enquanto eu, apontado como ladrão da Prefeitura, obtive mais de 15.000 sufrágios. Um homem que tem o apoio da massa não pode ter receio de caretas. Também não sei o que é mêdo, mal do qual não espero morrer. Tivesse mêdo de perder posições e não teria protestado contra o estúpido movimento de racistas, que pleitearam a proibição da passagem de homens de côr pela rua Direita.



O deputado Paulo Lauro, entre seus colegas de bancada do P.S.P. no Palácio Tiradentes, aponta para a Coréia e diz: «Chega de guerra».



O fichário do Partido é sempre revisto pelo deputado Paulo Lauro. Se êstes fichários tivessem o dom de falar, o público ficaria perplexo!

E fazendo «blague»:

— Não adianta, sou mulato mesmo. Está no sangue! Comigo não tem racismo.

O CASO DO «SUB-WAY»

Paulo Lauro aborda o caso do «sub-way», apontado como o maior escândalo da sua administração.

— Mandei fazer os estudos para a construção do «sub-way» de São Paulo, sem concorrência pública. Neste sentido não entro em discussão com comadres descontentes e ignorantes. Prefiro os pareceres dos vultos de autoridade indiscutível na matéria, como o professor Aliomar Baleeiro, líder da U.D.N., ministros Carlos Maximiliano, Carvalho Mourão e Temístocles Cavalcânti, que não deixaram margem a menor dúvida e patentearam o acêrto com que se procedeu no caso, perfeitamente dentro dos trâmites legais. A firma que fêz os estudos cobrou sete milhões de cruzeiros. É a mesma companhia que orçou idêntico trabalho na Capital Federal por 15 milhões. A Light, em 1927, fizera coisa semelhante pela importância de 10 milhões. Mas o sr. Prestes Maia achou que tudo seria pago com 900 mil cruzeiros. Quando o ex-prefeito Prestes Maia diz que uma coisa custa 100 mil cruzeiros, é porque vale, no mínimo, um milhão. Vou citar quatro casos para economizar tempo. Pela expropriação de um imóvel no bairro Anastácio, mandou ofertar ao proprietário, sr. Manuel Antônio da Cunha, a quantia de Cr$ 343.280,00. Houve uma questão e o Tribunal condenou a Prefeitura a desembolsar Cr$ 4.052.186,20, isto é, 18 vêzes mais. Pelo lote número 44 da avenida Rebouças, ofereceu Cr$ 9.060,00 e a Justiça intimou a pagar a soma de Cr$ 111.294,00. Pela casa da rua General Cardim nº 535, do espólio de Rodolfo Miranda, ofereceu Cr$ 1.300.000,00 e o Tribunal ordenou o pagamento de Cr$ 3.470.500,00, e, finalmente, a José Stanislau do Amaral, proprietário à rua Visconde do Rio Branco nº 405, ofereceu Cr$ 575.000,00 e a Justiça intimou a indenização de Cr$ 2.404.017,00.

ACUSA

Paulo Lauro faz outras revelações, para terminar a sua entrevista:

— Sempre gostei de passear a cavalo aos domingos e feriados em companhia do meu filho. O diabo da Prefeitura de São Paulo me deixou a pé. Nunca mais trepei no meu alazão. Agora vou levar o pinhão na unha. Com a ação cominatória que iniciei no mês passado, espero a decisão do Tribunal para fazer a prestação de contas de 1947, dos meses que governei, pois os outros são de responsabilidade dos prefeitos Abrahão Ribeiro e Cristino Stockler das Neves. Irei dizer como encontrei 17 milhões de cruzeiros na Prefeitura e no mesmo período financeiro, ao cair, deixei mais de 125 milhões, com obras realizadas em quase tôda a cidade, gastando, em média, por mês, com os serviços em execução, dois milhões e meio de cruzeiros.

Três coisas os meus inimigos não tiram de mim: a solução do problema das porteiras do Braz, o estudo do «Metrô», pelo qual passarão quatro linhas de trens e um mandato conferido por mais de 15.000 eleitores.

Até hoje não fui acusado de ter comprado para a Prefeitura um terreno que já era da Municipalidade, fato que ocorreu na administração do sr. Prestes Maia, com o sr. João Ugliengo, negócio que causou sérios prejuízos ao Tesouro Municipal. Cumpre, agora, esperar pela decisão do Tribunal. Quero prestar contas em Juízo.

E num desafio, falando com orgulho, assim concluiu o tão discutido político paulista:

— Comecei a vida estudando e trabalhando. Fui mestre-escola, professor de ginásio e advogado de porta de xadrez, como querem os meus inimigos gratuitos. Fui prefeito de São Paulo, sou deputado federal e não pretendo parar nesta corrida. Tenho fôlego de sete gatos. A minha vida é uma escada... A única escada que costumo descer é a do edifício onde eu moro, quando falta energia no elevador. Com meu chefe Ademar de Barros subirei como um foguete ou cairei como um genipapo maduro! Estou no páreo e indócil! . . .



O chapéu de massa característico e a placa identificam perfeitamente o dono da mesa: o deputado Paulo Lauro, eleito por 15.000 votos.



Deputado ou advogado de porta de xadrez? Paulo Lauro não escuta e vai entrando no seu carro — 55-57, placa do Estado de São Paulo.



«A tacada é em mim, mas o alvo é o meu chefe, Adhemar de Barros, com o qual subirei como um foguete ou cairei como um genipapo».

FLOR do tabuleiro

HAVIA mais de cinco horas que esquipávamos sem parar, cortando por uma trilha estreita aberta entre a vegetação mofina e garranchenta do tabuleiro.

Tal era, porém, a monotonia da paisagem, a repetir-se desoladoramente numa sucessão de aspectos sempre idênticos que, por vêzes, a despeito da marcha dos animais, eu me acreditava também especado ao solo e para sempre perdido na planura intérmina, como um daqueles muitos arbustos, esgalhados e hirtos que, à torreira do sol, se desseivavam na mainhez do areal adusto.

— Não, positivamente, é preciso ter uma bússola no cérebro para viajar por essas aragens — dizia um dos meus companheiros de jornada, engenheiro do sul, que nunca por ali se aventurara e partilhava da mesma sensação de enfado que já se apoderara de mim.

Iamos, por terras do Rio Grande do Norte, em demanda de certa zona do Estado, onde o govêrno pensava estabelecer uma colônia de emigrantes alemães. Comissionado pelo Ministério da Agricultura, o dr. Alencastro viera encontrar-se comigo em Natal, a fim de que, juntos, êle como engenheiro e eu como médico, déssemos parecer sôbre as condições sanitárias do local.

Nessa excursão, servia-nos de guia o sr. Pádua, sertanejo que em boa hora eu trouxera ao meu serviço, dando-lhe o lugar de escriturário em um dos postos médicos que, sob a minha direção, atendiam ao pessoal da Inspetoria de Obras Contra as Sêcas.

Antigo proprietário de fazenda, êsse sr. Pádua conhecia palmo a palmo o seu Estado e por todos os lados tinha excelentes relações, razão por que se tornava um preciosíssimo companheiro de viagens. Só mesmo quem já se perdeu pelo interior do Brasil, exposto a um sem-número de vicissitudes, pode ajuizar da valia de um cicerone dessa ordem, pronto a dirimir dificuldades que se antolhariam insuperáveis ao mais civilizado dos citadinos. Assim, graças à solicitude do sr. Pádua, não poucas vêzes me vi poupado ao suplício do indefectível «Hotel dos Viajantes» de quase tôdas as cidades do interior, indo hospedar-me na casa de qualquer amigo seu, todos iguais na afabilidade e bonomia com que sempre me tratavam. Isso para não falar em outras muitas gentilezas, como, por exemplo, o empréstimo que, amiúde, êle me fazia do seu alazão meieiro que, de fato, era uma especialidade, pois que quando eu me escanchava no seu lombo, por mais longo que fôsse o percurso, jamais sentia o menor cansaço.

Destarte acontecia naquela excursão em que o mesmo, mais uma vez, era cavalgado por mim e não desmentia a sua justa fama, esquipando sempre à frente dos outros animais em que vinham os meus dois companheiros.

— O que vale é que êste quartau parece conhecer bem o caminho, senão, creio que nos perderíamos por aqui.

— Perdia o que, seu doutor! Eu por todo êste tabuleiro sou capaz de andar até de olhos fechados — acudiu pronto o sr. Pádua, respondendo à minha asserção.

— Pois é isso mesmo. O senhor andaria de olhos fechados, fiado no tino do seu cavalo — aduziu em gracejo o dr. Alencastro.

— Não, senhor! Deus me defenda de semelhante miséria, que eu não conhecesse um pouco dos meus mundos.

— Mas, sr. Pádua, isto por aqui é tudo tão igual...

— Igual o que, seu doutor! É o que parece. Para mim todos êstes pés de pau são diferentes.

E o sr. Pádua, correndo as esporas no seu ruço-pombo, passou a trotar ao meu lado para nomear tôdas as plantas que formavam naquele mato ralo e definhante: aqui, um cajueiro bravo e, logo a seguir, algumas mangabeiras; ali, uma touça de marmeleiros, sobranceada por um espinho-rei; acolá, sôbre uns lajeiros, macambiras e gravatás espinhosos; mais adiante, um grupo de muricis e alguns pés de batiputá, e mais cajueiros bravos e outras mangabeiras; e ainda agora novos marmeleiros, que se sucediam à orla da estrada. Tudo aquilo, porém, sem alegria de uma flor. Uma vegetação esquálida e praguejada desbotando-se às inclemências do sol.

— Qual! para mim tudo isso é igual! — tornei eu, atentando mais uma vez para aquelas árvores nanicas e arbustos enfermiços, cujas poucas fôlhas tinham tôdas o mesmo tom amarelo-arruivascado.

— Não diga isso, doutor. Olhe, daqui a pouco, vamos passar por um cajueiro que aos seus olhos terá parença com os outros, mas que eu vigio há quase dez anos e não confundo com nenhum.

— Mas serão, assim, tão saborosos os seus frutos?

— Não, senhor. Cajueiro bravo não dá fruta. O doutor entende como é? Não dá, não... — E depois de uma pausa, em que descaiu sôbre um dos estribos, para esmoncar-se entre os dedos, apertando o nariz entre o polegar e o indicador:

— É porque êle está ligado a um caso muito triste, ocorrido na minha família, e que me trouxe abichornado por muito tempo.

— Pois conte-nos lá isso — disse eu, passando um cigarro ao dr. Alencastro, que arranjara jeito de trazer o cavalo para o nosso lado, a fim de ouvir melhor a narrativa do sr. Pádua.

— O senhor não se lembra de ter visto lá em casa, da outra vez que estêve aqui, uma menina que eu criava como filha?

— Sim... sim... Por sinal que era bem bonitinha, alourada e de olhos claros, com tipo diferente dos seus filhos.

— Isso mesmo! Ela tinha uns olhos de xexéu. Agora, que o senhor não sabe, é como eu fiquei com essa pequena. Naquele tempo, eu morava pouco distante daqui, nas Três Macaíbas, e era raro o mês em que eu não passava duas e mais vêzes por êste tabuleiro.

Numa dessas viagens, que eu fazia sempre sòzinho, um pouco adiante daqui avistei um vulto de mulher que descansava numa sombra de mato. Havia de ser por esta mesma hora, sò-

(Cont. na pág. 48)

Conto de GASTÃO CRULLS

Ilustração de GIL



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

EMBORA tão branca como um lírio, tinha Avícia um aspecto muito mais radiante e ditoso do que aquêle que esperava, parecendo muito feliz e consolada com o gorducho e rosado bebê que tinha a seu lado. Avícia estendeu a mão e disse a Pierston, lutando com sua debilidade:

— Tinha muita vontade de falar-lhe. Pensei que a emoção talvez me prejudicasse, pois é ainda demasiado cedo para dizer-lhe o quanto agradeço o bem que nos fêz, fazendo que Isaac voltasse. Êle também disse que muito o alegra estar novamente em seu lar. O senhor fêz muitíssimo por mim.

Ao ouvir as palavras de agradecimento da parturiente. Gierston não procurou saber se se tratava de simples cortesia, ou se tudo o que ela lhe dizia era mesmo uma manifestação de sincero agradecimento. Por isso, êle se limitou a dizer-lhe que estava muito sensibilizado pelo reconhecimento de sua gratidão, ajuntando em seguida:

— Agora, Avícia, resigno a minha tutela. Espero ver seu marido, em breve, com um emprêgo aqui mesmo na ilha, embora modesto.

— Assim o espero, pelo bem desta criaturinha — respondeu ela com um suspiro de satisfação. — Quer vê-la, senhor?

— A quem? Ah! sim... a sua filha! Deve dar-lhe o nome de Avícia.

— Sim. Assim o farei — murmurou ela com presteza, enquanto levantava o pano que ocultava a cabecita da criança, com alguma timidez. Espero que o senhor me perdoará o haver-lhe ocultado meu atormentado casamento.

— Sim, desde que você me perdoe o havê-la galanteado.

— Sim. Como poderia o senhor saber! Desejaria...

Pierston se despediu dela beijando-lhe a mão, e, ao separar-se de Avícia e do recém-nascido, a quem havia de voltar a encontrar em mui distintas condições, deixou a alcova com lágrimas nos olhos, exclamando:

— Acabou o sonho!

★

EM SEGRÊDO ou abertamente, como que Himeneu havia atingido o coração de Pierston, até então com burlas mais próprias de um Arlequim do que de um candidato ao matrimônio. Dias depois de haver-se despedido naquela solitária ilha, da mulher a quem, desinteressadamente, havia amado, encontrou-se em Piccadilly com o seu velho amigo Somers, ostentosamente trajado e apressando o passo, tendo no semblante a imagem da preocupação.

— Querido companheiro! — exclamou Somers, alegremente. — Como vai êste belo coração? Olha; embora me houvessem recomendado que nada lhe dissesse, eu vou revelar-lhe uma coisa, pois não posso ter segredos para você. E' preferível revelar tudo agora, do que mais tarde.

— Como?! Acaso vai você... — exclamou Pierston, como se já houvesse percebido qual a novidade.

— Sim. Aquilo que eu disse, impulsivamente, há seis meses passados, estou a ponto de realizar a sangue frio. Nicola e eu começamos de brincadeira e o que é fato é que terminamos por amarmo-nos ardentemente. No mês que vem nos unimos um ao outro para sempre.

Capítulo XXIII

VINTE anos haviam estendido seu véu sôbre os acontecimentos que terminaram com a reconciliação da segunda Avícia com o seu marido, e a branca península oferecia o mesmo aspecto, se bem que muitos dos que projetavam diàriamente sua sombra sôbre a monótona brancura estival, já não se interpunham entre a pedra e a clara luz do sol.

Contudo, a vida não havia mudado em grande coisa. Os silenciosos navios entravam e saíam do molhe; as ferramentas tilintavam nas pedreiras; filas e mais filas de cavalos de carga, em grupos de oito a dez, arrastavam penosamente costa abaixo os blocos cúbicos de pedra, nos antediluvianos carros de madeira, segundo o tradicional costume da ilha. O farol flutuante irradiava tôdas as noites, desde as areias movediças até ao Beal, que, por sua vez, também o mirava com seu ôlho de vidro. Continuava-se a ouvir o ruído das ondas nas pedras à beira-mar, embora as vagas não pudessem devorá-las.

Os homens bebiam, fumavam e cuspiam nas tabernas, sem maiores diferenças do que um pouco mais de "modernismo", e algo menos de dialeto em sua linguagem, como antigamente. Mas, durante aquêle intervalo de vinte anos, não mais se pudera ver o escultor Pierston sôbre a pedra do Canal que, pela primeira vez, lhe havia sugerido o manejo do cinzel.

Estêve êle muito tempo no estrangeiro, e naquele momento estava num hotel de Roma. Se bem que, nem uma só vez, voltasse a ver Avícia, depois que da mesma e da recém-nascida se despedira, procurou sempre ter notícias suas durante todo aquêle lapso de tempo. ête modo, ooube Pierston que, pouco depois de haver Isaac feito as pazes com ela, a havia maltratado, até que, por felicidade, preparou no negócio que Pierston lhe havia proporcionado, e, absorvendo-se nos cuidados do mesmo, deixou que Avícia seguisse sem estorvos em suas ocupações domésticas, recomeçando com ela uma das mais tranqüilas e duradouras reconciliações, cujo principal ingrediente não é o amor nem o ódio, se não a mais completa indiferença.

A princípio havia Pierston remetido a Avícia algumas quantias em dinheiro, por temer que Isaac lhe negasse comodidades materiais; porém não tardou em reconhecer, com muita satisfação, que eram desnecessárias semelhantes ajudas, pois o desejo de Isaac em colocar-se bem na sociedade, como verdadeiro cavalheiro ilhenho, fêz que desse à mulher liberdade para brilhar socialmente, como nunca houvera permitido antes, por simples comodidade.

Chegando Pierston a Roma, como acima já foi dito, depois de passar a tarde entre as obras de escultura do grandioso museu do Vaticano, foi jantar no hotel, na primeira noite. O hábito inconsciente e comum em muita gente, de traçar semelhanças e dessemelhanças, o havia feito discernir, ou a imaginar que discernia, sob a atmosfera romana, em suas luzes e sombras, e particularmente ao reflexo e subalternas claridades, algo parecido com a atmosfera de seu natal promontório. Talvez consistisse isso no fato de que, tanto numa como na outra, sua vista descansava ordinàriamente em pedras, e as pedras das ruínas da cidade eterna lhe faziam recordar as pedreiras nas rochas virgens de sua pátria.

Pensando nisto enquanto jantava a uma mesa redonda do hotel, ficou surpreendido ao ouvir pronunciar o nome do lugar do seu nascimento, pela bôca de um cavalheiro norte-americano que se sentara à sua frente, o qual conversava com um amigo acêrca de uma senhora, uma viúva inglêsa, cujo conhecimento haviam reatado em certo ponto da ilha do Canal durante recente excursão, depois de havê-la conhecido solteira, quando chegou a S. Francisco da Califórnia em companhia de seus pais, havia já alguns anos. Era então o pai dela um homem muito rico, e que acabava de retirar-se do comércio de cantaria da Inglaterra; mas, metendo-se em grandes especulações, havia perdido quase tôda a sua fortuna. Inteirou-se ainda Pierston, que a filha viúva se chamava Mrs. Leverre, e tinha um enteado, uma vez que seu marido, um cidadão de Jersey, era viúvo ao casar-se com ela, e que o enteado prometia ser um jovem de proveito.

Sobressaltou-se Pierston ao considerar que estas e outras alusões, embora não particularizadas, concordavam com a história de sua Márcia, uma de tantas "Bem-Amadas" perdidas há tanto tempo. O escultor apenas sentiu um longínquo desejo de saber alguma coisa a respeito dela, naqueles quarenta anos de separação; mas se comoveu o bastante para trocar algumas palavras com aquêles estrangeiros, logo que se lhe deparasse oportunidade.

Não era prudente chamar-lhes a atenção, por exemplo, para as plantas que adornavam a ampla mesa, e, mesmo que houvesse podido, repugnava-lhe formular perguntas em público. Esperou, pois, que terminassem o jantar, e quando os estrangeiros se levantaram, Pierston foi atrás dêles.

Não os encontrou no salão e soube ali que haviam saído. Não era possível alcançá-los. Mas Pierston, já inquieto com aquelas observações, passou acima e abaixo pela contígua praça de Espanha, esperando que os mesmos por ali voltassem. As ruas adjacentes estavam envôltas em sombra e o arremate da fachada da igreja, banhado em luz alaranjada. A obscuridade da noite se intensificava gradualmente sôbre a ampla e larga escadaria, pela qual subiam e desciam sem cessar os transeuntes com a insignificância de formigas. As trevas envolviam a casa à esquerda, onde Shelley havia morado, e a da direita, onde Keats tinha morrido.

Ao voltar Pierston ao hotel, inteirou-se êle que os americanos haviam ido ali apenas para jantar, e que estavam hospedados noutra parte. Não tornou a vê-los, e, refletindo sôbre o assunto, se convenceu de que não devia inquietar-se pelo que pudesse ter sucedido a uma mulher como Márcia, fugida de sua casa por uma extravagância, se bem que, depois de tão prolongado silêncio, pensasse em tardia amizade a êle, ou se não valia mais a pena se descobrir seu paradeiro.

★

FAZENDO TAIS reflexões, não pensou mais em Márcia. Outro elo de ligação com sua ilha natal foi avivado por uma carta de Avícia, recebida pouco depois do fato anterior, na qual lhe dizia que seu marido havia morrido de um acidente quando trabalhava na pedreira. Também dizia que tinha estado enfêrma, felizmente já restabelecida, sem que nada lhe faltasse, e que teria muito prazer em vê-lo, caso viesse êle a fazer uma visita à ilha.

Como Avícia não lhe havia escrito em tantos anos passados, seu desejo de vê-lo agora devia originar-se, provàvelmente, de algo muito mais recente que tudo o que êle retinha na memória. Entretanto, o estilo de sua carta prevenia contra tôda suspeita de que Avícia estivesse a pensar nêle como naquele antigo galanteador, a quem os acontecimentos colocavam em liberdade. Respondeu-lhe Pierston dizendo que lamentava sua passada enfermidade, e que, seguramente, aproveitaria a primeira ocasião para ir à sua terra natal durante a próxima visita à Inglaterra.

Mas a carta de Avícia veio avivar-lhe o desejo de revê-la, sob o pretexto de visitar a ilha em que nascera. Pierston não esperou mais e partiu. Uma semana depois lá estava êle a opé do penhasco familiar, onde as casas à entrada da ilha semelhavam pombas cinzentas na cumieira de um telhado.

No *Top-o-Hill*, como geralmente chamavam ao cume do penhasco, deteve-se a contemplar os trabalhos que se executavam lá em baixo, nas pedreiras, onde as numerosas e negras gruras, disseminadas pela meseta central, pareciam um bando de girafas que ali estivessem a pastar.

(*Cont. no próximo número.*

Tradução de RENATO DE ALENCAR Ilustração de RAMON

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Depois de ter tentado encontrar na pessoa de várias mulheres o tipo ideal de sua Bem-Amada, o escultor Jocelyn Pierston se apaixona por Ana Avícia, filha de uma sua ex-noiva, Avícia Caro. Ambos eram filhos de uma povoação situada em uma ilha das costas da Inglaterra. Pierston, depois de ter tentado por vários modos atrair a atenção da segunda Avícia, obtém dela a revelação do seu segrêdo: era casada. Diante disso, o artista resolve levá-la novamente para sua ilha e ali providenciar a volta do marido da jovem, o qual, depois de discutir com ela abandonara o lar. Ana Avícia, que estava para dar à luz, recebe o espôso no dia em que tivera criança. Pierston, que morava em Londres e empregara Ana como uma espécie de governanta, levara-a para casa e promovera a reconciliação do casal.



GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

DESDE TELEVISÃO A UTILIDADES DOMÉSTIAS. MAIS DE DUAS CENTENAS DE EXCELENTES PRÊMIOS. VIAJE PELO BRASIL, COLANDO AS FIGURINHAS ABAIXO NO "ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA". CONHEÇA NOSSO PAÍS E SE CANDIDATE AOS PRÊMIOS.



As figurinhas coloridas que deverão ser recortadas da REVISTA DA SEMANA e coladas no ALBUM, começaram a ser publicadas na REVISTA nº 12, de 21 de março de 1953, com os seguintes números: 156, 38, 76, 51, 102, 140, 57, 156, 7, 120, 15 e 39.

Daí por diante, foram publicadas as seguintes, até o número presente:

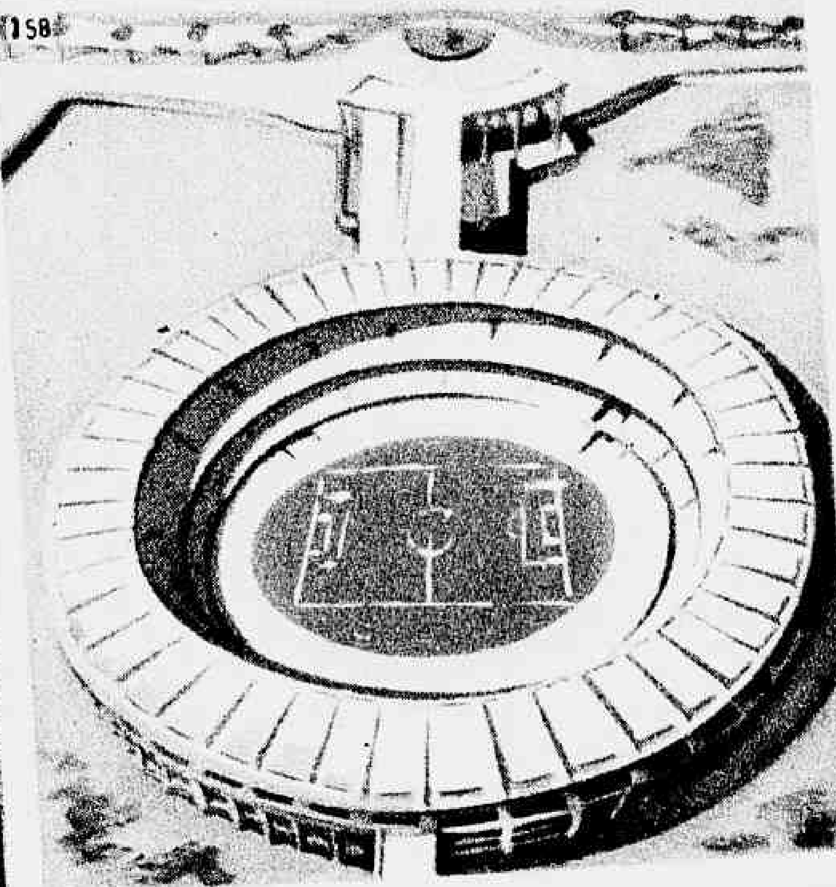
Nº 13, de 28-3-1953: 32, 70, 142, 90, 72, 141, 123, 1, 86, 112, 25 e 114.
Nº 14, de 4-4-1953: 53, 92, 11, 127, 87, 34, 96, 20, 8, 144, 88 e 58.
Nº 15, de 11-4-1953: 29, 146, 26, 17, 3, 54, 94, 81, 134, 98, 4 e 22.
Nº 16, de 18-4-1953: 46, 68, 73, 19, 62, 37, 40, 64; 10, 153, 63 e 27.
Nº 17, de 25-4-1953: 2, 139, 44, 69, 115, 35, 75, 12, 85, 18, 42 e 131.
Nº 18, de 2-5-1953: 28, 154, 74, 60, 136, 82, 5, 100, 6, 113, 65 e 138.
Nº 19, de 9-5-1953: 16, 84, 83, 33, 103, 21, 23, 47, 13, 108, 121 e 36.
Nº 20, de 16-5-1953: 119, 67, 107, 97, 31, 55, 56, 111, 135, 99, 61 e 66.
Nº 21, de 23-5-1953: 79, 95, 59, 126, 49, 149, 78, 14, 104, 52, 30 e 152.
Nº 22, de 30-5-1953: 124, 43, 101, 122, 91, 9, 80, 106, 130, 132, 110 e 151.
Nº 23, de 6-6-1953: 41, 117, 128, 116, 89 e 137.
Nº 24, de 13-6-1953: 148, 24, 48, 77, 133 e 129.
Nº 25, de 20-6-1953: 50, 105, 93, 145, 71 e 118.
Nº 26, de 27-6-1953: 125, 109, 45, 143, 147 e 150.
Nº 27, de 4-7-1953: 157, 158, 159, 160, 161 e 162.

Quando não forem encontradas em jornaleiros, podem pedi-las à Companhia Editôra Americana, mediante selos do Correio ou Vale Postal. — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhúma, nº 134 — Rio de Janeiro.













UM AUTOR

ÉRICO VERISSIMO



ÉRICO VERÍSSIMO, que acaba de substituir Alceu Amoroso Lima como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, antes de partir para os Estados Unidos, assinou contrato com uma de nossas produtoras cinematográficas para a filmagem de três películas extraídas de seu «roman-fleuve», «O tempo e o vento».

● Tivemos alguns momentos de palestra com Érico — que é um sujeito simpaticíssimo — antes de sua partida, e falamos com êle precisamente a respeito dessa filmagem. O autor já teve um outro livro seu filmado na Argentina, aliás uma boa fita. Êle é um romancista moderno que não despreza as técnicas modernas do cinema e do rádio, nem as considera veículos abomináveis, como na atitude comum dos intelectuais. Tanto assim que êle mesmo se recordou — na conversa em questão — que uma das acusações mais costumadamente feitas à sua obra é a de que são «romances cinematográficos»... Érico apenas acha graça nessa incompreensão da crítica sôbre um dos elementos mais característicos de sua obra, porque o que a crítica considera «cinematográfico», não é apenas certa maneira direta de contar uma história, mas a própria atualidade dos temas e dos personagens, senão sua atualidade cronológica. — «O tempo e o vento» começa muito antes de nossa época —, pelo menos a atualidade da apresentação e da compreensão dêsses personagens. Em resumo: não se pode escrever hoje — e ninguém os escreve — um romance brasileiro ou não, com o estilo, ponhamos, de Coelho Neto. Compara-se Érico Veríssimo com os nossos grandes romancistas atuais, para se descobrir nêle o... urbano, em contraste com o «sertanismo» de outros autores preferencialmente de histórias provincianas... A verificação é paupérrima de espírito crítico e, de forma alguma, pode prejudicar o escritor. Não prejudica mesmo: os livros de Érico Veríssimo são sempre e cada vez mais lidos no Brasil, alguns também no estrangeiro, inclusive êsse, «O tempo e o vento», cujo ambiente gaúcho, tão típico e particular, para nós mesmos, não impediu fôsse traduzido para o inglês, nos Estados Unidos, onde, não sendo um «best-seller», pelo menos teve um sucesso comum que, lá, constitui êxito de livraria muito maior e significativo do que os maiores que temos por aqui.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

● Como todo escritor, Érico Veríssimo tem os seus pecados e, por nossa parte, não gostamos dos seus dois volumes de impressões dos Estados Unidos, espécie de «cahiers de route» que êle nos deu com certa indiferença, talvez propositada, e certa superficialidade, essa inadmissível em um escritor como êle. Quanto aos seus romances, acusá-los de cinematográficos é, sem o querer, fazer-lhes o elogio. Isso, não apenas porque tôda a atualidade é influenciada pelo cinema, que se insere em nossa vida diária avassaladoramente, mas também porque o cinema ensinou mesmo à técnica literária moderna muita coisa que ela ignorava e que se ainda não aproveita é por estupidez. De mais a mais, as edições de Érico Veríssimo vão se sucedendo, seus livros são conhecidos e amados pelos leitores, a quem cabe a última palavra nesse assunto de livros... E para que discutir com os leitores?

UM LIVRO

"CAVALO DE PAU"

LIVRO da maior importância, aliás como os que anteriormente já nos deu o autor, êste «Cavalo de Pau», de M. Rodrigues de Melo, recente edição Pongetti. Se considerarmos a pobreza de estudos particulares dedicados ao nosso folclore, podemos avaliar a contribuição inestimável que vem trazer esta obra, trabalho minucioso de pesquisa sôbre a criança sertaneja, vendo-a através de seus jogos preferidos e partindo daí para uma interpretação social e humana.

Embora regional, melhor, trabalhado segundo as contribuições de uma região, o livro esclarece de certa forma todo o nosso vasto mundo sertanejo, em contraste com o litoral, urbano ou rural. M. Rodrigues de Melo apresenta verdadeiros tesouros folclóricos, fazendo sociologia regional, porém emprestando-lhe um caráter principalmente brasileiro, pois, embora as variações mesológicas, em nossa geografia, vemos aqui as profundas afinidades entre essas crianças, essa infância da várzea do Açu e seus irmãos brasileiros de outras regiões agrestes. Todos os que já vivemos no interior, em qualquer província do país, encontramos aqui os ligamentos espirituais que nos aproximam das origens comuns, o que é fato presumìvelmente novo em nossos estudos de generalidades, por isso mesmo que nos faltam obras assim, capazes de, focalizando uma região e seu caráter, mostrar-nos como as dissemelhanças de clima e topografia não separam o brasileiro, no seu elemento principal, na sua somática humana.

Depois de apreciar o menino sertanejo através de seu jôgo favorito, o cavalo de pau, folguedo comum a outras regiões pastoris, como a de Minas, por exemplo, embora algumas diferenciações locais, M. Rodrigues de Melo focaliza em «close-up» êsse menino do Açu, ao longo de pormenorizado exame, com uma extraordinária riqueza de experiência, com profunda vivência do assunto. Além disso, apende à obra um pitoresco e rico vocabulário de regionalismos, muito útil aos nossos futuros dicionaristas, que, no geral, desconhecem as particularidades do idioma, segundo o linguajar especial das várias zonas do país. Mesmo nessa língua sertaneja vamos encontrar inúmeros pontos de contato vocabular com outras regiões do Brasil, o que, como antes dissemos, mostra a nossa unidade racial, nas suas formas mais concretas. Verificamos, assim, que os brasileiros, separados por centenas de quilômetros invisos, estão muito mais ligados entre si do que, por exemplo, os povos da Europa central, servidos por uma civilização secular e por uma geografia camarada na sua praticabilidade. Por lá as fronteiras raciais se cavam de maneira profunda, enquanto que aqui, separados por montes, florestas e rios caudalosos, estamos unidos sempre por aquilo que faz a unidade da pátria, a comunidade de língua, prendendo-nos às origens comuns, o modo de ser e de agir, não importam os climas, os acidentes, a diversidade de cultura, de adiantamento administrativo ou de civilização. «Cavalo de Pau», na escassa bibliografia de nosso folclore regional, é obra de subido interêsse, com ser ainda um livro vazado em estilo agradável, linguagem escorreita e autorizada documentação, buscada às fontes.

FORA DO PRELO

● DANTE ALIGHIERI — Arnaldo S. Thiago publica «Dante Alighieri, o Último Iniciado", trabalho de exegética da «Divina Comédia", obra sempre e cada vez de maior interêsse, a que o presente estudo muito esclarece. Arnaldo S. Thiago é uma autoridade e seu livro demonstra tanto o saber com que trata do assunto tão relevante, com o carinho que lhe merece a obra de Dante. Monumento imortal da poesia, a obra de Dante encerra muitas belezas e muitos encantos que a simples leitura não consegue revelar. Os tercetos imperecíveis guardam mesmo muito mais do que simples poesia. A obra de Arnaldo S. Thiago nos conduz pelos meandros dos versos de Dante e nos revela novos e insuspeitos mundos, nêsse casmos poético da mais alta significação.

● A BAILARINA SUÍCIDA — Celso Bentim, escrevendo sôbre êste livro de Mary Apocalipse, onde se reúnem alguns contos realistas, lembra que a autora não quer retocar a vida, antes, deseja apresentá-la em tôda a sua crueza, com suas falhas e intercadências, com todo o seu sabor de vida viva. «A Bailarina Suicida"traz um prefácio de Helena Silveira, mostrando que a autora revela espírito de observação e dotes de escritora, embora as falhas naturais, marcando-se por inegáveis possibilidades, no gênero.

● PARLIAMO PORTOGHESE — Liliana Borla, poetisa que vive em Roma e que ainda recentemente publicou interessante livro de versos, envia-nos êste compêndio de português que ela organizou para os italianos. Exercendo o cargo de secretária do conselheiro comercial da Embaixada do Brasil, na capital italiana, ocorreu-lhe publicar êste excelente manual de conversação que muito ajudará aos italianos que desejam entrar em contato com a nossa língua. O livro, além de regras de pronúncia, apresenta uma síntese gramatical e um vocabulário italiano-português, tudo muito cuidadosamente feito, o que recomenda o labor simpático da bela poetisa. (Edição Le Ligue Estere, Firenza, Italia).

COPACABANA, PÔSTO 3

(De Djalma Tavares)

Ninguém chora a morte da [bailarina
numa tarde fria
de um mar cinzento.
O esquife espreita a vida
através a janela
do nono andar...
— A manchete do matutino per-
[deu a atualidade —
esquecimento, esquecimento...
Bonecos de papel
volitantes,
leves,
ao vento,
e a menina demente
do vigésimo andar
cortando jornal
numa tarde fria
de um mar cinzento.

SAO PAULO — JUNHO.

O salão estava repleto. Nas mesas, cobertas de garrafas de cerveja, casais conversavam, rapazes procuravam, com os olhos ávidos de beleza, pares para a próxima contradança. A orquestra, num início de noite festiva, dava o que podia, escolhendo o melhor do seu repertório. Era tudo felicidade, tudo alegria, dentro do salão onde o Clube 28 de Setembro fazia realizar seu primeiro baile junino do ano.

Inopinadamente, grossos rolos de fumaça entraram pelas janelas que davam para a rua Florêncio de Abreu. Gritos agudos alarmaram a todos. Eram brados de mêdo, de angústia, anunciando: «Fogo! Fogo!». Houve correria, pulos, gemidos, empurrões e, ao cabo de poucos instantes, 53 pessoas estavam mortas, estendidas no solo, e 59 eram evacuadas para hospitais da cidade. Trinta ambulâncias e inúmeras guarnições do Corpo de Bombeiros trabalhavam. A Polícia reunia todo o pessoal disponível. As autoridades lançavam mão de todos os meios, a fim de dominar a maior catástrofe já registrada pela crônica policial bandeirante. São Paulo ficou de luto.

A CATASTROFE DE SANTO ANTÔNIO

O Clube 28 de Setembro é como centenas de outros que funcionam em São Paulo, no Rio e em outras cidades brasileiras. Um salão com uma única entrada, apertado, pequeno, onde falta tudo que a higiene e a segurança determinam, inclusive o próprio ar para se respirar.

Na noite de 13 para 14 do corrente, sua diretoria resolveu dar uma festa junina, comemorativa ao dia de Santo Antônio. Os ingressos foram vendidos como de costume. O salão lotou. Ficou mais do que lotado, pois, ao invés de ter 140 pessoas, como rezava seu alvará, tinha mais de 300. Até aí tudo bem, num país onde contravenção legal não é coisa séria.

Corria tudo às mil maravilhas. Os frequentadores

Corria tudo às mil maravilhas. Os freqüentadores do salão, na sua maioria gente simples e trabalhadora, se a valer, sem pressentir que, em breve, iriam fazer parte da mais dantesca das histórias jamais registradas em nosso país.

Ali, baile, alegria. Num dos postos do Corpo de Bombeiros, um alarme. Grassara um incêndio, na avenida Anhangabaú, que ameaçava alastrar-se, atingindo a rua Florêncio de Abreu. Para o local se dirigiu uma guarnição, composta de 50 homens, comandada pelo tenente Clóvis de Melo. Não havia novidades. Os soldados do fogo, logo que chegaram, compreenderam que não haveria necessidade de alarmar as pessoas que dançavam no «28 de Setembro», uma vez que poderiam localizar o foco do sinistro, evitando, destarte, o pânico como, infelizmente, por fôrça do destino, aconteceu.

TRÁGICO E APAVORANTE

O fogo irrompera num edifício da avenida Anhangabaú, cujos fundos davam para o prédio da rua Florêncio de Abreu. O comandante da guarnição do

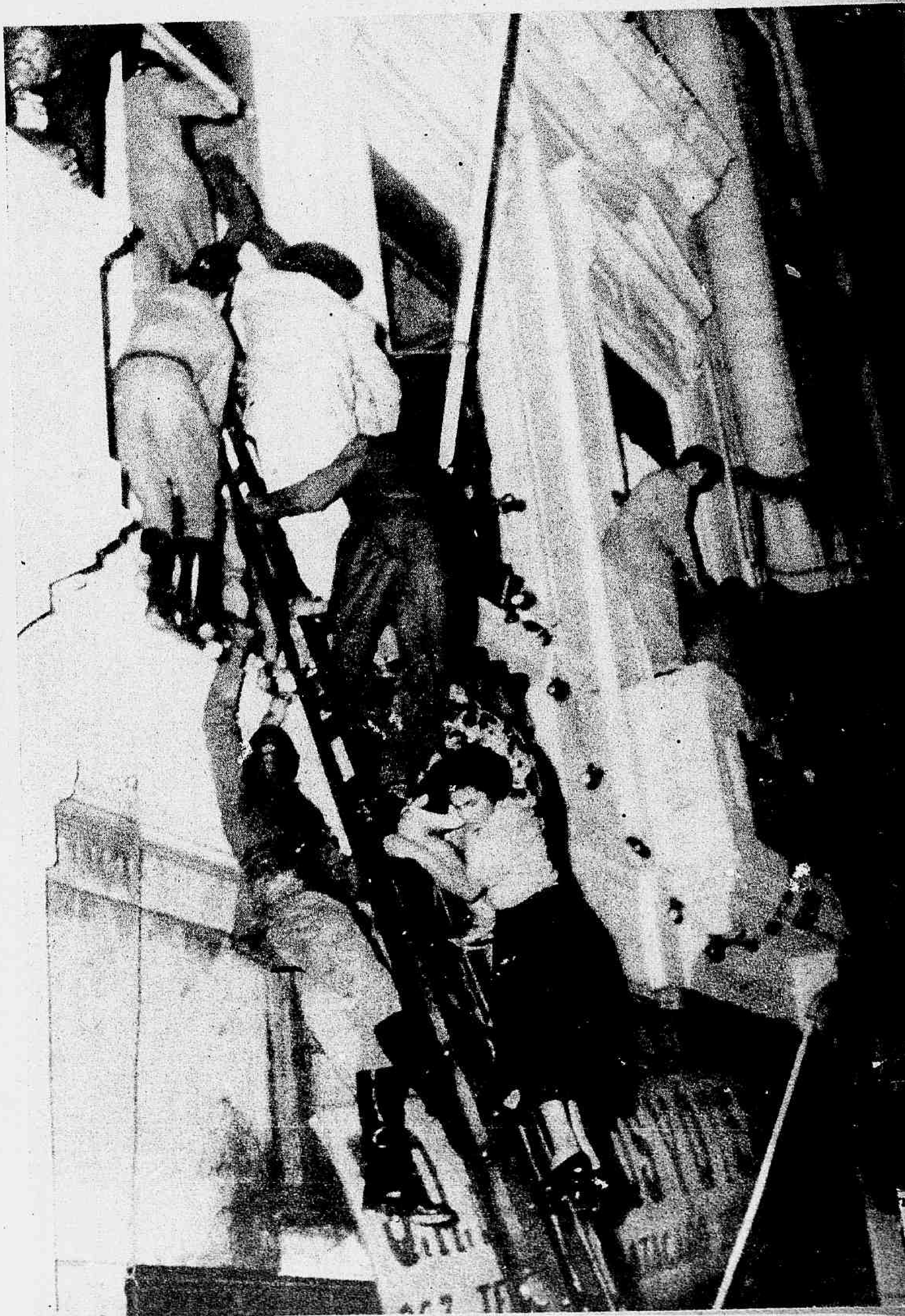
MÚSICA, ALEGRIA E MORTE

53 MORTOS E 59 FERIDOS NUM BAILE JUNINO, EM SÃO PAULO ★ LUTO NO DIA DE SANTO ANTÔNIO ★ PANICO O FATOR DA CATASTROFE ★ O MAIOR DESASTRE JÁ REGISTRADO PELA CRÔNICA POLICIAL BANDEIRANTE ★ SANGUE, LAGRIMAS E DESEPÊRO ★ A PREFEITURA VAI AGIR.

Texto de **DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR**

Fotos de **DARIO TERINI**

Dos velhos edifícios erguiam-se labaredas como se fôssem fogueiras em homenagem a Santo Antônio, na noite sinistra.



Chegam os bombeiros e procuram evacuar o salão superlotado, descendo pelas escadas os que conseguiram salvar-se.

MÚSICA, ALEGRIA



Eis o estado desolador a que ficou reduzida a loja do edifício em cujo sobrado funcionava o Clube Dançante 28 de Setembro.



Minutos antes estava ela nos braços do seu par, alegre a cantar. Agora, salva de uma morte horrível e quase certa pelas chamas.







Veja o leitor por que morreu tanta gente e tantos se feriram. Um aspecto da arrancada pelo corredor e outro do mesmo em cinzas.

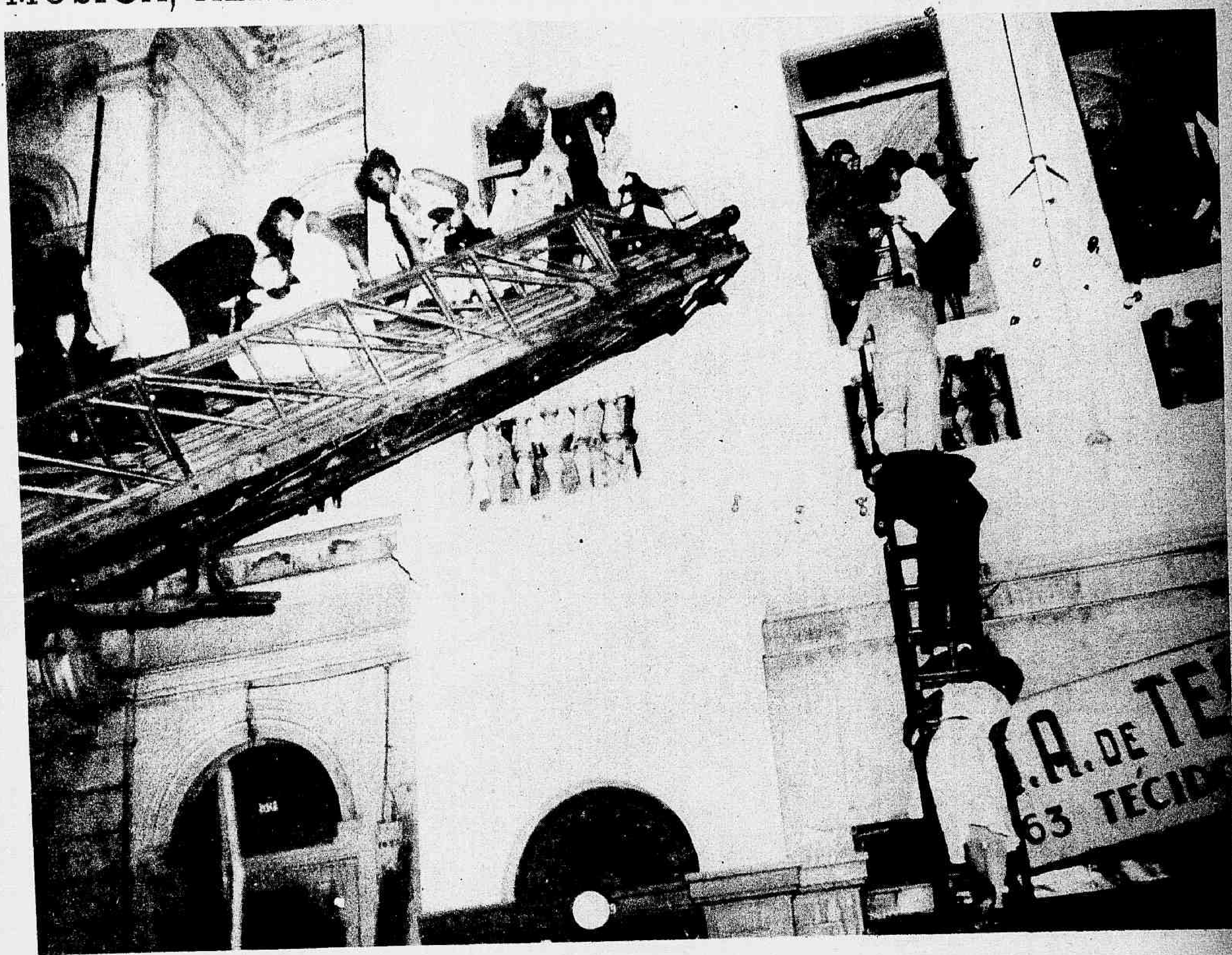


Com queimaduras por todo o corpo, esta jovem teve que ser s[illegible] pelos braços de um popular, levando-a para os primeiros socor[illegible]



O balanço macabro de uma noite de alegria coletiva: 53 cadáveres, quase todos de mulheres, e perto de 60 feridos.

MÚSICA, ALEGRIA E MORTE



Êstes puderam escapar à morte por esmagamentos e saltos para a rua, pois tiveram a calma necessária para esperar pelos soldados do fogo.

Corpo de Bombeiros, ao chegar ao local, verificou que, havendo grande número de mulheres no baile e não sendo imediato o perigo de se alastrar o fogo, o melhor seria combatê-lo, sem alarmar as pessoas que se divertiam na parte superior do edifício, cujo andar térreo dava para o prédio em chamas.

Verificado que não havia perigo imediato para os que dançavam, o tenente Clóvis de Melo, comandando seus homens, tentou localizar o fogo que, de fato, já se encontrava nos fundos do prédio onde funcionava o clube. No entanto, a despeito de as chamas devorarem a parte postero-inferior do edifício ligado ao salão de baile, ninguém poderia pressentir o sinistro, porquanto a parte térrea tem 80 metros de fundo, confinando com a construção da avenida Anhangabaú, enquanto a superior apenas tem 40 metros, que termina num terraço limitado por uma parede de uns três metros de altura, que impossibilitaria a visão mesmo de fumaça, caso alguém ali estivesse.

Em baixo, os bombeiros trabalhavam àrduamente. Em cima, música e alegria, enquanto a morte, inexorável, pairava sôbre centenas de pessoas.

Silenciosamente, os soldados do fogo abriram as portas do andar térreo, ocasião em que grossos rolos de fumaça saíram do seu interior, alcançando as janelas do clube, que davam para a rua Florêncio de Abreu. A fumaça, o alarme de alguns cidadãos, o mêdo de morrer queimado, foram êsses os fatôres que determinaram a tragédia. O incêndio tivera início no fundo d oprédio, onde havia uma loja de tecidos. No entanto, segundo declarações do tenente Clóvis de Melo à REVISTA, havia tempo suficiente para que todos se salvassem, porquanto sòmente uma hora depois as chamas alcançaram a parte fronteira do prédio.

PANICO E MORTE

O tenente Clóvis, depondo sôbre o macabro acidente, esclareceu: «Fazíamos tudo para evitar o que sucedeu. Meu mêdo era êsse: que o pânico dominasse as pessoas que se encontravam na festa. Infelizmente, foi o que aconteceu».

«Quando a fumaça invadiu o salão, muitas pessoas gritaram: «Fogo! Fogo!». O pânico estava generalizado. Escutamos a correria. Gritos, gemidos. Era o início dessa catástrofe horrível. Todos corriam para a escada do clube, que era a única saída. Eu e os 50 homens de minha guarnição, depois de fecharmos a porta do andar térreo, buscamos o corredor do clube, tentando amainar os ânimos e acalmar as pessoas dominadas pelo pânico. Homens e mulheres misturavam-se numa massa disforme. Faces alucinadas, gritos de angústia, era tudo o que víamos. O balcão onde eram vendidas as entradas e que se encontrava no meio da escada, foi destruído pela avalanche humana. Gritamos, apelamos a fim de que todos se mantivessem em ordem. Avisamos que não havia perigo, mas nada conseguimos. Era a primeira arremetida de pessoas que buscavam viver. Dezenas ficaram no solo, pisoteadas, mortas por ferimentos internos ou por asfixia.»

Minutos depois, segundo relato de outros bombeiros, que estavam no local, ouviu-se nova gritaria no interior do salão e nova avalanche se projetou pela escada, que já estava, em parte, obstruída por corpos de pessoas mortas e feridas, as quais os bombeiros tentavam retirar do local.

Mais de sessenta pessoas tentavam sair pela estreita escada. Inúmeras se atiravam de sob o gradil protetor, caindo sôbre as que se encontravam embaixo.

Os bombeiros, a essa altura, tentavam penetrar no salão e procediam ao salvamento das pessoas que haviam tombado durante a primeira correria. A massa desvairada tudo levou, de roldão, e quase perdeu a vida, nessa segunda corrida para a morte o próprio tenente Clóvis, que ficou aprisionado entre os corpos aflitos, que queriam alcançar a rua, sendo milagrosamente salvo pelo sargento José Ramos de Oliveira.



O comandante da Fôrça Pública e o prefeito da capital paulista, Jânio Quadros. Êste não conteve o chôro ao deparar o quadro dante



Não havia tempo a perder: neste flagrante vemos uma mulher sendo conduzida, de cabeça para baixo e suspensa pelos pés, por um bombeiro.

que, não tendo sido envolvido pela turba, tirou seu superior do emaranhado de corpos, no momento exato em que êle julgava não mais ter oportunidade de viver, estando fadado a morrer de asfixia e compressão, conforme adiantou posteriormente.

CALMA NO FINAL

Houve duas corridas para a morte, na escada fatídica. Dali saíram 112 corpos, dos quais 53 inanimados, com destino ao necrotério do Araçá. Os restantes foram para o Hospital das Clínicas e outros nosocômios da cidade. A escada ficou obstruída e as pessoas que ainda se encontravam no salão, lograram escapar por escadas içadas pelos bombeiros. As mais calmas nada sofreram, a não ser o susto ante a presença da morte.

Mas a catástrofe estava consumada. Com a escadaria impedida, não houve outro remédio senão a espera para buscar a salvação nas escadas dos bombeiros. O espetáculo era horrível.

Trinta ambulâncias, trabalhando ativamente, removiam os feridos. Os mortos eram alinhados ao longo da calçada da rua Florêncio de Abreu, aguardando o momento oportuno de serem transportados em caminhões da Municipalidade para a morgue.

Acorreram ao local o prefeito Jânio Quadros e o sr. Elpídio Reali, que não puderam esconder seu espanto ante a extensão da tragédia. O prefeito prometeu tomar providências. Todos os salões de baile da cidade sofrerão devassa.

REMOVIDOS OS CORPOS

O espetáculo, mesmo após os primeiros minutos de pânico, era horrível. Nas janelas, pessoas acenavam e gritavam para os que estavam na rua, na ânsia incontida de se salvar. Uma mulher morreu ante os olhos atônitos das autoridades e dos grupos de salvamento, sem que nada se pudesse fazer. Enquanto o drama se desenvolvia na rua Florêncio de Abreu, as chamas lavraram sôltas no interior do térreo, vidas do lado da avenida Anhangabaú. Os bombeiros estenderam lonas salva-vidas, ao longo das janelas do clube, além das escadas içadas, recolhendo as pessoas que se atiravam. Uma moça de 20 anos presumíveis, parda, preparou-se para saltar. Todavia, escorregou no parapeito da janela e projetou-se no espaço, ficando prêsa pelos pés nos fios elétricos coalhados de lâmpadas multicores, que enfeitavam a fachada do clube. O corpo balançou e, aos poucos, foi-se desligando dos fios, terminando por estatelar-se no solo, entre o fogo, que já alcançava a rua, sem que ninguém pudesse fazer alguma coisa por ela. Isso em virtude de o fogo não permitir que os bom-

(Cont. na pág. 48)



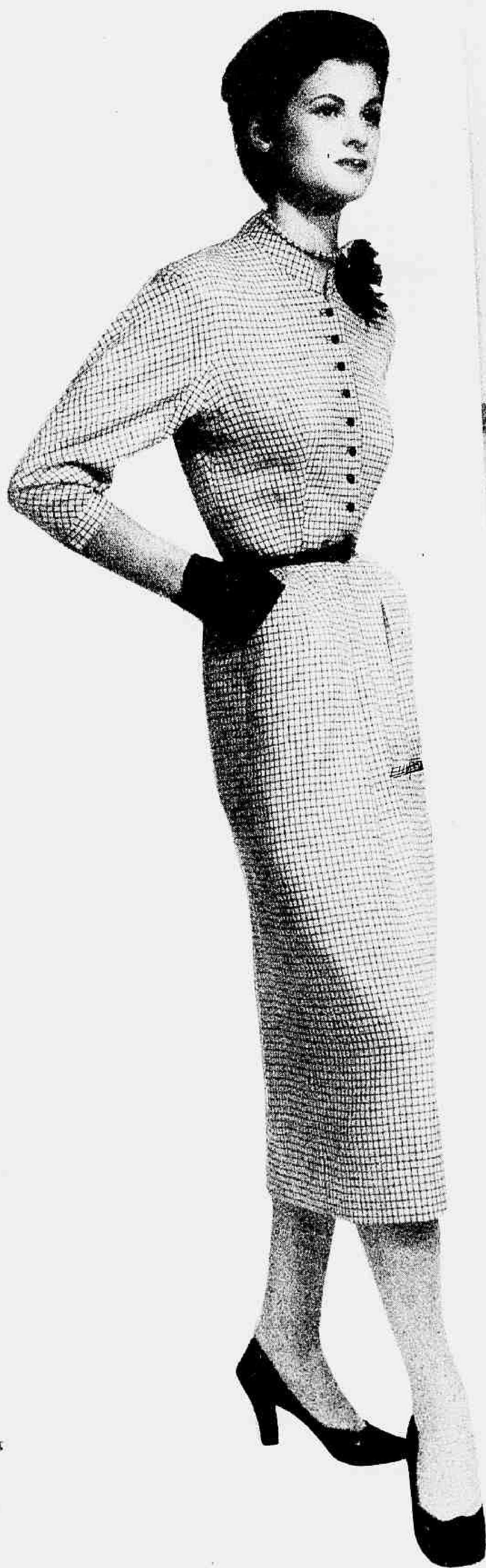
Destroços do incêndio, no dia seguinte. Diante dêle o letreiro: «Parada bonde». Para muitos representou a parada do bonde da existência.



Éstes foram o preço da morte. Por felicidade, ainda são respeitadas as ordens emanadas do Juízo de Menores em São Paulo. Do contrário...

LENTZ — Bonito modêlo em piquê de sêda, estampado (vermelho sôbre fundo branco). A blusa tem efeito de bolero só na frente. Debruns vermelhos nos punhos e gola..

MAURICE RENTNER — Usou uma lãzinha leve, quadriculada, para êste modêlo de rua, de indiscutível elegância. Mangas três quartos, de córte japonês. Complementos negros.





O nosso inverno

O nosso inverno não é como os de outras
terras. Não é triste nem sombrio. Tem
dias alegres e ensolarados, em que sentimos
uma magnífica disposição para passear, an-
dar pela cidade, ir a reuniões elegantes.
Tem domingos de sol e noites límpidas, que
não requerem um agasalho pesado. O nosso
inverno é diferente. Por isso mesmo, con-
quanto despertem interêsse os desfiles de Paris
e New York, com seus modelos pesados, em
cinza, castanho ou prêto, interessamo-nos tam-
bém, nesta estação, pelas tualetes claras, es-
tampadas, vibrantes. O nosso inverno é a
melhor época para a elegância. Nesses meses,
podemos usar sôbre o corpo sêdas macias,
desagradáveis nos dias de calor. Nossas lojas
estão repletas de sêdas bonitas, a maioria
fabricada no Rio, Petrópolis ou São Paulo, e
que nada deixam a desejar quando compa-
radas com os produtos estrangeiros, mesmo
os mais famosos. Temos muito onde escolher,
em matéria de qualidade e padrão de tecidos,
quando resolvemos fazer mais um vestido que,
conquanto de meia estação, é muito usado
nos dias de «nosso» inverno. Por isso mesmo,
apresentamos, em pleno mês de junho, mo-
delos leves e singelos, que, por certo, agra-
darão às leitoras que gostam de se vestir
de acôrdo com o «nosso» inverno, sem muito
agasalho, pois nem sempre o frio que sen-
timos obriga-nos a nos cobrir demasiada-
mente. — **(Flama)**



OLDRIC ROYCE — Vestido negro, com um detalhe interessante nas costas: entrecruzadas, montadas sôbre fundo de filó de sêda, muito fino. Na frente o modêlo é simples, de decote subido.

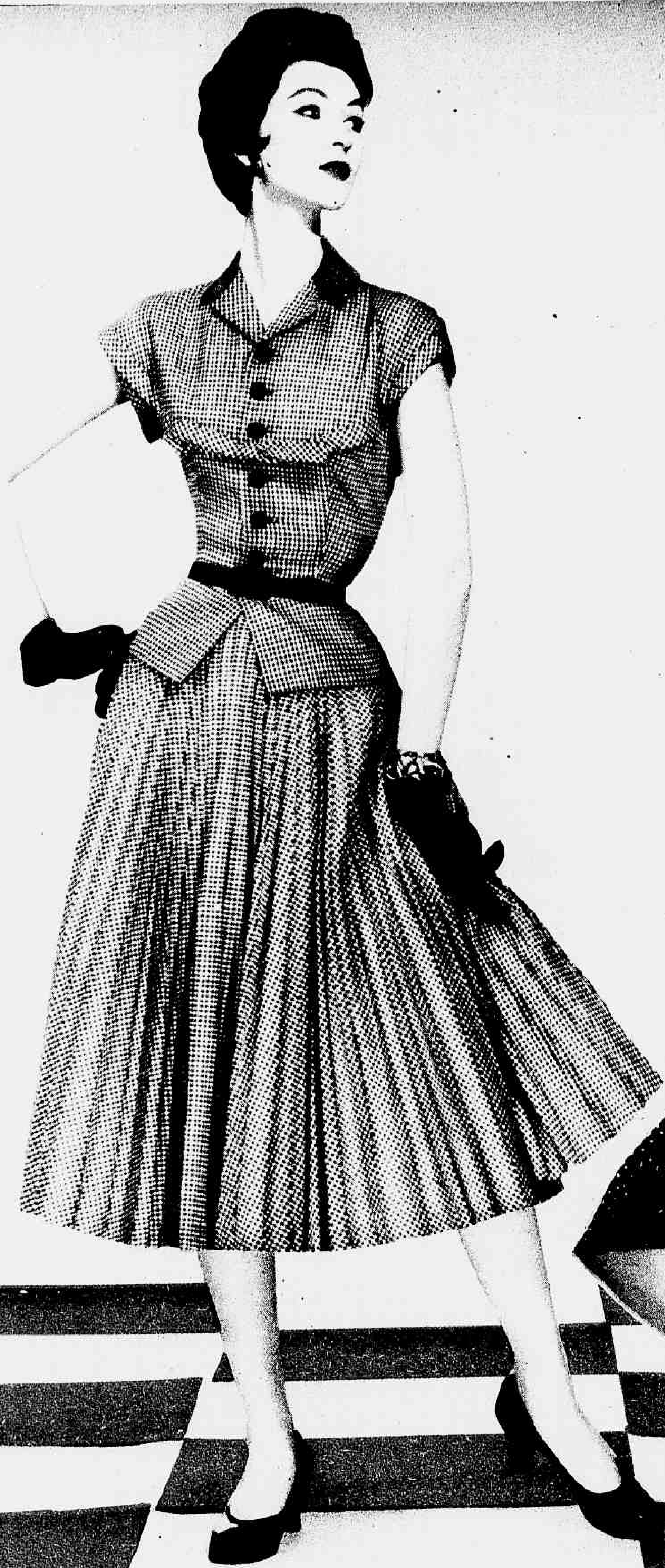


SOPHIE — Cravos amarelos constituem o motivo principal do estampado deste encantador modêlo, com decote quadrado, em sêda pura. Sáia ligeiramente rodada, com bolsos embutidos.



SKINNER — apresenta um modêlo em pura sêda estampada: fundo azul marinho com desenhos em branco e verde. Blusa simples, com manga japonesa e gola levantada. Sáia pregueada.

O nosso inverno

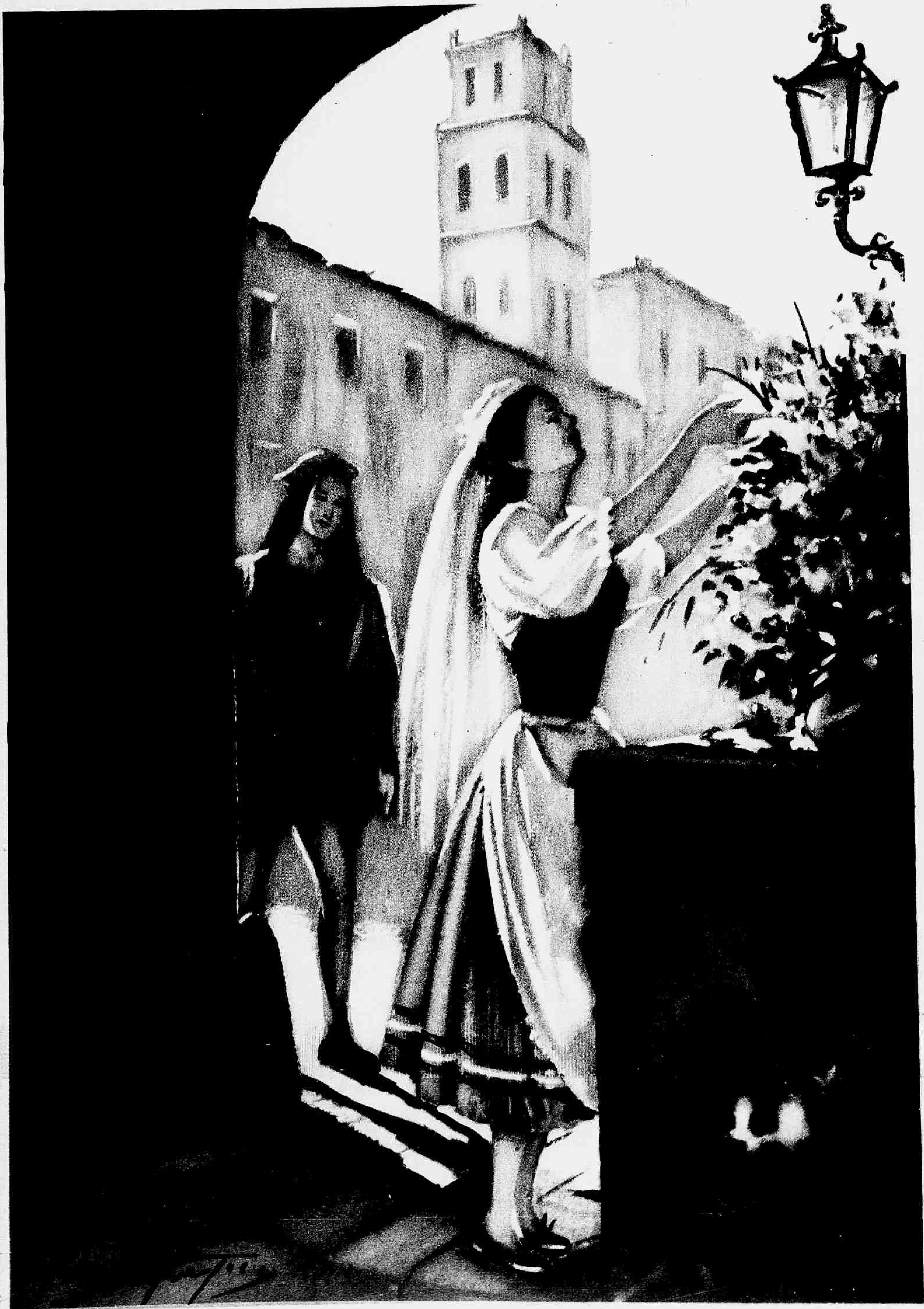


es-
êda

NAT KAPLAN — apresenta um conjunto encantador de duas peças, em tecido quadriculado, preto e branco. A parte de trás da gola, em vermelho. Cinto de verniz e botões negros.



VERA MAXWELL — Sêda verde com pastilhas brancas, numa criação prática para esta estação. Na realidade, a saia é rodada e sepcrada da blusa transpassada, que amarra atrás com um laço.



AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

A Fornarina

Por CARLO RICHELMI

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

NAQUELE ano de 1511, no Além-Tibre, havia um albergue preferido por todos aquêles que freqüentavam as hospedarias do quarteirão da Porta Settimiana: o do padeiro, por causa de sua graciosa filha. Tão graciosa e atraente que ninguém a conhecia pelo nome verdadeiro, Margarida, ao passo que todos de Além-Tibre a celebravam como «a bela Fornarina» (Fornarina significa, em italiano, «Padeirinha»).

Naquela noite de florescente primavera, depois de haver sorrido para o último cliente, Margarida estava pondo as tranças na porta do estabelecimento, quando Antônio, um bom vizinho, amigo da casa, atravessando a rua, lhe disse:

— Olá, Margarida, posso falar com Mestre Francisco?

— Não, — respondeu a jovem — papai foi comprar farinha e não voltará senão lá pela meia-noite.

— Não tens mêdo de ficar tão sòzinha?

— De que teria eu mêdo?

— Nunca se sabe!... Já estás crescida... e ainda que só tenhas dezessete anos, és muito bela e poderias despertar a atenção indiscreta de algum rapazote. Sou um velho amigo de teu pai; posso dizer que te vi nascer. Por isso, meus conselhos não devem te ofender, nem a advertência que quero fazer a Mestre Francisco.

— Mas, meu caro Antônio, por que preocupar papai e perturbá-lo nas longas ausências que é obrigado a fazer?

— Estás bonita, Margarida, estás mesmo muito bonita... Todos os rapazes do arrabalde estão enamorados de ti e parece-me que os forasteiros passam vêzes demais por aqui.

— A quem, a que coisa, se está referindo?

— Moro a dois passos e não posso, por isso, impedir que meus olhos vejam... No outro dia bem que vi como dois jovens pintores da escola de nosso Rafael te observaram longa e atentamente enquanto estavas adormecida no jardim. Escondido, por detrás da minha janela, surpreendi os manejos daqueles dois senhores. Não me espantaria se voltassem e pedissem para pintar teu retrato.

— Mas que está dizendo, sr. Antônio? Realmente, não estou entendendo...

— Ainda que seja velho, tenho a vista boa... És mais linda que a Madona a quem rezamos na igreja, e... penso que o pintor da Virgem poderia te fazer cair sob seus pincéis.

— Rafael!? — e a jovem corou até os olhos. — Mas eu sou apenas uma pobre moça. Não conheço nada senão os trabalhos da casa e do jardim. Tôda minha ambição é querer bem a meu pai e ver crescer meus girassóis.

— Olha, Margarida, aproxima-se uma nuvem de poeira que vem do Tibre! Oh! Quantos cavaleiros!... são êles! — e o velho Antônio segurou a mão da moça, como para protegê-la paternalmente. — É Rafael com a côrte de seus alunos. Vão à casa do Magnífico Agostinho Chigi.

Os cavaleiros haviam passado a galope, sem que a jovem, extasiada, pudesse pronunciar uma única palavra. No entanto havia sentido sôbre si o ardente olhar de Rafael. Como êle era belo, rico de juventude e de glória triunfante! Margarida entrou em casa, preparou o jantar para o pai, que voltaria tarde da noite, mas não tocou na comida. Fechou cuidadosamente as portas e as janelas como para se defender de um sonho, um grande sonho, que impetuosamente a assaltara.

★

Alguns dias depois Rafael voltava sombrio da casa de Agostinho Chigi. Êste, mais uma vez, lhe havia perguntado quando, finalmente, terminaria os afrescos da Galatéia, que iniciara e que, de há muito tempo, o banqueiro de Sena desejava ver ultimados.

Agostinho Chigi — o grande banqueiro do Papa, célebre por seus banquetes e sua proteção às artes — estava, àquela noite, muito contente consigo. Talvez uma conferência com o Papa, ou uma carta do homem de confiança que enviara a Florença lhe tivessem assegurado a chegada de outros sacos de ducados de ouro. Considerava êle, porém, o poder financeiro apenas como meio de rivalizar com as maiores e mais antigas casas principescas e assegurar-se um nome para a posteridade. Tinha um enxame de secretários e homens de negócios que enviava em tôdas as direções. Podia gabar-se de ter a seus pés uma multidão de cortesãos. Porém, todos seus amigos e todos seus cortesãos não valiam a ponta da unha de Rafael. Graças a êle, falava-se de sua mansão como do Vaticano.

O banqueiro, por isso, havia entretido um longo colóquio com o artista, despedindo cortesãos e admiradores.

Já descera a noite quando Rafael se encontrou de novo na estrada. Caminhava lentamente, com o pensamento ausente. Não tinha rumo. Certamente não pensava em ir para casa. Um vago alívio acompanhava-o na sua solidão. Solidão, não liberdade, porque, ao despedir-se, o Magnífico Agostinho lhe havia pôsto as mãos sôbre os ombros, e parecera-lhe que todo o poder do banqueiro pesara-lhe em cima. Um poder que tinha sabor de domínio ameaçador.

O jovem artista havia, no entanto, transposto a Porta Settimiana, onde, entre as trevas, brilhava a pequenina lâmpada perdida de uma Madona. Lembrou-se de que exatamente ali, a dois passos, havia encontrado a fascinante jovem de quem já lhe haviam falado repetidamente os seus alunos prediletos: Júlio Romano e João Francisco Penni, que procuravam todos os pretextos para passarem pela rua de Santa Dorotéia.

Seus discípulos tinham razão. No outro dia, atravessando a rua no seu cavalo, a aparição de Margarida fôra-lhe uma revelação. Uma revelação ou uma esperança?

Rafael demorou-se algum tempo diante da casa da beldade, cujo nome ignorava. A habitação estava envolvida pela noite, mas a lamparina trêmula da Madona parecia brilhar e rezar por ela.

Rafael interrompeu o seu vagabundear sem destino e decidiu ir logo dormir. No dia seguinte tentaria se aproximar da jovem que tinha no rosto tão inigualável suavidade.

★

Apenas passa o quarteirão e já sente que não pode dali se afastar, que não pode esperar pelo amanhã. Atormenta-o a ânsia de indagar, de saber. Torna a voltar sôbre seus passos. Em frente à casa da mocinha existe uma hospedaria. Entra na taverna escura, enfumaçada e rescendendo a vinho. O hospedeiro reconhece o artista e vai-lhe ao encontro, com profundas genuflexões, depois de haver dado, apressadamente, ordem à mulher para desocupar uma das mesinhas.

— Que prazer! Quanta honra! — exclama o hospedeiro, levando a mão ao peito. — Que poderei servir, para agradecer ao mestre essa sua visita? Uma garrafa que eu mesmo arrolhei no Ano Santo, ou um copo de vinho estrangeiro de uma qualidade que, com todo o devido respeito, talvez nem mesmo o Magnífico Agostinho lhe poderia servir?

Rafael estava acostumado às manifestações de homenagem que lhe tributavam especialmente as pessoas do povo. Muitas vêzes sorria, sentindo-se objeto de curiosidade e de admiração. «Aquêle é um pintor divino — diziam. — A própria Madona desce do céu para lhe servir de modêlo»...

As vêzes se aborrecia por nunca o deixarem só, por ser continuamente seguido pela curiosidade pública. Agora, porém, pensava aproveitar-se do entusiasmo do hospedeiro para fazer com que se alongasse nas suspiradas informações.

Júlio e João Francisco, seus alunos prediletos, haviam justificado suas freqüentes fugidas à rua Santa Dorotéia, dizendo-lhe: «Sabe, Mestre, descobrimos uma jovem digna de teu pincel. Dela sabemos sòmente que tem como apelido «A Fornarina». Mas não é isso que interessa. Interessa, ao contrário, que poderia ser um modêlo maravilhoso, uma representação do sobrenatural, uma inspiradora de novas e soberbas criações...

Um modêlo? Uma inspiradora. Seria apenas isso o que suspirava Rafael ou, insensìvelmente, pretendia êle bater à porta da felicidade e do amor?

Sôbre a tagarelice da taverna chegava, de tempos em tempos, com a aragem, a melodia de alaúdes e guitarras.

O hospedeiro, que observava o rosto sombrio do artista e começava a ficar pensativo, pois nem ao menos provara o vinho que lhe havia preparado, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Está vendo, Mestre? Nem ao menos deixam-na dormir! Quase tôdas as noites fazem-lhe uma serenata. Nunca, porém, ela aparece à janela. Mesmo o pai voltando, muitas vêzes, alta noite. Porém, a nossa Fornarina, ninguém nunca a viu namorar ou sorrir a um apaixonado.

— Quem é ela? — perguntou o artista, procurando tornar a voz o mais indiferente possível.

— É a mais bela e também a mais honesta moça do bairro. Mas, que digo eu? A mais bela e honesta de todo o Além-Tibre, de tôda Roma!

— Mas sairá, naturalmente, algumas vêzes. Como qualquer outra jovem, irá passear às margens do Tibre...

— A passeio, ao longo do rio, onde nenhuma moça poderia evitar a insolência dos rapazes? A Fornarina não sai de casa nem ao menos para buscar água na fonte! Não tem amigos, nem amigas. Não vive senão por amor ao pai e lamentando a mãe falecida. O pai é um homem honesto, de coração terno; a mãe morreu dando à luz a filha.

— Então é quase uma prisioneira...

— O pai quis que ela aprendesse a ler e escrever. Lê os mesmos livros que os doutores e os cardeais. A Fornarina entende-os como se tivesse sido educada para ser abadessa. Tudo mérito dêsse excelente homem que é seu pai.

O eco dos alaúdes e das guitarras se dissolvia. Depois de ter jogado uma moeda e um «boa noite» ao hospedeiro, Rafael se foi, seguindo o rastro daquele canto.

★

Rafael atravessava em sua vida um momento, não diremos de indigência, mas de insatisfação. Não estava contente com coisa alguma e com ninguém, ainda menos consigo mesmo. Nêle se identificavam a vida e a arte, e estava cansado de uma e de outra, não conseguindo descobrir em um ser humano a perfeição que ambicionava eternizar na tela.

Para esboçar Galatéia — a ninfa da sala de jantar da Vila Chigi — recorrera à própria imaginação, desenhando uma mulher ideal. Mas isso significava trabalhar «a frio». Sentia-se aquecido sòmente diante de uma criatura viva. Remirava Galatéia de baixo, trepava na escada para corrigir sua expressão, mas logo descia, enfadado, aborrecido. Parecia-lhe quase que suas mãos se recusavam a traduzir seu pensamento.

O Magnífico Agostinho, como vimos, estava descontente com êsse atraso. Mais descontente, ainda, estava Rafael, que se sentia cansado e desanimado.

Na Umbria, na Toscana e depois em Roma, a sua ardente paixão de homem e de artista havia-se demorado junto a alguma mulher, inspirando-lhe retratos e quadros sacros. Agora, porém, parecia-lhe que se tratava apenas de ensaios, de confusas experiências.

As entusiásticas descrições dos dois discípulos prediletos e a fugaz visão que da Fornarina tivera, atravessando a cavalo a rua Santa Dorotéia, haviam-lhe acendido a curiosidade, o desejo e a confiança. Agora, era êle quem passava e repassava por aquela via, levantando em vão a vista para a janela da bela Além-tibrana.

Interrompeu suas visitas à casa de campo de Chigi, repetia as instruções e ordens já dadas muitas vêzes a seus alunos, deixando entrever uma mente distraída e entristecida. Em sua própria casa, na rua «dei Coronari», não se fazia mais ver, absolutamente. Porém, um bilhete que lhe foi trazido por um servo de Agostinho Chigi, obrigou-o a se apresentar ao banqueiro. Êste o esperava, tendo a seu lado Impéria, a divina favorita, adulada por tôda Roma pela graciosidade de seu corpo e pelos dons de sua inteligência.

Impéria, que tinha simpatia e admiração pelo jovem artista e que lhe havia também servido de modêlo e de inspiradora, respondeu com um sorriso cordial ao beijo que Rafael pousou obsequiosamente sôbre seus dedos:

— Não consegue vê-lo mais — disse ela — Dir-se-ia que se esqueceu de nós. Ou há alguma coisa que o ocupa demais? Seria, talvez, alguma...

— A sra. Impéria tem razão — exclamou, por sua vez, o mecenas. — Foi ela quem insistiu para ver-te esta noite, porque desejava ouvir de teus lábios quando terminarás os afrescos do átrio.

— Pois bem, Magnífico Agostinho. É quase como se me faltasse o ar. Não sei. Não me entendo mais. Entrevejo o que desejaria pintar... Mas é como se nuvens se interpusessem entre eu e minha visão. Deveis acreditar, sra. Impéria. — e voltou-se para a mulher, confiando na sua sensibilidade, — experimentei e tornei a experimentar muitas vêzes. Mas vós mesma, senhora, não haveis de querer que vos ofereça pinturas que eu não tenha sentido profundamente. Um trabalho medíocre seria indigno de Rafael

(Continua na pág. 48)

Disse um último adeus à sua despreocupada e ingênua mocidade e, inconsciente, foi ao encontro das alegrias e humilhações oferecidas pelo homem extraordinário que tinha nas mãos o seu destino...

NÃO, minha amiga, a beleza não é tudo para uma mulher, ainda que seja uma qualidade desejável. Não é necessário ter o encanto fatal de Cleópatra, nem as proporções de uma Vênus para se ser amada e feliz. Muitas vêzes acontece o contrário: a mulher bela, no sentido físico, absoluto, não encontra a felicidade, ao passo que a feia é imensamente ditosa. O escritor francês Molière já dizia: «Tôda mulher acaba por encontrar um homem a quem agrade». Nem mesmo nos romances de ficção a beleza não é sempre o apanágio das heroínas. A maior parte das principais figuras femininas dos livros de Tolstoi são descritas como tendo um ligeiro estrabismo.

E... o provérbio antigo diz que **não existe mulher que se possa chamar de perfeita, pois «tôda mulher bonita peca pelo nariz».**

Tudo isso deveria servir de consôlo para aquelas que não se julgam modelos de beleza, e, mais ainda, o lembrarem que mulheres sem encanto físicos excepcionais, pequeninas, de aparência insignificante, dominaram povos e reis.

● A verdade é que a beleza principal é aquela que vem do espírito, dos sentimentos, e não dos encantos físicos. A verdadeira beleza é a que nos faz compreender nossos semelhantes, e torna mais encantadores nossos momentos com os que convivem à nossa volta. Mesmo a mulher menos dotada, quando ama ou se sente amada, ilumina-se com uma luz que a torna fascinante. Além disso, podemos afirmar que, nos dias de hoje, nenhuma mulher tem o direito de se considerar feia. São tantos os meios para melhorar a aparência e pôr em destaque as qualidades estéticas, atenuando os defeitos! Uma mulher bem vestida, bem cuidada, bem penteada, não pode ser chamada de feia, ainda que não chegue a merecer o título de bonita. Simplesmente será uma mulher elegante e será admirada pelos homens.

● As estatísticas afirmam mesmo, que noventa por cento dos homens preferem as mulheres inteligentes que sabem se apresentar. Inteligência, espirituosidade, bondade, são qualidades que não cansam e que não se desgastarão com o passar dos anos.

● Uma mulher muito bela é desejada por muitos homens e vive no meio de inúmeras tentações, tentações demais para que sua vida possa correr serena e tranqüila. Tôda mulher muito bela tem, em geral, algum drama no íntimo de sua alma. A mulher feia, ao contrário, tem que compensar a deficiência de suas qualidades físicas com a doçura, a graça e a bondade, para se fazer amar. Não pode ser desdenhosa como uma rainha, e retribui com muito mais espontaneidade tôda homenagem de que é alvo.

Bem tinha razão o nosso Júlio Dantas quando escreveu:

«Amor que não deseja, e por isso
[não cansa,
Amor contrito e puro, arrependido
[e triste
. . . .
Amor por uma feia é o maior que
[existe.»

L. J.

Também no cinema nem sempre as mais bonitas são as que vencem. Jane Wyman não pode ser considerada bonita — ainda que não a chamemos de feia — e já obteve até um «Oscar» — conquistado exclusivamente por fôrça do seu extraordinário talento e grande simpatia

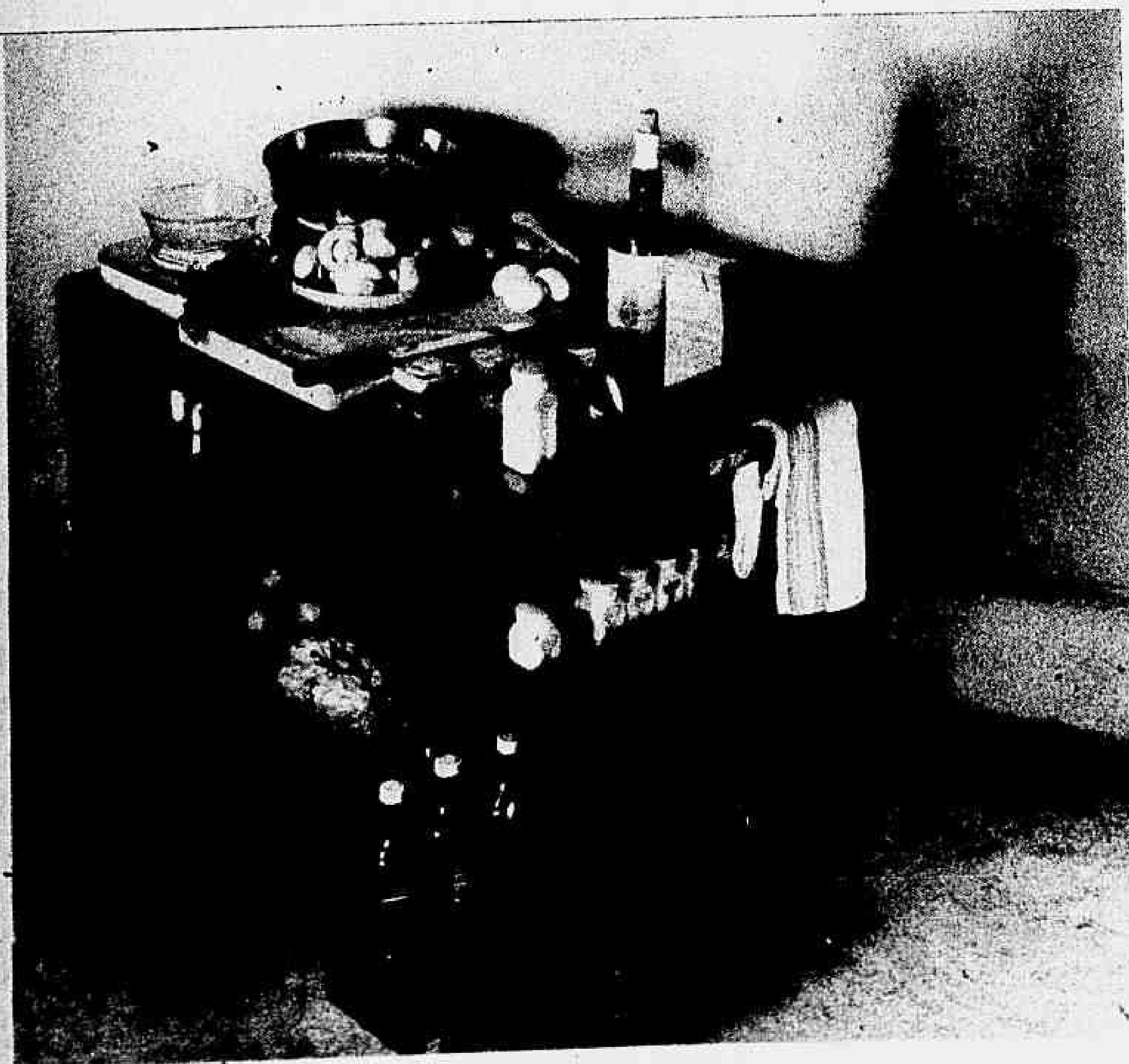
Feia...

O amor por uma feia é o maior que existe...

(Júlio Dantas)

★★

SUGESTÕES PARA O LAR



ANTIGAMENTE um carrinho de chá era qualquer coisa muito «bonitinha», com rodas altas e pouco espaço aproveitável, que a dona-de-casa tinha orgulho em exibir às amigas em suas reuniões, nas tardes de inverno, e que, nos outros dias, ficava atrapalhando a passagem do corredor ou encostado num canto da sala. Hoje, até o carrinho de chá sofreu uma transformação radical, mais de acôrdo com a época prática em que vivemos. Transformou-se num móvel de mil e uma utilidades, indispensável para se colocar os muitos utensílios e ingredientes que não devem estorvar a arrumação da mesa de almôço ou de lanche, mas, no entanto, são de primeira necessidade.

● O modêlo que apresentamos na fotografia, uma criação dos decoradores Hoffmann e Heidrich, permite até que a anfitriã prepare um prato de bananas fritas ou queijo assado «na horinha», pois dispõe de um fogareiro elétrico para isso. Notem como tem lugar para tudo: prateleira para vidrinhos de temperos ou mantimentos, incisões na madeira para se guardar facas e colheres, gaveta para garrafas, tábua de picar legumes ou pão, fogareiro elétrico com duas bôcas, cabide para uma toalha de cozinha. Uma maravilha! Tôda uma refeição pode ser feita na sala de jantar sem se precisar de ir à cozinha! — Nike.



UM POUCO DE BELEZA

CUIDE DE SEUS PÉS

NÃO é sòmente nos dias de verão, quando se usam sandálias abertas e quando se vai à praia, que os pés precisam de cuidados especiais. Também no inverno, mesmo calçando-se apenas sapatos fechados, os pés não devem ser descuidados. Ao contrário, a vida mais ativa desta época do ano, em que se anda mais, pois vai-se mais à cidade, a teatros e concertos, exige que se proporcione aos pés os cuidados que requerem para seu confôrto; cuidados que merecem, pois desempenham a dura tarefa de arcar com todo o pêso do corpo.

● Ao tomar banho, cuide de maneira tôda particular dos seus pés: esfregue-os com uma escôva um pouco dura, lave-os com bastante espuma de sabão e enxague-os. Depois de enxutos será ótimo uma fricção com água de colônia. A seguir, passe um bom talco perfumado, que evitará também o odor, por vêzes desagradável, do suor dos pés. Para amaciar os calcanhares com calosidades ou asperezas, aconselha-se esfregar com pedra pome e depois passar um creme gorduroso qualquer, dêsses que se usam para a pele sêca. Quanto aos calos... o melhor é entregá-los aos cuidados de um profissional. Ir ao calista uma vez por mês é um bom sistema. É preferível ir ao calista do que a um salão de beleza fazer sòmente as unhas dos pés. Quando você chegar em casa com os pés sensíveis, doloridos, depois de um dia inteiro fazendo compras, passeando, ou depois de um baile, experimente isto:

● Ponha bastante água quente numa baciazinha (que dê para mergulhar bem os pés). Depois, junte 4 colheres das de sopa de sal de cozinha e outras 4 de álcool ou água de colônia. Deixe os pés mergulhados, pegue um livro e esqueça-se do tempo! Verá que alívio e que deliciosa sensação de bem-estar. Todo o cansaço dos pés desaparece.

JÚLIA DE MILO

MELHORE A SUA PELE

NÃO É NORMAL ter a pele cheia de espinhas e cravos, se você já passou, há muito tempo, da adolescência. Provàvelmente, se êsse é o seu caso, você está se alimentando de maneira inadequada. Experimente um leve regime: ponha de lado o pão (apenas torradas e biscoitos), coma bastante verduras e frutas frescas, beba muita água fria, várias vêzes ao dia. Procure, também, evitar doces e gorduras, de um modo geral: manteiga, açúcar no chá e café... Pela manhã tome um copo-d'água morna com um pouco de caldo de limão, ou com uma colherinha de um sal efervescente de sua preferência. Conserve o rosto sempre limpo, e use um adstringente, se tem a pele muito gordurosa. Depois... se sua pele não melhorar dentro de 20 dias dêsse regime, procure um médico, porque seus cravos e espinhas terão talvez uma origem mais grave. Mas em 80 por cento dos casos o mau estado da cútis é motivado pela alimentação.

UNHAS QUEBRADIÇAS

SE VOCÊ quebra constantemente as unhas, ou se as mesmas descascam, é sinal de que seu estado geral não é dos melhores. Consulte seu médico, se isso acontece continuadamente. Quando se tem boa saúde as unhas são fortes, sem manchas. No entanto, para fortificar as unhas «in loco», misture um pouco de iôdo (apenas algumas gôtas) à base que usa passar antes do esmalte; ou, então, unte-as, tôdas as noites, com azeite de oliveira, tendo o cuidado de calçar umas luvas grossas para não sujar a roupa de cama. Em 10 dias poderá verificar como as unhas estão mais fortes e mais bonitas!

A GINÁSTICA É SEMPRE BENÉFICA

QUANDO PRATICADA com moderação, de 10 a 15 minutos por dia, a ginástica é sempre benéfica. Os exercícios bem dosados enrijecem os músculos, desintoxicam o organismo. Tornam o corpo mais esbelto e mais ágil. Eis, na foto, Patricia Wymore executando um dos melhores exercícios para os músculos das pernas e das costas: tocar o chão com as mãos, sem curvar os joelhos. No princípio é difícil, apenas a pontinha dos dedos atinge o chão, depois de muito esfôrço. Com persistência, porém, em alguns dias consegue-se colocar tôda a palma da mão no chão, como Patricia. Também os músculos do estômago se beneficiam com essa ginástica.



WEEK-END NA COZINHA

ALGUMAS receitas para servir aos hóspedes eventuais? Eis aqui duas, originais e gostosas, fáceis de serem preparadas. Também as crianças gostarão, se forem acompanhadas por guaraná, servindo em canequinhas esmaltadas, uma de cada côr, com os respectivos canudinhos.

TIA DULCE

BOLINHOS DE MAÇÃ

● INGREDIENTES

3 xícaras de farinha de trigo
1 colher das de chá de sal
1 colher das de chá de bicarbonato de sódio
1 colher das de chá de canela em pó
1 pitada de cravo moído
½ xícara de manteiga ou margarina
½ xícara de açúcar branco
½ xícara de açúcar mascavo
1 ovo
1 colher das de chá de casca de limão ralada
1 xícara de maçã amassada
1 xícara de passas sem caroço
1 xícara de amendoins, picados e torrados
Açúcar de confeiteiro, para a glacê.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Peneire juntos: a farinha, o sal, a canela e o cravo.
2 — Bata a manteiga, adicionando o açúcar gradualmente, até ficar macia e bem ligada. Junte o ôvo e bata bem. Acrescente a casca de limão ralada.

3 — Esquente a maçã amassada, até formar bôlhas. Junte a mistura de farinha e a maçã amassada, alternadamente, à massa, começando e terminando com a farinha. Bata ligeiramente depois de cada adição. Ponha as passas e o amendoim.

4 — Pingue, com uma colher das de chá, numa assadeira untada, tendo o cuidado de deixar bastante espaço entre cada pingo, para que os docinhos não agarrem, quando crescerem.

5 — Asse em fôrno moderado, de 12 a 15 minutos. Quando frios, enfeite com glacê, preparado com 1 xícara de açúcar de confeiteiro e 2 colheres das de sopa de crème ou nata de leite.
Guarde numa lata, que se conservarão por vários dias.

Conselhos úteis

★ *Couve-flor com ervilhas verdes acompanhadas de um bom môlho branco, constituem um prato diferente e de ótimo paladar. Também com môlho de manteiga formam uma combinação deliciosa!*

★ *Não guarde alimentos ou mantimentos na geladeira embrulhados em papelão ou em qualquer espécie de papel. Êstes são isolantes e não deixam que gele bem o que está dentro. Prefira papel plástico ou de aluminio.*

★ *Bata partes iguais de leite e melado grosso. Constitui essa mistura um creme suave e gostoso para acompanhar tortas e sorvetes, em substituição ao creme de baunilha ou ao creme de leite.*

★ *Se a casca do ôvo rachou, não pense que, por causa disso, não poderá cozinhá-lo na água. Embrulhe-o em um pedacinho de matéria plástica, ou em papel encerado e ponha dentro dágua a ferver.*

"CROQUETTES" DE QUEIJO

● Ingredientes

4 claras
200 gramas de queijo de Minas, ralado
1 pitada de pimenta do reino
Farinha de rôsca
Gordura ou banha para fritar.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Bata as claras em neve, junte a seguir, o queijo ralado e a pimenta, aos poucos, até formar uma pasta grossa que possa ser enrolada com a mão.

2 — Forme pequeninas bolas, passe na farinha de rôsca (se preferir, passe em biscoitos moídos) e frite na gordura muito quente.

3 — Sirva quentinho. Se esfriarem esquente de novo no forno.

O MISTÉRIO DO TÚNEL SEM FIM



Assim era a bôca do túnel, em novembro do ano de 1949, cêrca de um ano depois de iniciadas as obras de perfuração, na Zona Sul

EMPURRAMOS o pequeno portão de madeira na rua Umari, em Laranjeiras, entramos no terreno em que sai uma das bôcas do túnel. À nossa frente um morro e, entre êste e o portão, duas faixas de terra: uma em sentido descendente e a outra em plano inferior (cêrca de dois metros abaixo da primeira), na qual haviam sido colocados trilhos, por onde rola um trenzinho. Êste não se encontrava à vista, no momento; devia estar no interior do túnel, pois ouvimos um rumor distante, partindo do interior do mesmo.

Fomos descendo pela faixa de terra, com ar despreocupado, embora observando com interêsse tudo o que havia naquele terreno. Vimos uma pilha de canos novos, e uma outra de canos velhos, cobertos de terra. À nossa esquerda, a algumas dezenas de metros adiante, um barracão de madeira, onde três homens, provàvelmente empregados, conversavam. Logo adiante dêles, e à nossa frente, a bôca do túnel, escura e com o semi-círculo de sua abóboda ainda sinuoso, sem a camada protetora que se observa nos túneis do Leme e do Pasmado, mostrando que os trabalhos ainda se encontram atrasados.

UM TÚNEL DE GRANDE IMPORTÂNCIA PARA O TRÁFEGO URBANO ★ CONSTRUÇÃO INICIADA EM 1948 ★ A MELHORIA NA RAPIDEZ DE TRANSPORTE DOS CARIOCAS REPOUSA AGORA EM UMA DECISÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

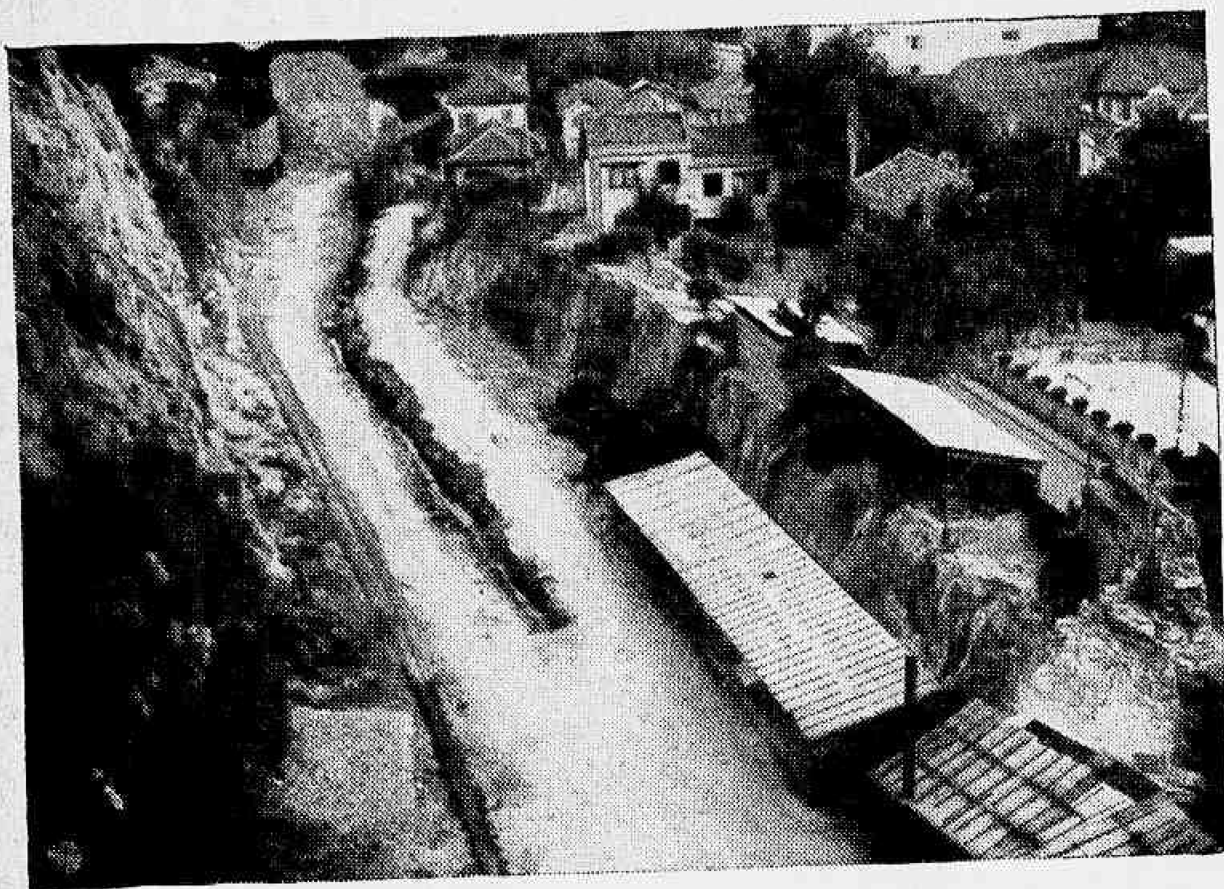
Reportagem de **Samuel Averbach**

Fotos de **Alberto F. Lima**

Sabíamos que o túnel já se encontrava completamente perfurado, e era nosso intuito atravessá-lo de ponta a ponta. No entanto, ao nos aproximarmos da bôca do mesmo, um dos três homens se adiantou, embargando-nos os passos. Identificou-se como o vigia. E nesse momento começou a burocracia... Declinamos nossa identidade, informando que desejávamos fazer uma reportagem a respeito das obras que ali se realizavam. O vigia delicadamente disse que não podia permitir a entrada de estranhos, e levou-nos de volta, até o escritório da emprêsa, diante do qual havíamos passado pouco antes. Ali, na rua Umari, havia um grupo de homens, com aspecto de operários, conversando despreocupadamente.

Fomos à presença do chefe do escritório. Êste, solìcitamente (a burocracia se caracteriza pelo modo polido com que as pessoas são tratadas) afirmou que só poderia permitir a reportagem com uma licença escrita do Serviço de Túneis da Cidade, a cargo do Dr. Edgar Soutelo. Conformados, lá fomos nós até Copacabana, à procura do referido senhor.

Ali, tivemos mais uma informação, dessas que abatem o ânimo de qualquer um: o Dr. Soutelo es-



Esta seria a artéria de ligação com o túnel. Por enquanto, entretanto, não passa de um conjunto de duas faixas de terra. Notem os barracões desertos e o material empilhado, deixado ao abandono.

Êstes são os técnicos italianos contratados para as obras de perfuração do túnel. Já estão cansados da indolência a que são obrigados, e a gordura vai-se acumulando em seus músculos entorpecidos.

tava doente e não era a pessoa indicada para fornecer a licença. Teríamos que avistar-nos com o Secretário de Viação e Obras, Dr. Carlos Schwerin.

À tarde, rumamos para o Castelo. Subimos ao segundo pavimento do edifício onde funciona o referido órgão da Prefeitura. O Dr. Schwerin estava no Palácio Guanabara, despachando com o Prefeito...

Duas horas depois, retornamos. Desta vez nos informaram que, para falar com o Secretário, teríamos que voltar no dia seguinte, às quinze horas.

E assim fizemos. Mas, que surprêsa! Na pequena sala encontravam-se cêrca de dez homens de tôdas as condições sociais, com o mesmo objetivo: falar ao Secretário de Viação e Obras que, naquele dia, concedia audiência pública! Enchemos uma ficha e passamos a aguardar a nossa vez. Os minutos corriam e a espera continuava, cada vez mais enervante. Ficávamos a olhar uns para a cara dos outros ou para o chão e para as paredes, enquanto as pernas reclamavam contra aquela espera forçada, tendo que agüentar o pêso do corpo, pois haviam apenas três cadeiras: uma, para o funcionário encarregado de preencher as fichas, e as outras duas, para as pessoas que ali se encontrassem...

Após cêrca de cinqüenta minutos, o funcionário, talvez levando em conta a nossa condição de jornalistas, convidou-nos a entrar numa sala contígua, onde pudemos sentar numa cadeira de espaldar alto. Os outros, coitados, continuaram de pé, a esperar.

Às dezesseis e trinta, cônscios de que daquela forma não conseguiríamos falar com o Dr. Schwerin e nem tampouco com o seu assistente, Dr. Haroldo, resolvemos «pular». Penetramos numa outra sala, falando a uma das funcionárias, e esta convidou-nos a esperar mais alguns minutos, após o que, fomos admitidos na sala do Dr. Haroldo. Logo em seguida, depois de ligeira conversa, interrompida pela consulta que o nosso interlocutor fêz ao seu chefe, ficamos sabendo que, no momento, **a Prefeitura não permite que se façam reportagens a respeito das obras do túnel Catumbi-Laranjeiras.** E os motivos: as obras estão paralisadas, por falta de verba. A Prefeitura estudou o que restava ser feito, apresentando um projeto ao Tribunal de Contas, no qual pede verba para a continuação das obras. A resolução, por parte daquele órgão, era aguardada há dois meses, esperando-se que a mesma viesse a lume em princípios de junho...

E agora, os motivos **extra-oficiais:** a Prefeitura fêz um contrato com uma firma do Rio, a Companhia de Comércio e Construções, para a perfuração do túnel. As obras tiveram início em fins de 1948, e o prazo previsto para a entrega do mesmo à circulação, terminava em junho de 1950. A extensão do túnel seria de 1.250 metros. Uma das principais facilidades que o novo túnel dará é a possibilidade de efetuar-se o trajeto compreendido entre os armazéns 13 e 14, do Cais do Pôrto, até a praia de Botafogo, em cêrca de dez minutos.

Ainda no plano das cogitações: o projeto incluía a construção de um viaduto que, passando por cima da rua das Laranjeiras, ligaria a bôca do túnel, do lado da Zona Sul, com a rua Pinheiro Machado. Era também intenção dos engenheiros encarregados das obras, perfurar o túnel dos dois lados ao mesmo tempo, a fim de apressar o trabalho.

No entanto, apesar de tôda a boa-vontade existente, os trabalhos foram sendo executados em câmara lenta e, esgotado o prazo concedido pela Prefeitura, a referida firma pediu uma prorrogação, alegando dificuldades várias, prorrogação essa que inicialmente foi concedida.

Na gestão do Prefeito João Carlos Vital, as obras foram interrompidas por ordem do mesmo, que assinou um ato rescisório do contrato entre a Prefeitura e a Companhia de Comércio e Construções. Esta, no entanto, não se conformou com tal decisão, inclusive não dispensando os trabalhadores e técnicos italianos que empregara para efetuar as obras do túnel. Assim, êles continuavam inativos, desde aquela época, **percebendo os seus salários,** os quais essa firma pretende cobrar, posteriormente, junto com as indenizações a que se julga com direito. Para tanto, tão logo seja conhecida a resolução a respeito do impasse, tenciona acionar a Prefeitura.

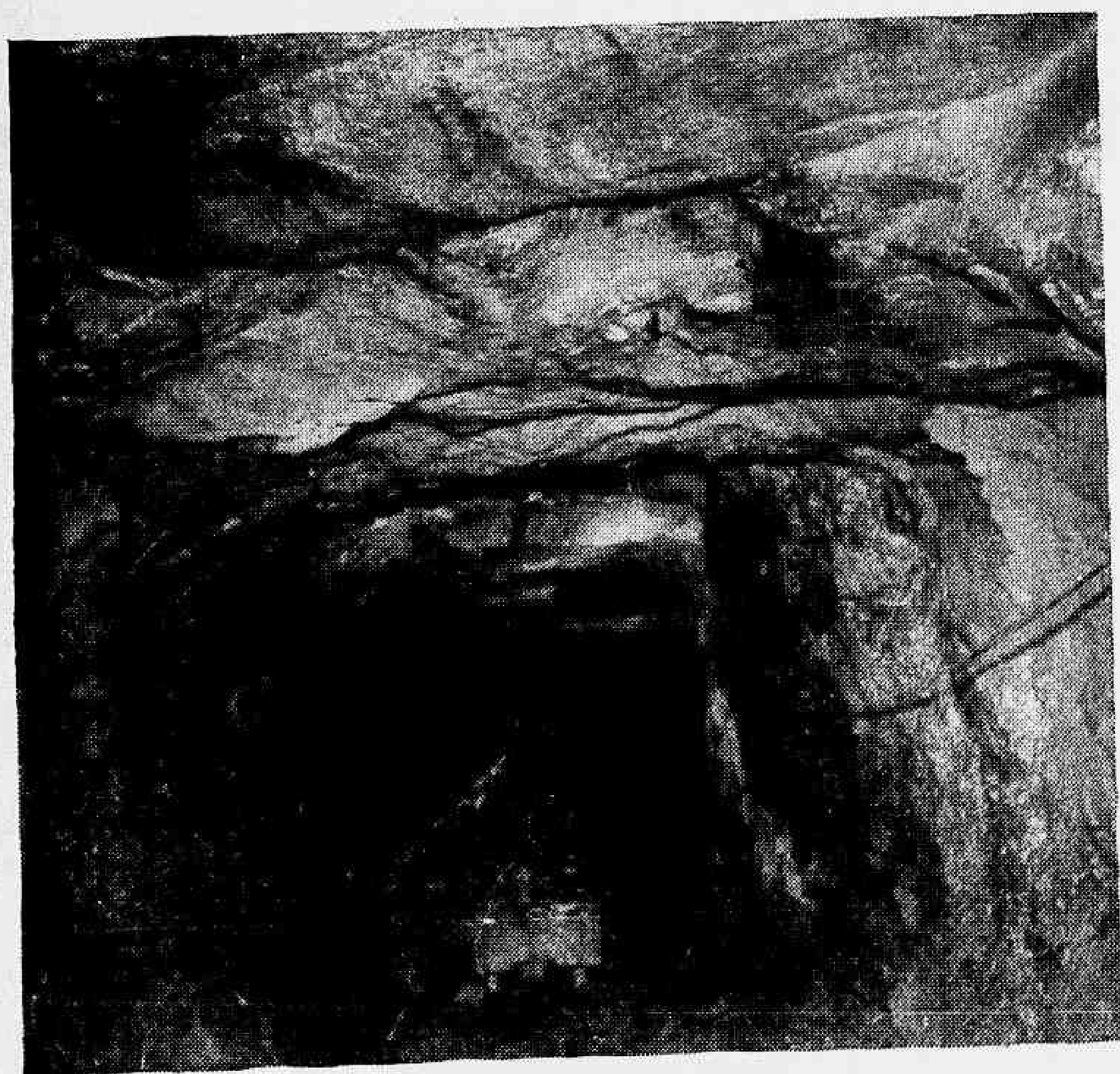
Mas, voltemos à nossa peregrinação: rumamos para o Catumbi, em companhia do fotógrafo, a fim de tentar umas chapas no interior do túnel. Nossa missão teve êxito, e não queremos citar o modo pelo qual o alcançamos, para não acarretar punição a êste ou aquêle trabalhador, pois, se conseguimos o nosso intento, foi graças a uma falha existente no serviço de proteção ao terreno em que está situada a bôca da Zona Norte.

Assim, de posse de três fotografias tiradas no interior do túnel, tornamos a procurar o Dr. Soutelo, que já se encontrava restabelecido, e êste, com as informações que nos forneceu, reforçou ainda mais a nossa opinião a respeito do túnel sem fim:

Disse que não estava autorizado a fornecer licença para uma reportagem no túnel, e esta só poderia ser obtida diretamente no gabinete do Prefeito. E, o que é mais importante, que o Tribunal de Contas, a quem fôra submetido o estudo realizado pelos técnicos, não quis emitir um parecer, enviando o processo, **diretamente,** à Câmara dos Vereadores. Assim, os referidos autos foram encaminhados à Câmara Municipal, e o Serviço de Túneis da Cidade sòmente teve conhecimento do fato através do que saiu publicado no Diário Oficial de 26-5-53, na parte relativa às resoluções do Tribunal de Contas.

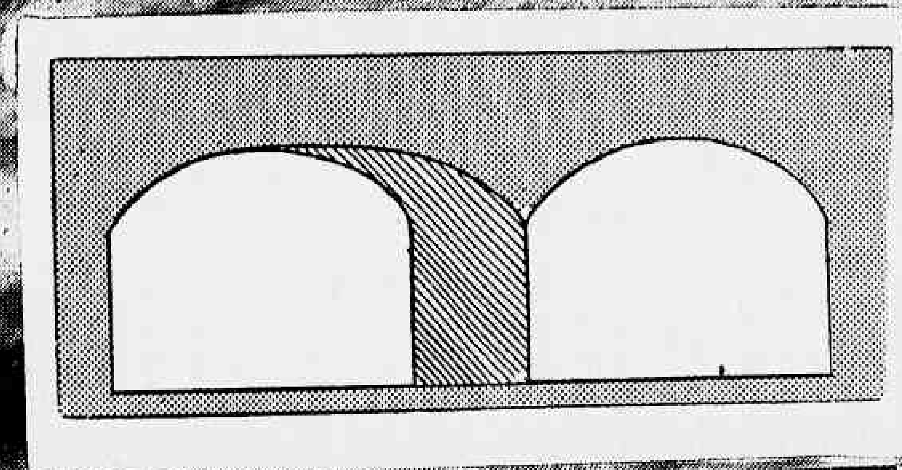
Em conseqüência, julgamos a nossa missão encerrada, pelo menos temporàriamente, pois deverá medear algum tempo até que a Câmara Municipal resolva se a Prefeitura deve continuar contratando os serviços da Companhia de Comércio e Construções ou se deve

(Cont. na pág. 46)



Do lado do Catumbi, o andamento está ainda mais atrasado. No interior do túnel, um dos vagões que retiram a terra, abandonado.

Ali embaixo, a bôca da Zona Sul. O mato já começa a se aproximar da mesma, para depois invadir o resto do terreno semi-abandonado.



De acôrdo com o projeto inicial, a largura do túnel seria de 18 metros. Mais tarde, a Prefeitura pensou em fazer DOIS TÚNEIS, sendo então necessário que se cobrisse de concreto uma parte do túnel já perfurado, conforme o gráfico. Tudo não passou, porém, de simples conjeturas...



Comparem esta foto, tomada em fins de maio do ano corrente, com a da primeira página: notam alguma diferença sensível?

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 61

A Terreno onde se cultivam flores →
B Mirais, observais →
C Arreio acolchoado de cavalgadura (pl.) →
D Que produz efeito →
E Concederão; entregarão →
F Modo de expressão de um autor →
G O dia seguinte →
H Sentimento de pesar pela morte de alguém →
I Vento forte →
J Sem valor ou sem efeito (pl.) →
K Pintar com cal →
L Receba como filho →
M Tornar a ver →
N Não transparentes →
O Fazendolas →
P Acúmulo patológico de liquido no organismo →
Q Sons; barulhos →
R Insistiu; obstinou-se →
S Deu alento, ânimo →
T O mesmo que Escócia →
U Tenho amizade, estima →
V Prometera sob juramento →
W Vagar; descanso (pl.) →

35	44	111	8	125	97
11	5	29	47	84	68
60	2	12	91	58	
51	19	114	81	3	21
14	54	101	74	49	
18	50	41	119	28	63
36	6	118	80	105	15
104	27	73	116	112	
22	16	33	106		
123	52	78	96	66	
85	34	13	122	102	
38	48	72	126	87	
45	25	55	127	71	
59	69	100	90	98	40
1	62	93	70	99	24
32	107	94	26	115	
43	110	56	121	75	23
88	77	20	37	82	67
9	53	42	76	86	103
92	7	117	61	83	108
30	17	113	46	65	89
109	64	31	4	120	79
57	95	39	124	10	

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevam-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

					O 1	C 2		D 3		V 4	B 5	G 6
T 7		A 8	S 9		W 10	B 11	C 12	K 13	E 14	G 15	I 16	
U 17	F 18		D 19	R 20	D 21	I 22	Q 23	O 24	M 25		P 26	H 27
F 28	B 29	U 30	V 31		P 32	I 33	K 34		A 35	G 36	R 37	L 38
W 39	N 40		F 41	S 42	Q 43	A 44	M 45	U 46	B 47		L 48	E 49
	F 50	D 51	J 52		S 53	E 54	M 55	Q 56	W 57	C 58	N 59	
C 60	T 61	O 62	F 63		V 64	U 65		J 66	R 67	B 68	N 69	O 70
M 71	L 72		H 73	E 74	Q 75		S 76	R 77	J 78	V 79	G 80	D 81
R 82	T 83	B 84	K 85	S 86		L 87		R 88	U 89	N 90	C 91	T 92
O 93	P 94		W 95	J 96	A 97	N 98		O 99		N 100	E 101	K 102
S 103	H 104	G 105	I 106		P 107	T 108		V 109	Q 110	A 111	H 112	U 113
D 114		P 115	H 116		T 117	G 118	F 119	V 120		Q 121	K 122	
J 123	W 124	A 125	L 126	M 127						Otaner - Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 60 — EDUARDO PRADO. — COLETANEAS. — "A nossa história é cheia de emocionantes episódios, de dúvidas que despertam e prendem a curiosidade, de lendas poéticas que seduzem e de problemas cuja solução desafia a sagacidade do estudioso".

O MISTÉRIO DO TÚNEL SEM FIM

(Cont. da pág. 44)

entregar os trabalhos de acabamento do túnel a uma outra firma de engenharia.

Nas nossas andanças, vimos um grande grupo de italianos, os quais residem numa casa situada no alto do Parque Guinle; conversavam calmamente, aguardando o tempo correr, pois não têm muito com que se preocupar; no fim do mês, recebem os salários, embora êstes sejam inferiores aos que perceberiam, caso as obras estivessem em andamento. Apesar da vida calma e folgada que levam, nesse período de inatividade, que se estende desde 4 de janeiro de 1952, parecem não estar satisfeitos com a indolência a que se vêem obrigados, pois os filhos da Península Itálica são, por natureza, esforçados trabalhadores. Enfim, êles não podem se queixar: recebem e não trabalham...

Como já descrevemos no início desta **reportagem**, tudo naquelas obras é abandono; os canos empilhados, enferrujando aos poucos; as máquinas paradas, protegidas por um telhado de zinco. Mais ao fundo, na faixa de terra que deverá ser **(em futuro distante)** a artéria de ligação com o túnel, um monte de terra e de pedra britada. No lado do Catumbi, o aspecto é ainda mais desolador. Os vagões do trenzinho utilizado na retirada do material do interior do túnel encontravam-se atirados uns sôbre os outros, como se fôssem brinquedos de alguma criança, já cansada de se divertir com êles; aqui e ali, notavam-se montes de terra e de pedras, retirados do túnel nas obras de escavação, e que deveriam estar transformados em atêrro.

Ficamos com uma série de interrogações, que o caso do novíssimo e inacabado túnel sugere: tempo de duração da obra, se não tivesse sofrido interrupção? Quanto já foi gasto até agora nas obras em causa? Quanto deverá a Prefeitura dispender para inaugurar o empreendimento? Por que, na verdade, tão longa paralisação?

Com o intuito de obtermos alguns esclarecimentos, tentamos uma entrevista com o Dr. Waldir Cotrim, engenheiro encarregado das obras. Informou-nos que 2/3 dos trabalhos já foram concluídos, e que o então Prefeito João Carlos Vital, em seguida à ordem de paralisação dos trabalhos, fêz uma visita ao túnel, felicitando os engenheiros da Companhia de Comércio e Construção pela eficiência e rapidez com que haviam efetuado a obra, apesar de ter sido feita a perfuração sòmente de um lado, de Laranjeiras para o Catumbi (a Prefeitura só entregou o terreno de Catumbi depois de iniciada a perfuração).

Nosso entrevistado frisou ainda mais alguns pontos: A Companhia não está em litígio com a Prefeitura, aguardando apenas um pronunciamento da Câmara Municipal para o reinício das obras, seja pelo sistema até agora utilizado, de administração contratada, seja pelo sistema de empreitada. O número de operários foi grandemente reduzido e, tão logo sejam reiniciados os trabalhos, novos empregados serão requisitados (a admissão de qualquer operário requer a autorização do S.T.E.C.).

Finalmente, disse que a paralisação das obras foi devida ao seguinte: o projeto inicial tratava da construção de um túnel com 18 metros de largura. Calculando, porém, que o tráfego por ali tornar-se-ia mais e mais intenso, a Prefeitura resolveu que deveriam ser construídos dois túneis paralelos, a exemplo do que se fêz no Leme. No entanto, isto se tornaria por demais oneroso para a Companhia de Comércio e Construções, pois seria necessário revestir de concreto uma parte do túnel já perfurado, e isto em tôda a extensão do mesmo. Também o prazo requerido para os novos trabalhos teria que ser muito maior. Após vários estudos a respeito, a Prefeitura acabou por voltar atrás, resolvendo que se continuasse o projeto inicial. Para isto, submeteu a sua resolução à apreciação do Tribunal de Contas, pedindo verba para a continuação das obras, mediante uma reforma do contrato com a companhia. O resto da história já foi exposto linhas atrás, e à Câmara Municipal cabe o capítulo final.

O Dr. Cotrim deu por encerrada a entrevista afirmando que, tanto a Prefeitura como a Companhia esperam uma solução definitiva, ainda êste mês, para o reinício das obras. Quanto a dados técnicos e financeiros, só o Serviço de Túneis nos pode fornecer, pois é quem trata do cômputo de despesas e demais assuntos referentes ao túnel, visto ser de administração contratada o firmado inicialmente. E, como o Serviço de Túneis não está autorizado a prestar-nos informações, muito nos agradaria receber uma nota do gabinete do Dr. Carlos Schwerin, para deslindar definitivamente o mistério do túnel sem fim, nota esta que, pode acreditar, seria publicada.

DEFLAGRADA A MAIOR GREVE...

(Cont. da pág. 6)

conta da prisão e espancamento de um dos líderes do movimento que fôra mandado para a capital pernambucana articular os seus companheiros do Nordeste. Waldemiro Moreira Dias, que é secretário do Sindicato dos Marinheiros ficou desaparecido durante três dias, sendo, depois, constatada a sua prisão em Recife. Por êsse motivo, o líder comandante Bonfante De Maria, leu a comunicação ao plenário e sugeriu que os trabalhos fôssem suspensos em sinal de protesto, só devendo reiniciar-se quando o govêrno tomasse enérgicas providências para a liberdade do marujo. Imediatamente, por ordem do ministro do Trabalho, foi feita uma ligação telefônica para a capital pernambucana, entrando o chefe do gabinete do Sr. João Goulart em contacto com o Secretário de Segurança daquele Estado Nordestino. Nenhuma autoridade sabia informar o paradeiro do grevista que era tido como prêso pela polícia de Pernambuco, razão porque resolveu o Comando Central da Greve enviar o Sr. Pedro Fernandes Filho a Recife a fim de pessoalmente, entrar em contacto com as autoridades locais.

REINICIARAM-SE OS ENTENDIMENTOS

A atitude dos grevistas causou mal-estar ao govêrno, que considerou uma precipitação dos líderes do movimento, de vez que tudo marchava para a assinatura do acôrdo. Depois de longas demarches, nas quais salientou-se o almirante Waldemar Mota, resolveu o Comando Grevista voltar a entabolar negociações com o govêrno e os armadores, o que foi feito no dia seguinte.

O FIM DA GREVE

Sexta-feira 26, após prolongada reunião que se realizou no Ministério do Trabalho, sob a presidência do diretor do D.N.T., Sr. Hugo Faria, foi finalmente, encontrada uma fórmula para a cessassão da greve. A notícia foi dada a conhecer a zero hora e imediatamente o comando geral da greve expedia ordens para que retornassem ao trabalho.

O que ficou assentado é que o govêrno se compromete a resolver as questões de imediata execução ficando as demais para serem resolvidas posteriormente.

ARABELLE a última sereia







O imenso salão já estava quase cheio, quando Arabelle e o dr. João Bimbleton ocuparam um camarote. Imediatamente todos os olhares convergiram para o par.

Tôdas as estrêlas e demais artistas estão intrigados com o prestígio de Arabelle, e a perplexidade aumenta quando o cineasta Poupounoff ordena várias fotografias da moça.

Em seu camarote miss Willie Esther está surpreendida com tantas considerações para com uma desconhecida, quando ela era a "estrêla" da festa. Há quem suponha ter o famoso produtor Poupounoff descoberto uma nova estrêla.









Poupounoff fêz espalhar a notícia de que ela era uma sereia, que destruíra um bando de "gangsters" e que conseguira tirar um tesouro que se encontrava no fundo do mar.

Terminado o filme "Parade des Flots", inúmeros produtores se precipitaram para Arabelle, a fim de contratá-la.

Poupounoff não teve mêdo da concorrência, pois Arabelle lhe prometeu mandar Flor-Azul, no dia seguinte, para discutirem o contrato.

Arabelle está assediada, mas resiste. Naquele instante surge Willie Esther, que está admirada de tanta agitação em tôrno daquela mocinha.









Embora todos saibam que Willie Esther é de terrível gênio, causou surprêsa quando, em lugar de "estourar", exclamou: — "Aos meus braços, querida!"

Arabelle também fica surprêsa com a cena; imediatamente os fotógrafos batem chapas daquele abraço tão fraternal de Willie Esther em Arabelle.

E a convidou: "Venha amanhã aos estúdios da Metrópole Filmes, onde estou filmando uma obra-prima do meu amigo, o querido Poupounoff! Não falte!"

Aturdida com **tanta confusão, despede-se Arabelle, e sai à rua acompanhada por Bimbleton, entre aplausos.**









Arabelle vai dormir contente com seu futuro no cinema. Será uma estrêla muito diferente de quando era apenas uma sereia no Mediterrâneo...

No dia seguinte ela desperta entre luxo, sendo servida por Konki. "Flor-Azul", sorridente, lhe diz: — "Estrêla, seu automóvel à espera. Vamos à entrevista."

Tomam o carro e Flor-Azul diz: "Tenho algo a dizer-lhe Quer jantar comigo?" Arabelle fica muito admirada.

História de VANIA LAUREZ **Desenhos de JEAN ACHE**

DE RÁDIO

GUARACY

ADELAIDE CHIOZZO



ADELAIDE Chiozzo — a interessante estrêla do cinema brasileiro e intérprete do nosso rádio — nasceu em São Paulo no dia 8 de maio de 1931. Sua estréia no rádio deu-se através do programa «Papel Carbono», que Renato Murce dirige há bastante tempo, tirando o primeiro prêmio. Mais tarde foi contratada pela Rádio Nacional. No cinema nacional fêz o seu aparecimento em «Êste Mundo é Um Pandeiro», figurando em seguida em «E o Mundo se Diverte», «Carnaval no Fogo» (sua estréia como intérprete cinematográfica), «Aviso aos Navegantes», «Aí Vem o Barão» e «É Fogo na Roupa», os cinco primeiros feitos na Atlântida, e o último na Brasil Vita Filme.

Adelaide Chiozzo, que foi princesa do rádio o ano passado no concurso promovido pela Associação Bra ileira de Rádio, tornou-se artista exclusiva em 1950 da fábrica gravadora «Copacabana», tendo passado para a cêra «Pedalando» e «Tempo de Criança», gravando com Eliana, sua companheira de dupla, «Beijinho Doce», «Cabeça Inchada», «Sabiá na Gaiola», «Orgulhoso», «Zé da Banda», «Queria Ser Patroa» e «Com o Pandeiro na Mão». Sòzinha gravou «Venho de Minas», «A Saudade Não Me Deixa», «Lá Vem Seu Tenório», «Noite de Lua», «Minha Casa», «É Noite, Moreno», «Meu Lamento» e «Mais uma Bica no Morro». É casada com o violinista Carlos Matos, sendo a artista que visitou maior número de cidades do Bra il, percorrendo nada menos de 310, fazendo em tôdas um grande sucesso, o que assim vem evidenciar os seus pendores artísticos que demonstrou desde muito cedo, quando sapateava e cantava, bem como tocava violão aos sete anos e aos 12 começava a aprender a tocar acordeon, in.trumento preferido de seu pai e de quem não se separaria nunca mais.

Atualmente atua com grande êxito na Rádio Nacional, tornando-se no cinema brasileiro uma das e trêlas que maior número de predicados reúne para figurar entre as intérpretes que realmente possuem o prestígio e a admiração junto ao público.

● Aurélio Teixeira é um elemento novo que muito promete na radiofonia brasileira, onde empresta o seu talento ao rádio-teatro da Tamoio. No cinema brasileiro suas qualidades artísticas não foram aproveitadas, tendo feito até agora simples pontas em alguns filmes: «Hóspede de Uma Noite», «Barnabé Tu És Meu», «Amei um Bicheiro», «Destino», «Carnaval Atlântida» e o inédito «Balança Mas Não Cai».

● «Doce França» é o programa que Michel Simon dirige com a colaboração de Lia Roquete Pinto todos os domingos ao meio-dia na Rádio Roquete Pinto e onde são apresentadas as mais recentes novidades musicais da França.

● A Rádio Guanabara apresenta todos os domingos às 7,30 da manhã «Hora da Saudade», um programa para você recordar . . .

● Urbano Lóes acaba de assinar contrato com a Rádio Nacional e já se encontra atuando ao seu microfone, dividindo as suas atividades entre a Mayrink Veiga e Nacional.

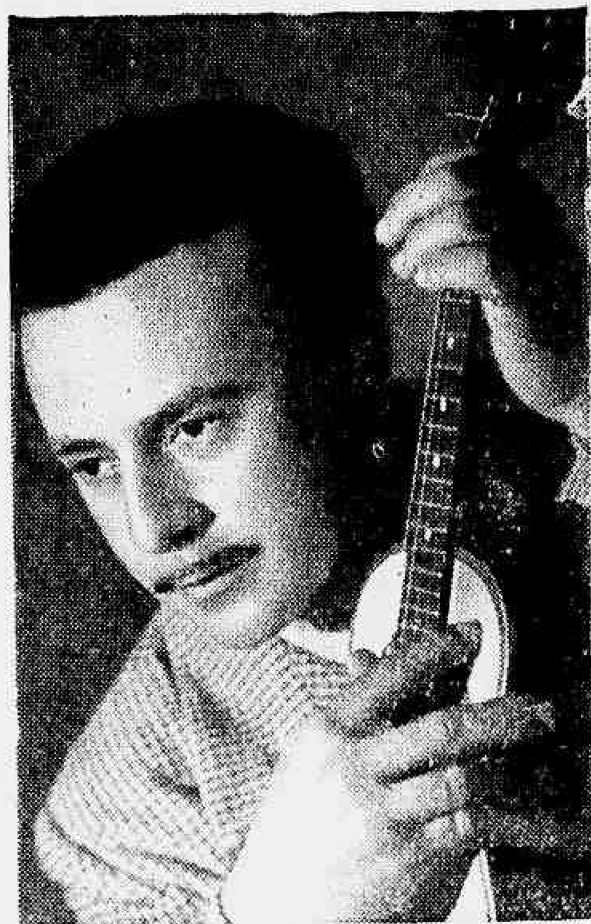
● Assinou contrato com a Rádio Globo o locutor e animador Luiz de Carvalho, voltando à sua antiga emissora, onde apresentava o popular programa «Chá das Três».

● «A Casa dos Ciprestes» é a novela de Castro Gonzaga que está sendo apresentada tôdas às têrças, quintas e sábados na Rádio Tupi, tendo nos principais papéis Paulo Pôrto, Ida Gomes, Lourdes Mayer e Castro Gonzaga. O horário é de 13,30.

● Completou no dia 14 de junho um ano de idade, o menino Ramon Antônio, filho do casal Carlos Pallut e Alba Regina, o primeiro, locutor e redator do Departamento de Jornais Falados da Nacional e a segunda, rádio-atriz. Por falar em Carlos Pallut, êle lançou «Reportagem do Dia», que é irradiado todos os dias às 22,30 horas e que focaliza um assunto de grande interêsse para os seus ouvintes.

● Substituindo o cantor João Dias, que se encontra de licença, a Rádio Tupi está apresentando o violinista Otacílio Amaral e o acordeonista Terra tôdas as têrças-feiras no horário das 21,30.

● Realizou-se no dia 20 de junho na sede do High-Life, a festa junina promovida pela Associação Brasileira de Rádio, tendo havido uma festa da roça, com a cantora Marlene como noiva, o cômico Oscarito como noivo e Luiz Delfino como Juiz.



Valdir Azevedo, — o homem do cavaquinho, — intérprete do famoso baião «Delicado», é uma das atrações da Rádio Clube.

MÚSICA, ALEGRIA E MORTE

(Continuação da pág. 34)

beiros aparassem a queda da infeliz moça.

Terminados os serviços de salvamento e apagado o fogo, que, após mais de uma hora, atingiu o salão, os cadáveres foram removidos e colocados no necrotério, à disposição de pessoas que quisessem identificá-los.

Ninguém morreu queimado e, entre os escombros do edifício, no dia seguinte, não foi encontrado nenhum corpo, o que prova que o pânico foi o único responsável pelo sinistro acontecimento que enlutou a cidade. Dois policiais perderam a vida no cumprimento do dever: o cabo Antônio Duarte do Amaral, do Corpo de Bombeiros, e o investigador Armando dos Santos, do D.O.P.S.

Durante todo o dia e a noite de domingo, dia 14, milhares de pessoas acorreram ao necrotério e ao Hospital das Clínicas, buscando notícias de parentes, amigos ou empregados que teriam sido vítimas do acidente. Nesse dia, 32 mortos foram reconhecidos e inúmeros feridos tiveram alta, permanecendo 23 na seção de traumatologia daquele nosocômio, por necessitarem de cuidados especiais e cura demorada.

CELEUMA «POST-MORTEM»

São Paulo ficou de luto. Os vespertinos soltaram edições extraordinárias no domingo e o assunto da semana foi o desastre apavorante do «28 de Setembro». Vereadores gritaram na Câmara, a Polícia Técnica deu seu laudo e presume-se que a causa do incêndio tenha sido um curto-circuito.

A Prefeitura, legalmente, está isenta de responsabilidade. Semestralmen[te] essas casas de diversão solicitam a[l]rás. Há vistorias e um engenheiro [c]sua lotação. O clube em questão comportava 140 pessoas. Havia mais de 300 em seu interior. Agora, cogita-se de fazer leis para regular o tipo de construção para essas casas de diversão. Verdade é que centenas de salões existentes na cidade não dispõem senão de uma entrada e saída, estando seus freqüentadores sujeitos aos mesmos riscos. Medidas serão tomadas. Foi preciso que 53 pessoas pagassem com a vida o tributo da incúria de alguns homens públicos. Porém antes tarde do que nunca. A Municipalidade diz que vai agir.

Quanto ao restante da história, sua dramaticidade, sua veracidade brutal e chocante, o leitor poderá ver nas fotos. Falar mais seria fazer romance e não é possível fazer romance tendo-se diante dos olhos as cenas dramáticas, chocantes, dantescas a que presenciamos. Seria desumano. Melhor mesmo seria não termos que registrar, periòdicamente fatos como êste. Não há muito, foi o Cine «Rink», em Campinas, cujo desabamento do teto roubou a vida de dezenas de inocentes crianças. Agora, êste lamentável sinistro, num salão de baile, que nos deixa a cismar e a perguntar o que fazem os organismos oficiais de fiscalização. Não se deve apenas regular, legislar e fiscalizar após tais fatos, mas prever, deduzir e agir dentro das normas racionais. Mas fiquemos por aqui. As fotos que ilustram esta reportagem falam mais do que quaisquer adjetivos. O leitor poderá deduzir, por elas, o que foi a dolorosa catástrofe do dia de Santo Antônio.

A FORNARINA

(Cont. da pág. 39)

e mais ainda de vossa graça, senhora, e dessa mansão, Magnífico Agostinho, que quereis tornar ilustre pelo vosso interêsse pela arte.

Impéria se achegou afetuosamente a Agostinho:

— O mestre tem razão e nós temos bastante confiança nêle para não duvidar... É verdade que nunca o vimos assim, Rafael — e a mulher teve um sorriso quase de cumplicidade — se alguém o compreende, sou eu... Desejaria, porém, conhecer essa mulher que o faz suspirar e vibrar.

O pintor enrubesceu como um menino, e, para evitar perguntas mais diretas, inclinou-se profundamente. Atingiu o jardim da mansão a passos rápidos e, com um pulo, saltou sôbre o cavalo, dizendo-lhe:

— Pior do que eu são os outros, que diagnosticam meu mal. Mas, se é um mal devo curar-me. Vamos... É preciso que a veja de perto e que lhe fale.

★

Já era tarde, e Rafael não esperava encontrar a bela criatura que o confundia. Todavia, aproximando-se do jardinzinho que contornava a casa da Fornarina, pôs o cavalo a passo e fê-lo parar, assim que se deu conta de que da sala dominava o interior do jardim.

Margarida havia se agachado junto de uma pequena fonte e imergia os pés na água. Vestia o trajo clássico das romanas: camiseta de linho branco, franzida, por dentro do corpete de veludo. Havia levantado a saia ampla, até os joelhos. Balançava-se como se acompanhasse as notas de uma canção.

Avidamente admirava, Rafael, aquêle corpo estatuário e, ao mesmo tempo, tão macio e delicado. Até nos gestos, nos movimentos, ela revelava uma graça apurada e Rafael desejou que aquela visão continuasse para sempre.

Talvez a rapariga sentisse os ardores daqueles olhares. De chôfre, de fato, levantando a cabeça, percebeu o cavalheiro e enrubesceu ao ver-se assim surpreendida. Alegria, timidez e desejo impediram Rafael de pronunciar nem mesmo uma só palavra de saudação. Nos olhos da mocinha, porém, acreditou perceber mais do que uma reprovação pela sua indiscreção, uma chama de simpatia. De fato, os dois rostos se refletiram um no outro, revelando uma ânsia comum.

(Cont. no próximo número)

FLOR DO TABULEIRO

(Cont. da Pág. 23).

mente o sol era de novembro e ainda fazia mais calor.

Como eu tinha mexido com um amigo uma burra passeira por duas novilhotas, e vinha muito distraído assuntada nas vantagens da troca, talvez que nem tivesse visto nada, se o vulto não desse nos meus olhos com o seu vestido vermelho.

Fiquei curioso daquele encontro. Se não era tempo de mangaba, que é que estaria fazendo por aqui aquela mulher? Só se ela estava apanhando sementes de batiputá.

Quando cheguei o cavalo mais perto, ainda fiquei mais espantado. Era uma menina, que não devia ter mais de uns 13 anos. Quis saber, então, o que fazia por ali, mas ela começou a chorar, sem querer responder. Com jeito, soube depois que fugira de casa na véspera, para evitar os maus tratos da madrasta, e estava perdida neste meio de mundo.

Fazia pena o estado da coitadinha. Estava passada de fome e eu ainda vi na areia o esponjeiro em que dormira. Não tive dúvidas. Botei-a na garupa do meu pampa e levei-a para casa.

— Também só assim o senhor descobriria uma flor no tabuleiro, comentei eu, com a recordação bem viva do lindo palminho de cara que, alguns anos antes, quando da minha primeira estada no Rio Grande do Norte, me preparava, na casa do Sr. Pádua, saborosíssimos cuscus para o café da manhã.

— Não brinque, seu doutor. Se o senhor soubesse que desgostos me trouxe êsse meu gesto... Bem diz o vaqueiro: por falta de um grito, muitas vêzes se perde uma boiada.

E o Sr. Pádua prosseguiu a sua história, não sem certo acanhamento, talvez porque lhe fôsse de algum modo estranho o Dr. Alencastro.

A sua primeira idéia fôra restituir a menina ao pai, que êle soube depois ser um ferreiro italiano, residente numa localidade próxima. Para isso, logo no dia seguinte, mandou chamá-lo. O italiano, porém, não se deu pressa em vir e só oito dias depois apareceu, assim mesmo para queixar-se muito da vida e dizer que não sabia como resolver aquêle caso. A menina, de fato, não se dava com a madrasta e já era a segunda vez que fugia de casa. Se o Sr. Pádua quisesse ter a bondade de tê-la em sua companhia, ao menos por algum tempo, mesmo que fôsse para aproveitá-la nos serviços domésticos...

Por seu turno, a pequena, nem por sombra, queria ouvir falar em voltar para casa. Era bastante aventar-se

esta hipótese para que ela logo rompesse em chôro convulso, capaz de enternecer o coração mais duro.

Nessa emergência, o Sr. Pádua tomou a si a pequena Anunciata, não sem certa relutância da mulher que, com o seu coração de mãe, parecia já antever os dissabores que, mais tarde lhes adviriam de semelhante resolução.

— Olhe, Pádua, que o nosso Gabriel já está beirando os dezesseis e esta menina, com mais um pouco, é uma moça.

— Deixe disso, mulher. Já está você apragatada, querendo prever maldade onde nunca poderá existir. O Gabriel é ainda um criançào. Depois, Deus me livre que êle não soubesse respeitar a nossa casa.

Mas a mulher insistia:

— Não sei... mas esta menina tem uns olhos de xexéu... Mais vale prevenir do que remediar.

— Olhos de xexéu? inquiriu, e curioso à nova alusão.

— Ah, o doutor não sabe? Nós aqui temos muita cisma com as pessoas que têm olhos azuis, como o xexéu. Quase sempre elas têm um temperamento sanguinário.

— Mas, enfim, houve sempre motivos que justificassem as desconfianças de sua senhora?

— Se houve, seu doutor! Parecia que ela estava adivinhando tudo. — O Sr. Pádua deu um suspiro profundo e, depois, agitando a cabeça para os lados, num gesto de desânimo: — Foi uma desgraça! Dois anos depois a Anunciata estava mesmo uma moça. E que moça! Ah, o senhor viu ela lá em casa. Não era bonita? Bonita e boa, mas bonita de verdade, sem os rebiques e iludimentos dessas mundiças da cidade. E, depois, como ela era carinhosa! Parecia mesmo uma filha. Minha mulher não tinha razão quando temia os seus olhos de xexéu. Ela até não era nada genista...

O dia... O Sr. Pádua ia dizer diabo mas corrigiu-se ainda a tempo, para evitar palavra que não gostava de pronunciar: — O não sei que dia que o Gabriel se apaixonou por ela e, quando eu abri os olhos, a coisa já ia adiantada. Logo no primeiro rompante, pensei em me desfazer da pequena, mas era difícil. Já por êsse tempo o italiano tinha morrido. Depois, mesmo que isso fôsse possível, não sei se teria coragem para tanto. Eu já queria a Anunciata como uma filha. Não quis fazer fusuê. Chamei, então, Gabriel à minha presença, e positivei que êle acabasse logo e logo com aquilo, se não queria que eu fôsse às últimas. O pequeno nem teve coragem de me dizer nada e sumiu dos meus olhos mais branco do que êsse seu paletó.

Mas qual!! Aquela coisa já estava enraizada nêle e era pior do que urucu em pau de aroeira. Um mês depois, voltando muito enfadado de uma viagem, dei com os dois conversando baixinho no terreiro, por detrás de uma tapagem plantada de mororós. Não tive mãos em mim. Fiquei como que alesado vendo aquela vergonheira dentro de minha casa e caí de relho em cima dêles. Era para matar se minha mulher, com o fardunço, não tivesse acudido ainda a tempo.

Nessa mesma noite a Anunciata desapareceu de casa. Não sei por que, mas dei logo em pensar que ela tivesse fugido para êste tabuleiro, onde eu a tinha encontrado três anos antes.

No dia seguinte, eu e mais uns com... ...ogo ceuinho, demos uma batida por isto tudo. Não me enganara. Já estavamos cansados de procurar e íamos voltar, quando demos com o seu corpo, já todo roxo, junto do cajueiro que eu vou mostrar aos senhores. Ela tinha-se enforcado com uma corda de caruá.

O Sr. Pádua quedou-se cogitativo por alguns instantes, depois concluiu:

— Quando cheguei em casa, levando a notícia, já encontrei também morto o meu filho, que arranjara jeito de disparar um rifle na cabeça.

Mediou um silêncio opressivo. Possuídos da mesma emoção, andamos calados por algum tempo, até que o nosso cicerone de novo voltou a falar:

— Olhem, foi ali. Estão vendo aquêle pé de pau mais linheiro? Ao lado não tem um outro menorzinho? Pois foi naquele cajueiro. Reparem só como êle é baixinho. Foi preciso até que ela se ajoelhasse, para que o garrote pudesse correr melhor.

E nós atentamos tristemente para o arbusto pêco e de galhaça tortuosa, sob cujas ramas em desfolha fenecera a única flôr do tabuleiro.

O MONUMENTO DE D. JOÃO VI

(Cont. da pág. 51)

tece, as curiosidades de um Museu, o pitoresco do Horto, atopetado de espécies asiáticas, as repartições e os tribunais, Exército e Marinha, a exuberância alegre de uma nacionalidade que brota do solo fértil e do clima áspero, como as fôrças cósmicas na sua eclosão irresistível...

Isto tem a data das palmeiras reais que êle mandou plantar no seu Jardim. Enquanto não lhe fizerem o monumento que estamos reclamando, as palmeiras reais espalhadas por esta cidade e pos êste país continuarão a recordar — e sòmente as palmeiras — o benfeitor remoto do Brasil.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use PÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2 BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas das págs. 16 e 17

PUXE PELO CÉREBRO

1 — Holanda
2 — Barra de S. João
3 — Costa Rica
4 — Brasil
5 — 299.625
6 — Automóveis
7 — Minas Gerais de Cataguá
8 — Por ter fundado Curitiba
9 — No México
10 — O avestruz
11 — Água Vermelha
12 — Mariano José Pereira da Fonseca
13 — Muitas ilhas em grupo
14 — 50.000
15 — Francisco Braga.

QUEM DISSE ISSO?

1 — Mme. de Sévigné
2 — Salomão
3 — Goldsmith
4 — Jean Jaurés
5 — Dostoievsky.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n.º 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

SOMOS TODOS ASSASSINOS



O diretor André Cayatte dá as últimas instruções ao ator infantil Georges Poujouly, durante a filmagem da produção «Somos todos assassinos».

É com êsse título, que assistiremos o segundo filme de uma trilogia que o diretor André Cayatte está fazendo, e que aborda o tema da justiça. O primeiro foi «O Direito de Matar» (Justice Est Faite), que focalizava o problema da eutanásia com muita profundidade e era encarado com bastante realismo por parte de seus realizadores, que discutiram com uma coragem poucas vêzes vista, um assunto que tem merecido de todos os médicos e juristas do mundo inteiro estudos prolongados, provocando as discussões mais acaloradas, além de apaixonar grandemente a opinião pública, que vem acompanhando com grande interêsse tudo que diz respeito a êsse assunto. «Somos Todos Assassinos» (Nous Sommes Tous Assassins), que recebeu os prêmios do Festival Internacional de Cannes de 1952 — «Louros de Prata 1952» — e o de melhor interpretação masculina atribuído ao ator Raymond Pellegrin, dado pelo júri do Grande Prêmio Feminino do Cinema de 1952, tem nos papéis principais Marcel Mouloudji, Raymond Pellegrin, Georges Poujouly, Antoine Balpetre, Julien Verdier, Claude Laydu, Yvonne Sanson, Amadeo Nazzari, Louis Seigner, André Reybaz, Yvonne Debray, Henri Vilbert, Paul Frankeur, Line Noro, Anouck Ferjac, Marcel Peres, Juliette Faber, Alexandre Rignault e Silvier.

● «Somos Todos Assassinos» — uma co-produção franco-italiana da Union Generale Cinematographique e Jolly Film-Labor Filme distrubuída pela França Filmes — teve o seu argumento feito por André Cayatte e Charles Spaak, com diálogos dêste último, e a fotografia de Jean Bourgoin, o magnífico fotógrafo de «Escravas do Amor», girando seu tema em tôrno da pena de morte, que André Cayatte discute com o auxílio de Charles Spaak, mostrando os negativos benefícios que trazem a condenação de criminosos à pena de morte. Para isto, serviu-se de quatro condenados à morte, colocando-os apenas numa cela, em vista da falta de acomodações no presídio, passando a estudar o drama íntimo de cada um, bem como os motivos que os levaram até ali. O primeiro dêles é o Dr. Dutoit (Antoine Belpetre), criminoso sarcástico, que envenenou a própria espôsa, talvez pelo amor de outra mulher, apesar de negar enèrgicamente. Na hora de sua morte, marcha dignamente depreciando completamente o suplício, que dentro de poucos minutos irá sofrer, negando os serviços espirituais que lhe oferece um sacerdote. Em frente de seus parentes, que lhe vêm fazer um último pedido, no sentido que confesse o seu crime, co.pe-lhes na cara, protestando a sua inocência.

O segundo condenado é Gino (Raymond Pellegrin), um de cendente de piratas, que mata um inimigo secular de sua família numa vendeta clássica que existe entre os piratas, que solucionam seus casos segundo suas leis e sua concepção de honra. Êle mata outro homem, dando tôdas as possibilidades de defender-se, pois o faz frente a frente. Ao ser prê.o e amarrado com grilhões de 4 quilos, grita: — «Morrer assim, com as mãos atadas, sem possibilidades de defender-me, é uma vergonha!». O terceiro condenado, é Bauchet (Julien Verdier), quê matou com um atiçador de brasa sua filhinha, porque esta não o deixava dormir à noite com o seu chôro contínuo. É o mais covarde de todos, pois quando chega a hora de se encontrar com a guilhotina, usa de todos os recursos para prolongar seus últimos momentos de vida, terminando por confessar seu horrendo crime da maneira mais intensa.

● O quarto e último condenado à guilhotina, é um jovem que não recebeu instrução de espécie alguma e nunca teve nenhuma profissão que lhe houvessem dado seus pais e a sociedade. Filho de pai desconhecido e mãe alcoólatra, é êle René Le Guen (Marcel Mouloudji), que uma tarde, durante a ocupação nazista, resolve transportar o cadáver de um alemão, que tinha sido morto em casa de sua irmã que exercia a prostituição, sendo obrigado a matar os ocupantes da resistência, bem como um francês que trai esta mesma resistência. Daí por diante segue matando, sem distinguir o crime do heroísmo, tornando-se um produto, como tantos outros, das conseqüências da guerra... Prêso e condenado à morte, aprende a escrever, redigindo uma carta ao Presidente da República. Quanto aos tribunais militares, seu caso toma feição diferente, porque êle havia matado um francês que tinha traído a resistência. A espôsa dêste faz-se passar como viúva de um mártir que havia tombado em luta pela liberdade de seu país... Aí estão, portanto, quatro caracteres que ilustram bem o tema que André Cayatte disseca através de sua obra cinematográfica, combatendo com tôdas as suas fôrças a pena de morte e defende uma tese — delicada sob todos os pontos de vista — que tem sido motivo de discussões em todo o mundo e, principalmente, no Brasil.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

A SAÚDE DO BEBÊ

DOENÇAS DO SANGUE NA CRIANÇA

Dr. Saboia Ribeiro

AS alterações na estrutura do sangue, nos seus elementos figurados ou no seu plasma, na criança, não são raridade. As que se caracterizam, sobretudo, pelo aspecto meramente quantitativo do elemento corante do sangue como as anemias de carência (falta de ferro e vitaminas alimentares, falta de luz e sol, aeração bastante), essas são antes muito freqüentes, bem como as secundiárias, por causa das verminoses e certas infecções.

Das alterações no plasma sobressaem, em especial, duas — semelhantes nos seus sinais aparentes (pequenas e inúmeras hemorragias na pele e nas mucosas), ambas alçando a criança até mesmo na primeira infância, porém mais comumente para a idade escolar: a Púrpura e a enfermidade de Werlhof. Como se vê, trata-se de moléstias atingindo a criança na mais tenra idade. As leucemias constituem as alterações do sangue que se caracterizam pelo aspecto qualitativo, isto é, mudanças da fórmula do sangue, com inversão na proporcionalidade de seus elementos brancos e vermelhos, *e, daqueles, predomínio de uns tipos sôbre outros e ainda a presença de elementos anormais no sangue.*

● As leucemias pertencem ao número das alterações qualitativas mais graves do sangue da criança. Caracteriza-se pelo aumento excessivo dos glóbulos da série branca. Se o diagnóstico das anemias da criança é, em geral, fácil, pois tudo se resume na diminuição moderada dos glóbulos vermelhos e acentuada da hemoglobina, já o diagnóstico das leucemias se cerca de certas dificuldades por causa de modos de reação do sangue da criança.

A criança de tenra idade costuma reagir com uma linfocitose intensa que é, aliás, chamada, reação leucêmica. Outra particularidade, nela, é que, ao lado dessa freqüente reação leucêmica, costumam também o baço e o fígado mostrar aumento de volume em muitas e muitas infecções que a atingem, simulando o quadro geral de uma leucemia. Contudo, a leucemia é muito rara antes de 1 ano de vida. Uma leucocitose atingindo de 100 a 400 mil, fala pela leucemia. Uma leucocitose até 30 mil, é antes comum nas anemias infantis.

● *A intensa linfocitóse atingindo a mais de 100.000 linfócitos, caracteriza a forma linfoidéia. Na forma mielóide o aumento é devido ao predomínio da série mielóide.*

A forma mielóidea é extremamente rara antes dos 4 ou 5 anos.

Sempre se pensará na leucemia, tôda vez que se deparar generalizado entumescimento dos gânglios linfáticos periféricos, hemorragias sub-cutâneas e mucosas, e forte aumento do número de glóbulos brancos. Na criança mais crescida ocorre a forma crônica.

A forma aguda reveste o caráter de uma infecção e vem com febre, cefaleia, vômitos, e como quer que seja, dentro de poucas semanas o quadro alcança o seu desenvolvimento completo, acentuando-se a anorexia, a prostração e as dores osteo-articulares.

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.



ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS A EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

O MONUMENTO DE D. JOÃO VI

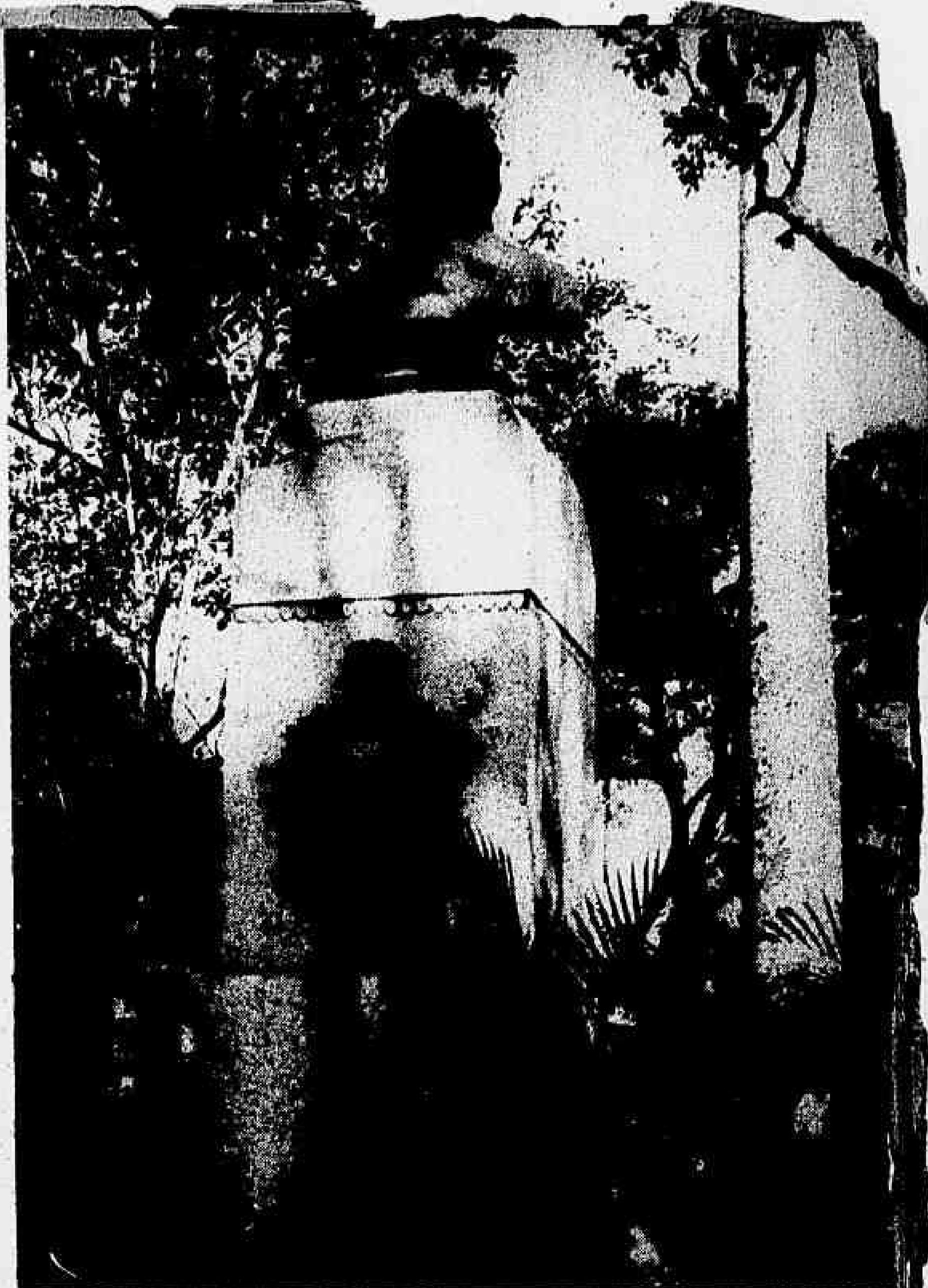
PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)

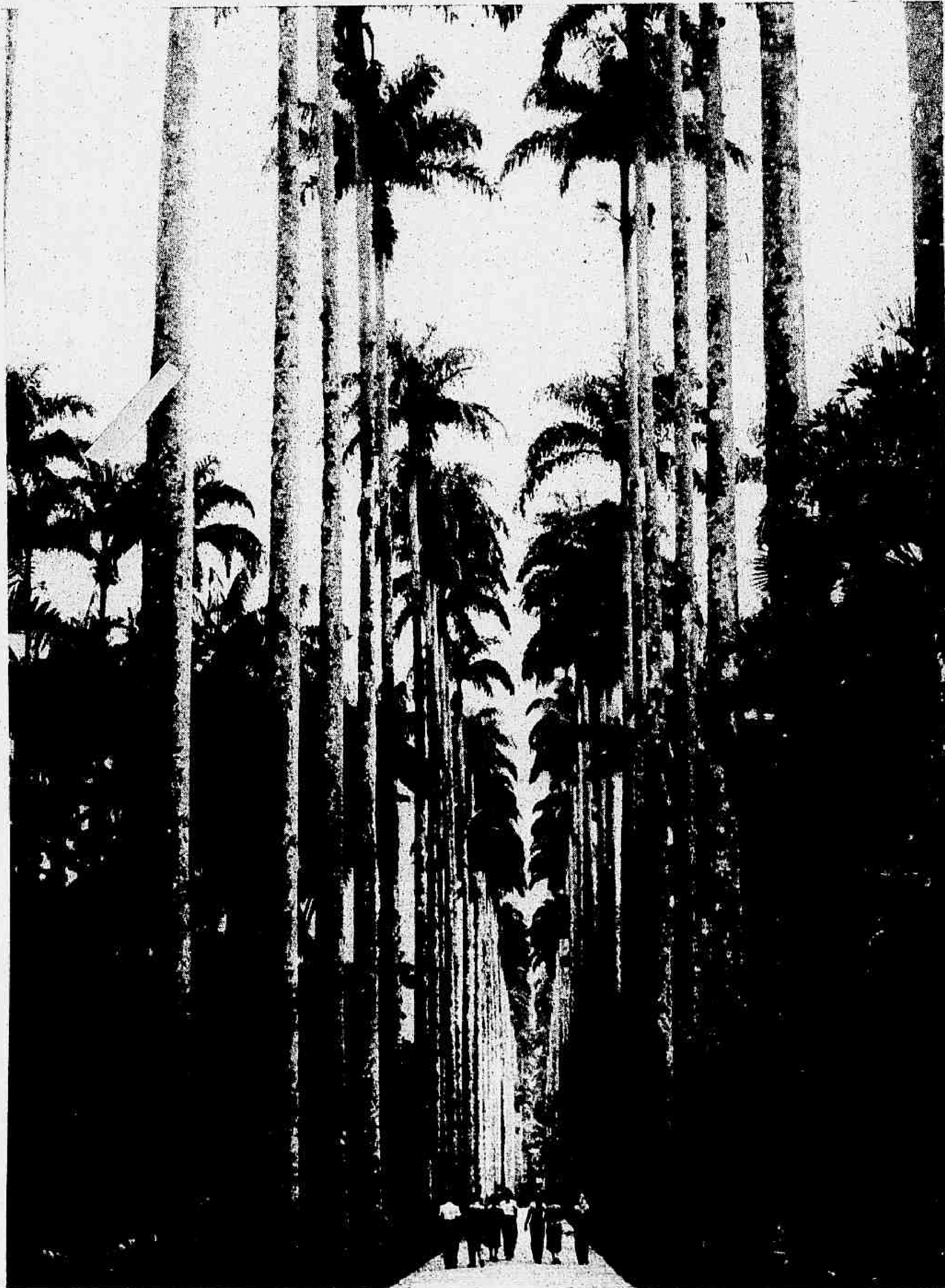
VAMOS convir que ao Rio de Janeiro faltam monumentos públicos proporcionados à sua grandeza. Alguns, é certo, esconsos e tristes, lhe sobram. Mas por outros espera, há muito tempo, a filosófica paciência da posteridade. E porque nos aproximamos do seu quarto centenário, perguntamos: onde a bela e alta pedra comemorativa dos fundadores? É urgente pagar a dívida de quatrocentos anos a Estácio e Mem de Sá, heróis da gesta inicial. Mas sem esquecer Anchieta e Nóbrega, que estenderam sôbre a batalha selvagem a unção cristã. E reservando um lugar para o último tamoio. Por que não se eleva uma estátua em honra de D. João VI, que deu à terra o esplendor de côrte, que aqui situou o seu império, e a transformou, como ao toque mágico de um encantamento, na primeira das nossas cidades?

Insistimos nessas obrigações municipais. São antigos compromissos que oneram as gerações: e constituem deveres de civismo e justiça a desafiarem a inspiração dos artistas, as reivindicações da cultura, os protestos patrióticos azedados pela inevitável comparação.

Vai-se a uma das vizinhas capitais americanas, e logo o que avulta, nas suas praças desafogadas, é a vasta «presença» do prócer, do patriarca, do cavaleiro de capa e espada que se apossou do país em nome do seu rei, figuras indispensáveis do cerimonial urbano, e seus símbolos. Encontramos assim a Zavala, Garay, Valdivia, Pizarro. Contemporâneos dêles, temos os nossos. Merecem a mesma consagração. Prestam-se a uma apoteose semelhante. E completariam, sem dúvida, a paisagem sentimental de São Sebastião do Rio de Janeiro. Dar-lhe-iam, pelo menos, a dimensão tradicional, a sua nobreza grave e modesta. Quanto a D. João VI, é inexplicável a ingratidão carioca. Pesa-nos verificar que a posteridade, na sua avareza, dêle se lembrou sòmente para lhe plantar o busto de bronze à sombra de suas queridas palmeiras, num recanto do Jardim Botânico, longe de tudo, na paz poética do seu museu de árvores... E todavia êsse príncipe de boa memória foi, mais do que ninguém, benemérito da cidade. Depois do que se tem pesquisado e escrito, isto é, a partir de Oliveira Lima, é lícito acrescentar: a Independência veio com êle. E mais do que a libertação oficial: a civilização. Essa sutil e opulenta cultura de sociedade bem informada nos seus gostos, bem construída nas suas casas, bem vestida nos seus costumes, bem criada nas maneiras e nas idéias, que é coisa de país maduro e não de colônia verde — nos trouxe êle com as bagagens da sua mudança e a lucidez do seu govêrno. Detenhamo-nos neste ponto da crítica retrospectiva. Sem aquêle Bragança obeso e calmo, que na falsa inércia, de fim de raça, parecia destinado a arrastar consigo, na mesma queda, o trono e a nação, o Brasil não teria hoje a sua forma estrutural, a integridade maciça, a consistência e a consciência que, graças a Deus, o solidificam. Seria diferente, inevitàvelmente outro, porque seria o Brasil sem a transição sábia dos regimes políticos, a união das províncias no feixe monárquico, a educação cívica do século XIX, com a sua escola de estadistas e o seu sensato legalismo. D. João VI desembarcou inesperadamente nestas plagas, com a Europa. Enéias valoroso (louvaram os oradores sacros nos sermões gratulatórios), carregou às costas o pai Anchises: Portugal. Na realidade, transportava a soberania. E o seu conteúdo moral, o fogo eterno dessa liberdade: a alma portuguêsa. O invasor, que o expulsou, conquistara um país politicamente deserto, pois o seu govêrno, com as principais pessoas do Estado, emigrou para os domínios de ultramar. Transferiu-se para o seio do «novo império». E estabeleceu-o. Aí começa a distinção singular entre as duas metrópoles ibéricas. Com a invasão francesa perdeu a Espanha a América espanhola; Portugal socorreu-se da sua. Cresceu com ela. Elevou-a a Reino Unido. E daqui não sairia o rei esperto, espertamente acomodado nas delícias bucólicas da Boa Vista, se as exigências da revolução liberal não lhe perturbassem o sossêgo e o forçassem a repatriar. Mas voltou contente da sua obra, cansado do seu trabalho imenso, dois povos divididos, exatamente para o conservarem — naquele tempo em que os povos irritados começavam a despedir os príncipes. Os brasileiros amotinaram-se, para que ficasse; os portuguêses para que regressasse... E entre essas duas violências lisonjeiras deixava lineado, esboçado e definido um Brasil respeitável, com a sua capital engalanada pelos primeiros e largos traços da sua dignidade civil. Com as belas artes e a sua arquitetura severa, abertos os portos ao comércio internacional, a rua Direita cheia de negociantes inglêses e a rua do Ouvidor colorida de modas parisienses, o balbucio indus-

(Cont. na pág. 49)

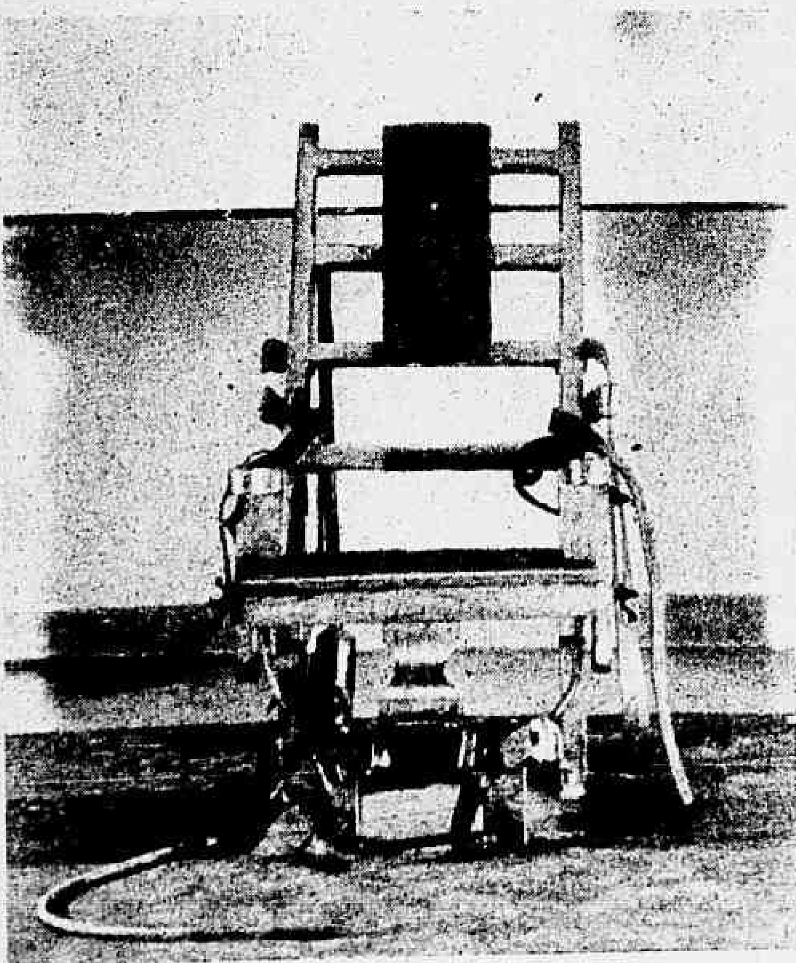

Busto de D. João VI, no Jardim Botânico do Rio.


Palmeiras reais, mandadas plantar por D. João VI, e que constituem seu único monumento no Brasil.



Antes da execução na cadeira elétrica, Julius e Ethel Rosenberg obtiveram permissão para conversar, porém através das malhas de arame.

NA CADEIRA ELÉTRICA



A sinistra cadeira elétrica de Sing-Sing, na qual são liquidados os condenados à morte.

DOIS ANOS, DOIS MESES E DEZENOVE DIAS ESPERANDO A MORTE ★ MORRERAM INOCENTES, OU FORAM MESMO CULPADOS? ★ UMA ELETROCUÇÃO QUE AGITOU O MUNDO ★ SEUS DEFENSORES CONTINUARÃO NA CAMPANHA DE PROVAS ATÉ A CONCLUSÃO FINAL

(Fotos RECORD e UNITED PRESS)

JULIUS ROSENBERG e sua mulher Ethel Rosenberg foram acusados e presos, em março de 1951, como agentes da Rússia, pertencentes a uma rêde de espionagem atômica nos Estados Unidos. Recolhidos ao xadrez, deu-se início a um dos mais volumosos processos de que há memória nos auditórios da terra de Tio Sam, terminando a Justiça do país por declará-los culpados. Seu crime é capitulado, em qualquer código, como o mais vergonhoso e degradante: o de espionagem em favor de potência estrangeira, especialmente quando é considerada inimiga. O casal Rosenberg foi para Sing-Sing, condenado à morte na cadeira elétrica, com data marcada. O seu advogado, Emanuel Bloch, porém, desenvolveu a mais dramática das pelejas forenses, a fim de provar a inocência dos seus constituintes, aduzindo documentação que, dia a dia, mais se avolumava. Na primeira manifestação da Côrte Suprema da Justiça norte-americana, houve dois votos a favor dos indigitados espiões atômicos, enquanto a maioria dos juízes votava contra os mesmos, confirmando a sentença inicial, que os mandava pagar com a vida a traição aos Estados Unidos. Tudo se passava ao tempo do presidente Truman, ao qual foram encaminhados constantes pedidos de indulto, ou comutação da pena de morte, para a de prisão perpétua. Mas Truman não quis decidir o caso Rosenberg e, lavando as mãos como Pilatos, entregou o espinhoso caso nas mãos de seu substituto, Dwight



Michael Rosenberg, de dez anos, lê para seu irmão Robert, de seis, notícias sôbre a eletrocução de seus pais, Julius e Ethel Rosenberg, na prisão de Sing-Sing. As duas crianças foram levadas para uma casa de campo de amigos de sua família, em Toms River, New Jersey.

OS ROSENBERG...

Os dois condenados quando ouviam, a 11 de fevereiro, a notícia de que o presidente da República não concedera clemência, mantendo a decisão judicial de morte por eletrocução.



O dr. G. K. McGracken, médico de Sing-Sing, entrando naquela cadeia, antes da execução.

Eisenhower. Desde então o mundo inteiro passou a interrogar: «Concederá o novo presidente a clemência pedida, ou se manterá firme na condenação dos acusados?». A opinião pública se apresentava muito dividida, tanto nos Estados Unidos como no resto do mundo. Milhões de pessoas eram contra o casal, reclamando para êle a punição exemplar; por outro lado, milhões de outras pessoas eram a favor da clemência, e, se não fôssem indultados ou exculpados, pelo menos lhes fôsse concedido o adiamento da morte, até que pudessem provar a inocência que tanto juravam. Mais uma vez se pronunciou a Suprema Côrte de Justiça dos Estados Unidos e, já então, o número dos juízes que tinham dúvidas sôbre a culpabilidade dos Rosenberg era maior: cinco contra quatro. Foi quando o juiz Douglas concedeu o «sursis» pedido e houve um lampejo de esperança na alma dos que esperavam essa publicidade para salvar da cadeira elétrica os dois acusados de espionagem em favor da Rússia. Eisenhower, porém, se manteve inflexível. De Roma, além de mensagens dos mais variados aspectos, chegava ao conhecimento da Casa Branca que o Papa era favorável à clemência em favor dos condenados à morte; da França, da Inglaterra, do Brasil, da Argentina, do Uruguai, abaixo-



O advogado Emanuel Bloch, que levava completo «dossier» para apresentar ao presidente Eisenhower, é impedido de entrar na Casa Branca.



Repórteres assediando o dr. Harold W. Kipp, chefe dos cirurgiões da Penitenciária de Sing-Sing, a quem coube atestar a morte do casal.



Grande multidão, num comício em Nova York, rua 17, entre a Broadway e a Quinta Avenida, ouve a palavra dos que se bateram, até a última hora, contra a execução do casal Rosenberg, acusado de fornecer segredos atômicos à Rússia, eletrocutado naquele mesmo dia.

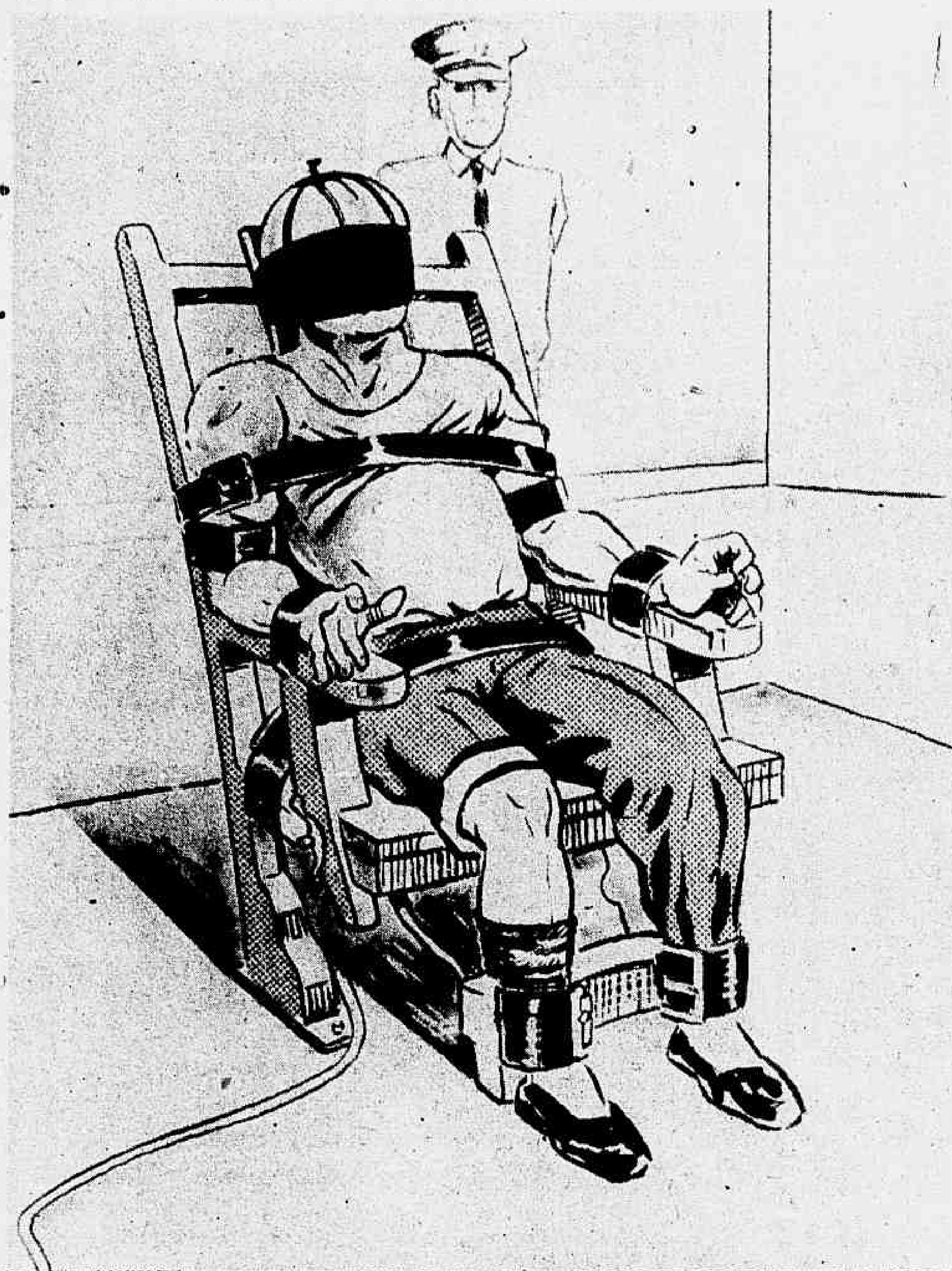


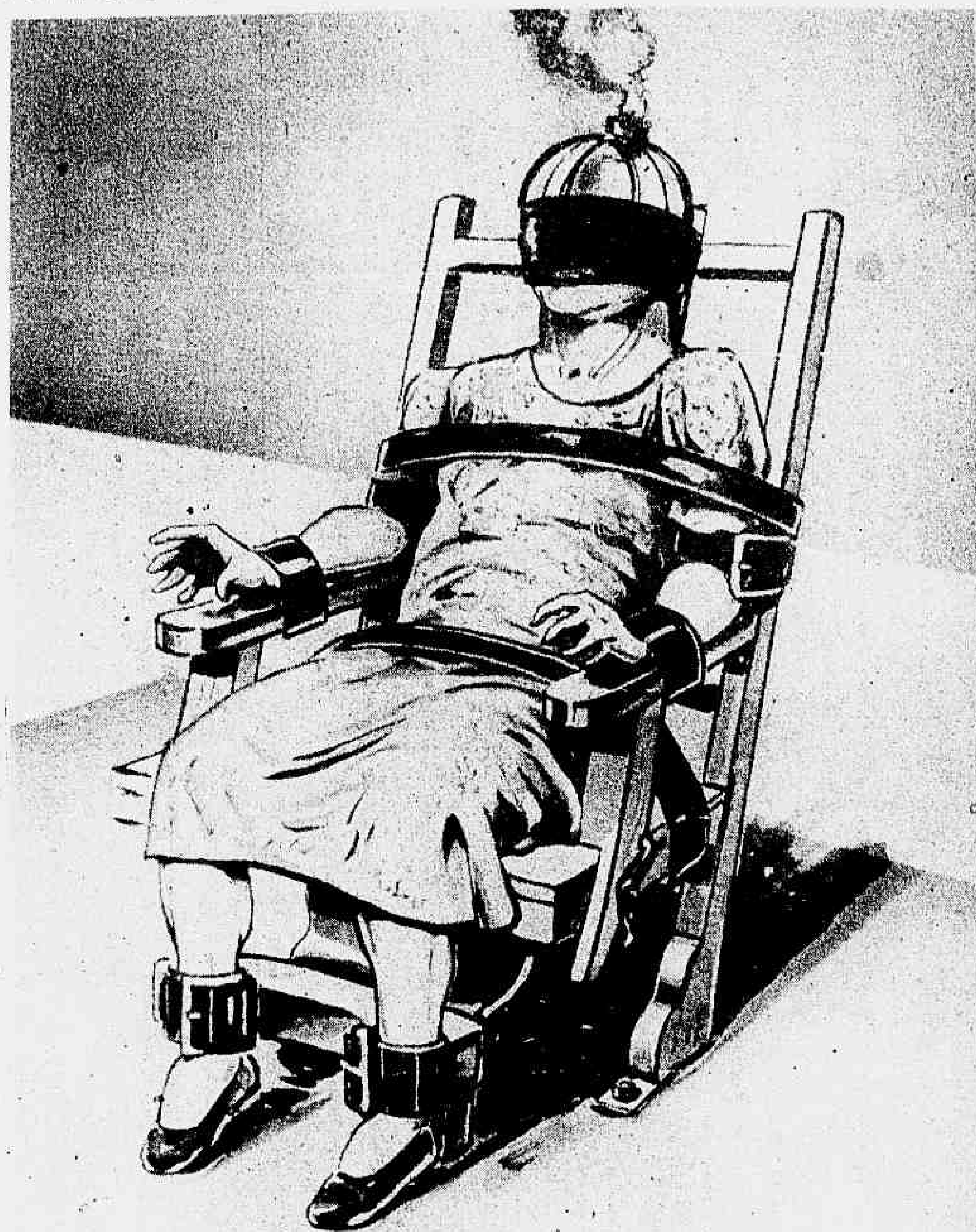
Manifestantes pró e c[illegible]ndenados à morte, fazem demonstrações nas ruas de Nova York, defronte à Suprema Côrte de Justiça



Mais de 2.500 pessoas se concentram na praça União, em Nova York, e manifestam seu protesto contra a morte do casal de cientistas.

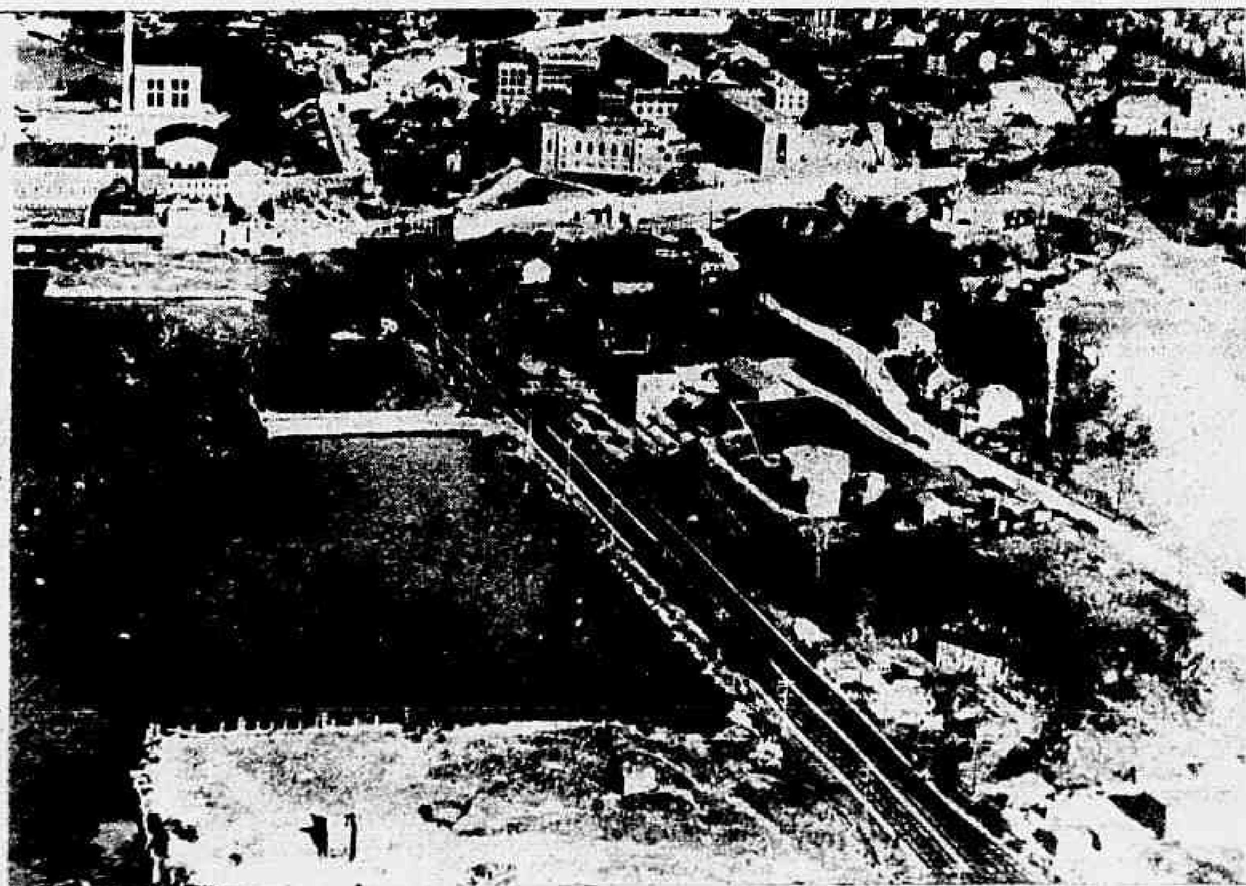
OS ROSENBERG NA CADEIRA ELÉTRICA





O desenhista Joseph N. Curry reproduziu, nestes desenhos, a cena final da morte de Julius e Ethel Rosenberg, na noite de 19 de junho próximo passado, em conformidade com o minucioso relato que lhe fêz o repórter da United Press, Woliston, que estêve presente ao ato.

assinados, apelos, mensagens de organizações civis e de Casas Legislativas, com todo o cunho oficial, afluíram para Washington, pedindo, patèticamente, fôsse concedido o «sursis» aos Rosenberg. No Parlamento brasileiro, coube ao general Flores da Cunha, deputado federal, encaminhar um pedido dêsses, nas últimas horas. O «sursis» concedido pelo juiz Douglas foi derrotado pelos que afirmavam que o casal era culpado, e a data de eletrocução fixada, sem mais tardança, para o dia 19 de junho. O advogado e a mãe de Julius visitaram-nos, levando os dois filhos dos acusados, um de dez e outro de seis anos, a fim de que recebessem dos encarcerados o beijo mais triste que pode sair dos lábios de uma mãe ou de um pai. O presidente Eisenhower mantinha-se atento aos acontecimentos e esperava que, no último instante, Julius e Ethel confessassem. Se assim o fizessem, ficariam livres da cadeira elétrica. A mãe de Julius insistiu: «Meu filho, se você é culpado, confesse!». Mas tanto êle como a mulher se mantiveram inflexíveis: «Somos inocentes». A corrente em favor do casal aumentou quando uma das testemunhas que haviam deposto contra êles, a sra. Greenglass, irmã de Ethel, contrariando suas declarações anteriores, confessou que havia jurado falso testemunho. Ao aproximar-se a hora da execução, outros advogados, espontâneamente, vieram a Nova York, a fim de defender o adiamento da morte dos Rosenberg, e o dr. Emanuel Bloch, sobraçando uma pasta cheia de documentos, procurou, em Washington, entrevistar-se com o presidente Eisenhower, para expor-lhe novos aspectos da questão e, com isso, obter a suspensão da pena capital; mas, como não havia pedido audiência antecipadamente, sua entrada na «White House» foi proibida pelos guardas. Bloch levava ainda uma carta de Ethel dirigida ao presidente da República, rogando clemência e sustentando inocência. Essa carta, cujo teor não teve divulgação, foi entregue na portaria da Casa Branca, para o presidente Eisenhower, ignorando-se se chegou a tempo. Não tendo sido confirmado o adiamento concedido pelo juiz Douglas, às 20 horas e alguns minutos do dia 19 de junho, foram os acusados levados à cadeira elétrica, onde pagaram com a vida o crime de traição à pátria, o primeiro caso em tempo de paz, sendo Ethel Rosenberg a primeira mulher eletrocutada em Sing-Sing como espiã. Os seus defensores juraram prosseguir na luta para alcançar a verdade. E o mundo continua a interrogar: «Morreram inocentes? Eram mesmo espiões a serviço da Rússia? Tratar-se-á de mais um êrro judiciário?».





Vista aérea da famosa prisão de Sing-Sing, uma das maiores existentes nos Estados Unidos e a única que dispõe de cadeira elétrica, vendo-se, na outra foto, a cela em que estêve prêso Julius Rosenberg, e o corredor que conduz ao temível aparelho elétrico de execução.



O juiz William Douglas, da Suprema Côrte de Justiça, e que concedeu aos condenados os benefícios do «sursis», a fim de que lhes fôsse permitido adiar a eletrocução até que novas provas se juntassem aos autos para julgamento final e que foi negado por 5 votos a 4.

ÚLTIMO FLASH



O epílogo do drama que tocou o coração do mundo: Ethel e Julius Rosenberg jazem em câmara ardente, como se fôssem figuras de cêra, sem que suas fisionomias deixem transparecer, na morte, a terrível tragédia que sôbre êles se abateu. Ela tem na cabeça um pano de sêda e Julius um barrete branco, além do chale, de orações do ritual hebraico, sôbre os ombros. Na outra foto, alguns simpatizantes desfilam diante dos ataúdes, numa casa funerária de Brooklyn. Ao fundo, um carpidor oficial do ritual judaico.

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

VENDAS A VISTA E A PRAZO



Nada supera o prazer de fumar Hollywood

Cigarros
Hollywood
Cia. de Cigarros Souza Cruz
Rio de Janeiro
Hollywood
20

CIGARROS

hollywood

UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H EB 209